

DAMAS DO
Romance

A Impostora

Duologia, *Noivas por Acaso* - 1

DIANE BERGHER



A Impostora

Duologia, Noivas por Acaso - 1

DIANE BERGHER

Copyright © 2020 Diane Bergher

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Camille Chiquetti

Preparação de texto: Julia Lollo

Capa e diagramação digital: Layce Design

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.
Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição digital | Criado no Brasil

A I M P O S T O R A

Sumário

[Apresentação](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Epílogo](#)

[Nota da Autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras obras](#)

[Sobre a autora](#)

[Contato](#)

[Notas](#)



Às mulheres com
espírito desbravador.



A I M P O S T O R A

Apresentação

O Selo *Damas do Romance* tem a honra de apresentar mais uma duologia apaixonante, a qual é obra da criatividade de escritoras talentosas e que se tornou uma de suas marcas registradas. Nessa duologia contamos a história de duas mulheres cujos destinos se entrelaçam para que o anseio pela liberdade as conduzisse de encontro ao amor.

Noivas por Acaso é o esforço conjunto de duas autoras que trazem suas melhores qualidades à tona para nos apresentar narrativas que prometem ao leitor suspiros, risadas e lágrimas ao contar histórias de mulheres à frente de seu tempo. Mulheres essas que são sonhadoras e que lutam por liberdade em um mundo dominado por homens.

Diane Bergher, com seu texto delicado e sensual, conta a história de Beatrice Lennox, a jovem filha de um conde que fora prometida em casamento a um velho duque; mas que foge de seu destino ao embarcar em um navio rumo à América fingindo ser outra pessoa. No entanto, para sobreviver, vê-se obrigada a sustentar tal mentira ao tornar-se esposa do fazendeiro Anthony Baldwin.

Flávia Padula, com sua narrativa impecável e intensa, narra a trajetória de Gisele Austin, uma inglesa desesperada para se livrar da acusação de um crime. Para isso, está disposta a se passar pela viúva de um colono para

garantir sua liberdade após viajar à América em um navio de colonos, complicando-se ao precisar lidar com o irreverente Lawson Baldwin.

Romances que prometem divertir, emocionar e encantar as mais românticas leitoras.

A I M P O S T O R A

Prólogo

Londres, março de 1659.

Se havia uma coisa que entediava Beatrice, a única filha, mas quinta na ordem de nascimento, do Vigésimo Conde de Richmond, era ficar de castigo em seus aposentos por ter ousado contradizer as ordens do pai.

Bem, Beatrice não gostava de se indispor com o pai por qualquer motivo e evitava afrontá-lo, pois sabia que era mais fácil convencê-lo de algo usando seu charme do que sendo afrontosa. Mas o pai havia passado dos limites ao lhe prometer em casamento a um velho caquético, que talvez tivesse idade para ser seu avô, fazendo-a se arrepender de não ter aceitado o pedido de casamento que recebera em sua primeira temporada.

Ao menos o pretendente não era senil, lamentou-se.

Sua mãe ainda tentara elencar os benefícios de ser uma duquesa e mãe do futuro Duque de Kaiserburg. Realmente seria maravilhoso se o pai em questão não fosse tão velho para procriar.

Não. Definitivamente Beatrice não queria se tornar Duquesa de Kaiserburg para ter que viver na Baviera, presumindo ainda que em um castelo mal assombrado; e até poderia se contentar com um título menos

importante. Ela já era filha de um dos condes mais poderosos das ilhas britânicas e o pai poderia muito bem arranjar um jovem baronete para marido. E dinheiro não era um problema, considerando que seu dote era um dos mais ricos do país.

Tudo poderia ter sido diferente se seu pai não houvesse concedido sua mão como parte de um plano para aproximar a Inglaterra da Baviera; e livrar-se daquele compromisso custaria um incidente diplomático tão sério que só traria desprestígio aos Lennox junto à Coroa.

Estava perdida.

E desesperada a respeito de seu destino.

— Com licença, milady! — Uma das criadas adentrou nos aposentos, um amplo apartamento com três espaços muito bem planejados e decorados com papel de parede rosa-chá e sancas douradas. — Trouxe sua janta — disse a jovem e Beatrice arqueou a sobrancelha para analisá-la. Deveriam ter aproximadamente a mesma idade.

— Onde está Lettice? — perguntou, referindo-se à sua criada pessoal.

— Seu pai a proibiu de vê-la, milady — respondeu.

Beatrice soltou um suspiro, pois o pai sabia que Lettice poderia encobri-la em alguma tentativa de livrar-se daquele compromisso. Já não sabia mais o que fazer e considerou a ideia de forçar um escândalo. Isso porque não seria muito difícil ser flagrada em situação comprometedor com um libertino.

— Como se chama? — perguntou, aproximando-se da mesa para se acomodar, convencida de que poderia fazer uma nova aliada.

— Paige Clark, milady — apresentou-se a moça de olhar severo e com os cabelos recolhidos dentro da touca, abaixando a cabeça em uma postura servil.

— Poderia me fazer companhia enquanto janto — sugeriu, mas deixando claro que era uma ordem, não um pedido. Beatrice já estava entediada de fazer as refeições sozinha e precisava encontrar uma nova aliada caso tivesse a intenção de não se casar. Paige não era sua melhor

escolha, precisava ser justa. Mas era a única que teria, já que não podia contar com o tempo ao seu favor e um suborno poderia ser a solução. — Paige, o que acha de me fazer um pequeno favor? — olhou-a de soslaio, abrindo o guardanapo de linho alvejado para cobrir as pernas. — Em troca eu a recompensaria...

— Perdão, milady, mas não seria certo — interrompeu-a Paige, convicta de sua lealdade com a condessa.

— Vejo que minha mãe chegou antes — soltou indignada. — Pois eu dobro a oferta que ela fez a você, Paige. — Beatrice não desistiria tão fácil.

— Não pretendo trair a condessa, milady! Sua mãe explicou que a sorte da Inglaterra depende da senhorita. Além disso, logo não serei mais criada desta casa para tentar ajudá-la. Sua mãe foi muito generosa ao conseguir que eu fosse incluída no programa de colonização do governo.

— De que programa está falando? — perguntou Beatrice, curiosa.

— O governo pretende enviar mais mulheres para as colônias. Estou com uma viagem marcada para a Virgínia — explicou, corrigindo a postura para não demonstrar fraqueza. A Condessa de Richmond a havia alertado sobre a filha ser muito persuasiva quando queria ter suas vontades satisfeitas.

— Na América? — perguntou Beatrice, sentindo as engrenagens do cérebro se movimentarem em busca de uma solução.

— Sim, milady! Virgínia é uma das colônias britânicas na América e a Coroa está incentivando a ida de mulheres para lá — contou.

— Que interessante! E você não tem medo de recomeçar em um lugar tão selvagem e diferente?

— Não, milady! A vida não pode ser mais difícil do que a que levamos aqui na Inglaterra. Dizem que os colonos recebem terras e podem enriquecer rapidamente — explicou Paige, muito empolgada com as grandes possibilidades que uma vida nas colônias poderia lhe trazer. E Beatrice conseguia entendê-la perfeitamente. De certa forma, ambas desejavam algo em comum, talvez com justificativas diferentes: a liberdade.

Beatrice deixou-se enlevar pela empolgação e um pensamento lhe ocorreu.

— Para quando está marcada a viagem? – questionou-a, tentando soar desinteressada para que não se delatasse; caso contrário, Paige iria até a mãe para alertá-la de seu interesse em também embarcar no navio de colonos.

— Daqui dois dias, milady – disse feliz.

— Nossa! – exclamou Beatrice. — Presumo que suas bagagens já tenham sido feitas.

— É apenas um baú. E já tenho o dinheiro para pagar o coche que me levará até o porto. – Paige alisou o avental. — É uma honra entretê-la, milady, mas preciso retornar para a cozinha.

— Ah, sim – sorriu Beatrice. — Agradeço a companhia! – O que era uma verdade, considerando que ela havia sido trancafiada há vinte dias. Vinte solitários dias olhando pelas cortinas o movimento das pessoas lá fora, à espera de um milagre que a livrasse do compromisso com o duque ranzinza. Por Deus, quando Beatrice se lembrava do homem sentia urticárias se espalharem pelo corpo. E não eram nada agradáveis.

— Fui designada para servi-la no lugar de Lettice e espero cumprir com meu dever até minha partida daqui a dois dias. – Paige dobrou o corpo em uma reverência e mais uma vez pediu licença para se retirar, sem saber que a sorte havia sido lançada para as duas.



Quando Beatrice percebeu a agitação do porto, seu coração ameaçou sair pela boca e o arrependimento quase a fez desistir daquele plano arriscado. No entanto, havia ido tão longe que o medo do desconhecido não poderia ser pior do que dividir a cama com um homem asqueroso.

Tentou cobrir o nariz com um lenço para evitar as náuseas que o mau odor lhe causava e pagou o cocheiro com duas moedas. Quase se entregara

ao estender a mão para ser beijada, afinal, a partir dali não deveria mais se comportar como uma dama bem nascida.

Mas como evitar de ser uma quando havia sido educada para isso desde tenra idade? E Beatrice apreciava muito a vida na corte, os flertes, as modistas e os bailes para simplesmente esquecer sua antiga vida tão facilmente.

— Por favor, garoto! – chamou um menino maltrapilho que passou correndo diante dela, detendo-se ao seu chamado de imediato. Era comum órfãos se apinharem nas docas à espera de esmolas ou de serviços que lhes garantissem um pedaço de pão ao final do dia. — Posso lhe pagar uma moeda se me ajudar a levar meu baú para o navio.

— A senhorita é uma das mulheres que o governo vai enviar para as colônias da América? – perguntou o menino encardido e Beatrice o olhou com certa repugnância.

Se não estivesse tão desesperada e certa de que poderia prejudicar o pai ao negar se casar com o Duque de Kaiserburg, voltaria correndo para o conforto de seu quarto, onde um banho quente e perfumado apaziguaria os torvelinhos que sentia naquele momento.

— Sou sim – respondeu ela, erguendo o queixo numa postura altiva. Jamais deixaria de ter o orgulho dos Lennox, embora ali fosse apenas Paige Clark.

Aquele plano havia sido uma completa loucura e, apesar de ter reconsiderado umas mil vezes, não estava disposta a desistir de ter sua liberdade garantida. O que seriam quatro meses espremida dentro de um navio com pessoas desconhecidas para evitar anos de casamento com um homem que não amava e pelo qual não sentia atração?

Também pudera! Como poderia sentir atração por um homem que lhe lembrava um avô?

Sem falar que se voltasse para casa era capaz de o pai enviá-la para um convento. Ou quem sabe lhe colocar de castigo pelo resto dos seus dias por ter quebrado um vaso na cabeça de Paige e a amarrado dentro de seu armário

para poder furtar não só o bilhete da viagem, mas suas roupas e sua identidade.

— Primeiro a moeda, senhorita! – disse o garoto, interrompendo-a em seus pensamentos.

— Não seria mais apropriado prestar o serviço e depois receber o pagamento? – contradisse Beatrice, dobrando a cabeça em um gesto de irritação.

— O justo é adiantar metade do pagamento – explicou ele.

— Prometi uma moeda e não posso quebrá-la para lhe dar a metade – contra-argumentou.

— A senhorita é muito inteligente para uma mulher – observou o menino, encantado com os olhos verdes da dama parada diante dele.

— Aff... Pois ande logo! Preciso embarcar no Elizabeth antes que o capitão mande subir as velas – apressou-o, caminhando em direção ao navio.

— Já lhe disseram que a senhorita é muito mandona? Pobre do homem que se casar com a senhorita – resmungou o garoto, mas Beatrice não o ouviu. Ela olhava para Londres, não na sua versão mais refinada, devia ser justa, enquanto despedia-se de uma vida que jamais voltaria a ser sua.

Estava certa de que havia feito uma escolha e não poderia se arrepende quando estivesse em alto-mar. Tal certeza se tornou ainda mais clara quando pisou no convés do navio.

— O que quer? – Beatrice perguntou ao ver o garoto com a mão estendida em sua direção. — Não vou pagá-lo agora – disse irritada. — Tem que levar o baú até minhas acomodações!

O garoto arqueou as sobrancelhas e abriu um sorriso maroto.

— Não posso passar daqui, senhorita.

— Ah, não pode? – resmungou ela. — Pois não vou pagar a moeda que prometi. O senhor me enganou! – reclamou ela, colocando as mãos no quadril.

— Trato é trato – retrucou ele, ainda com a mão estendida.

Beatrice entregou a moeda, sentindo-se ludibriada, sentando-se no baú para descansar enquanto pensava em uma forma de arrastá-lo para sabe-se lá onde dentro daquela embarcação desorganizada. Não era um baú muito grande, mas para uma mulher pequena como ela deveria ser custoso levá-lo para qualquer canto. Pobre garoto, pensou, era tão magrinho que arrastá-lo rampa acima deve ter sido uma provação. Sim, ela deveria ter lhe dado duas moedas, não uma.

— Lady Beatrice – ouviu uma voz e ficou preocupada. — O que faz aqui?

Beatrice se levantou e encontrou os olhos da tutora dos filhos de Lorde Southwark, um baronete viúvo que era aliado do pai na Câmara dos Lordes.

— Senhorita Austin! Não sabia que também pretendia se mudar para as colônias na América! – exclamou assustada.

— É uma longa história, milady! – Gisele começava a se curvar quando Beatrice a impediu, segurando-a pelos braços e abraçando-a como se fossem velhas amigas, um fingimento que mais tarde, e quando estivessem distantes de Londres, explicaria a ela.

— Por favor, não me trate como uma dama, senão meu disfarce ficará comprometido. – A Lennox falou baixinho, procurando com os cantos dos olhos algum homem que pudesse entregá-la ao pai. Ela sabia que o Conde de Richmond tinha aliados até mesmo naquela parte menos sofisticada da cidade, para não dizer suja e fedida.

— Oh, meu Deus! Milady está fugindo. – Gisele arregalou os olhos castanhos e levou a mão à boca. — Então é verdade que seu pai a prometeu em casamento a um velho duque da Baviera?!

— Não poderia ter pior destino – lamentou-se. — Prefiro me mudar para uma das colônias britânicas na América e levar uma vida muito mais simples. Mas e a senhorita, o que faz aqui? Pensei que estivesse assegurada como tutora dos filhos de Lorde Southwark. – Beatrice havia conhecido a jovem professora quando ela e a mãe fizeram uma visita à convalescente Lady Southwark, e por terem praticamente a mesma idade simpatizou com ela. Infelizmente não era permitido à filha de um conde confraternizar com uma plebeia.

— É uma longa história... E talvez não acredite em mim – apressou-se a dizer Gisele.

— Bem, temos muito tempo para isso! E algo me diz que devo confiar em você, Senhorita Austin – afirmou Beatrice, sorrindo por se sentir mais aliviada em ter encontrado um rosto conhecido. — A partir de agora chame-me apenas por Paige – pediu gentilmente, enganchando-se ao braço da jovem tutora. — Podemos ser amigas, talvez irmãs.

Aquela viagem rumo ao desconhecido poderia não ser assim tão ruim se pudesse contar com o apoio de uma amiga. Elas poderiam ser cúmplices naquela odisseia pouco comum para duas jovens damas.

— Então deve me chamar de Mary. – Gisele sussurrou. — É uma longa história, acredite em mim.

— Sinto que teremos que confiar uma na outra – afirmou Beatrice.

Gisele não era boa em confiar nas pessoas, aliás, ela não tinha amigos, sua vida sempre havia sido muito solitária. Mas se Lady Beatrice podia dividir seu segredo com ela enquanto embarcava em um navio para a América usando o nome Paige, Gisele também podia confiar a ela os absurdos que vivera nas últimas vinte e quatro horas.

Elas embarcaram com seus documentos falsos e em poucos minutos estavam em uma cabine que fora reservada para Mary Brown. Paige deveria viajar com as demais mulheres no porão do navio como era de costume, mas Mary a trouxe consigo para a cabine, junto de seus baús e pertences. A própria Gisele ficou surpresa com a quantidade de coisas que Mary Brown possuía. Ela olhou ao redor da pequena cabine e encontrou a cama de solteiro.

— Acredito que conseguiremos dividir a mesma cabine. – Gisele tentou sorrir e olhou para Beatrice, mas ainda estava apreensiva.

— Tenho certeza de que esse é o menor dos males, minha cara Gisele. – Beatrice se sentou na cama e olhou para as próprias mãos, como se procurasse encontrar as palavras certas para dizer. — Como foi que chegou aqui?

— Eu nem sei por onde começar. — Gisele lamentou e se sentou ao lado de sua mais nova amiga. — Tudo começou quando eu nasci – reclamou e elas riram tentando aliviar a tensão. — Na verdade, pouco importa, não é? Estamos usando identidades que não são nossas.

— Não tem medo de ser descoberta? – Beatrice perguntou angustiada.

— O tempo todo – admitiu. — Tenho medo de que alguém abra essa porta, entre e me leve presa para ser enforcada.

— Oh! – Beatrice levou a mão ao pescoço. — Não seriam capazes disso!

— Assumir a identidade de outrem é crime, milady – explicou Gisele.

— Por favor, me chame de Paige, esqueça o *lady* – pediu Beatrice.

— Está bem, me perdoe. Força do hábito. – Ela respirou fundo. — Não tem medo do que nos espera do outro lado? Muitas das mulheres que embarcaram estão sendo levadas para se casarem com estranhos.

— Não sei ao certo o destino de Paige. Não tive tempo para perguntar a ela antes de fugir, mas prefiro me casar com um estranho por minha vontade do que ser obrigada a me casar com um velho duque repugnante. – Beatrice discursou com veemência. — Ao menos posso fugir – riu ela.

— Verdade. – Gisele foi obrigada a concordar. — No seu caso, se for descoberta, apenas terá que voltar e se casar com um homem odioso. Mas no meu caso é mais grave.

— Por quê? – Beatrice perguntou preocupada. — O que pode ser mais grave?

Gisele hesitou, mas precisava falar com alguém ou enlouqueceria.

— Eu matei o barão – confessou ela com os olhos carregados de lágrimas. — E não me arrependo do que fiz, Paige, apesar de ter sido em legítima defesa.

Beatrice levou as mãos aos lábios. Gisele havia matado o barão? Era algo tão grave quanto... Quanto abandonar um duque às portas do casamento! Beatrice não podia julgá-la, tinha certeza de que Gisele tinha seus motivos. Não parecia uma assassina fria e cruel. Sempre fora tão

educada com ela, merecia ao menos seu respeito e sua confiança. Estavam as duas no mesmo barco, literalmente.

— Pode confiar em mim, Mary – chamou Gisele pelo novo nome, afinal, precisavam se acostumar. — Seu segredo está guardado comigo. E sei que o meu estará guardado com você. Sinto que não nos encontramos por acaso.

Gisele enxugou a lágrima que insistia em cair.

— Sim! – concordou segurando a mão da jovem lady. — Ajudaremos uma a outra até o fim!

— Até o fim! – Beatrice concordou mais confiante, mas não menos temerosa da loucura que estava fazendo e do futuro que as aguardava.

01



Meses depois, Virgínia.

O sacolejo de horas em cima de uma carroça puxada por dois cavalos parecia não ter mais fim desde que deixaram Coreley, um pequeno vilarejo próximo a Hampton, onde o navio havia atracado depois de meses em alto-mar.

Bem, Coreley não era muito distante de Hampton, que diziam ser a cidade mais agitada da Virgínia e que alguns consideravam mais apropriada para ser a capital. No entanto, a fazenda de tabaco dos Baldwin poderia muito bem ficar perto do inferno, a julgar pela demora para chegar lá.

Beatrice não aguentava mais a viagem e bastava fechar os olhos para lembrar do conforto das carruagens do pai. Tentava se convencer de que ficaria bem, mesmo tendo se tornado a esposa de um colonizador que mais lhe lembrava um selvagem do que filho de ingleses.

Ela havia se casado com Anthony Baldwin tão logo o noivo lhe encontrara. Bem, fora Paige Clark quem se casara com ele e aquela confusão em que havia se metido estava longe de encontrar um final feliz se ousasse contar a verdade a ele. E não sabia quando poderia desmentir o equívoco que

ela mesma não havia feito esforço para esclarecer. Era audaciosa, e até mesmo corajosa, para ter embarcado em uma aventura ao Novo Mundo, mas não era tão louca para acreditar que sobreviveria ali sem ninguém para protegê-la.

Era se casar com um estranho ou ser enviada de volta para a Inglaterra; isso se algo pior não pudesse lhe ocorrer. Infelizmente, o mundo ainda não era um lugar seguro para as mulheres.

Mas o que poderiam Beatrice e Gisele fazer quando descobriam que o navio em que haviam embarcado levava mulheres solteiras para se casar com ingleses que viviam nas colônias?

— Não falta muito! – avisou o marido.

Por Deus, ela estava casada e precisava se beliscar para acreditar que havia tido a coragem de dizer sim para um desconhecido diante de um reverendo.

— O senhor disse isso acerca de uma hora – retrucou baixinho.

Anthony falava pouco e somente quando se fizesse necessário. Não se esforçava em parecer simpático ou ser gentil com a esposa. Obrigada ou não, ela havia se casado e esperava ao menos um tipo de tratamento... Digamos... Mais afetivo. Sempre ouvira dos empregados de sua casa que os plebeus eram mais carinhosos em seus relacionamentos do que os nobres.

— Não iremos ser atacados por essas bandas – avisou Anthony.

E então Beatrice se lembrou de que o sócio do marido havia sido morto quando foram atacados na estrada antes de chegarem a Coreley. A vítima havia sido o marido de Gisele, que por sorte havia se tornado viúva na mesma rapidez com que se casara.

Por Deus! Como Beatrice iria dar conta de um homem tão bruto como Anthony Baldwin na noite de núpcias? Nem todas as lições que Gisele lhe dera seriam suficientes para lidar com um homem cujo refinamento e polidez não faziam parte de seu vocabulário.

— Fico mais tranquila – comentou ela, bocejando tamanho era seu cansaço. Mal tivera tempo para se acostumar com a terra firme quando fora

praticamente jogada em cima de uma carroça para ser levada para o meio do mato, sentindo ainda tremores de medo por terem sido atacados na estrada.

Gisele tivera mais sorte, precisavam admitir, pois se casou com um homem que diziam ser a liderança de Coreley, enquanto Beatrice estava unida a um fazendeiro.

Não era um inspetor ou capitão, mas um fazendeiro.

Um fazendeiro.

Que vivia no meio do mato, cercado por plantações de tabaco e animais.

Animais peçonhentos e tão selvagens quanto seu marido.

Não seu marido, mas de Paige Clark.

E mesmo assim, bastava fechar os olhos e lembrar dos dentes podres do Duque de Kaiserburg que o homem rústico, com a barba de dias por fazer e os cabelos castanhos recolhidos para trás por um cordão de couro se tornava praticamente um príncipe encantado.

Ao menos Anthony Baldwin tinha os dentes brancos e alinhados e olhos azuis que lhe lembravam o Oceano Atlântico em dia de sol, o que já era muito para uma dama prometida em casamento a um velho. Sequer reclamaria da casaca puída e do chapéu tricorne com uma das pontas amassadas que ele usava.

Definitivamente, poderia suportar sua falta de refinamento para se vestir.

— Eu disse que agora é verdade – repetiu Anthony ao notar que a moça que haviam lhe enviado da Inglaterra estava distante. Ela parecia pensar muito para uma mulher de origem humilde. E era muito frágil. Inferno, Anthony havia pedido uma moça forte que pudesse ajudá-lo na lida da fazenda, cuidando dos afazeres domésticos e que lhe desse filhos saudáveis. — Olha lá! – apontou na direção em que queria que ela enxergasse. — Dá para ver o portão da fazenda.

— É assim que o senhor chama a propriedade?

— Assim como? – perguntou ele, estranhando a pergunta que ela fez.

— Quero dizer que o senhor não deu um nome para a propriedade. — Beatrice revirou os olhos. — Eu, por exemplo, vivia em *Richmond House* — arranhou a garganta quando percebeu que havia dado com a língua nos dentes. — Quer dizer, a propriedade em que meus patrões moram se chama *Richmond House*.

— Nunca pensei nisso — admitiu Anthony. — E nunca foi necessário, já que a fazenda dos Baldwin é a única em mil léguas.

— Pois deveria escolher um nome para ela. O senhor é um homem de negócios e deveria pensar no futuro — sugeriu, lembrando das conversas que o pai costumava manter com alguns burgueses de grande fortuna.

— A senhora parece ser muito entendida de negócios. — Anthony virou a cabeça para fitar a esposa nos olhos. — Mas não parece que entende muito de fazendas — baixou o olhar para as mãos femininas, tão imaculadas e suaves que algo não deveria estar certo.

— Confesso que não muito, pois cresci na cidade — adiantou-se ela, temendo ser descoberta. — Mas aprendo rápido — fez questão de salientar.

— Recebi informações de que a senhora servia como criada em uma casa de família — comentou ele, puxando as rédeas para parar os cavalos. Precisava desembarcar da carroça para abrir o portão de pau a pique.

— Sim, sim! Mas não era qualquer casa de família. Servia à filha do dono da casa, que é um conde muito influente junto à Coroa. — E a mentira se tornava cada vez mais difícil de ser evitada. — Veja bem, meu senhor! — Ela gostava de chamá-lo dessa forma, pois fazia com que se lembrasse de que tinha um marido e talvez pudesse se acostumar melhor com a ideia. Bem, não era o marido com quem sonhara e ela tampouco era Paige Clark, mas ele não sabia disso e não poderia ficar sabendo. — Temos que cuidar da aparência. Milady não aceitaria uma pessoa desleixada para servi-la. — Beatrice ajeitou melhor o modesto chapeuzinho de palha na cabeça, quase caindo no colo de Anthony quando ele se sentou no banco ao seu lado desequilibrando a carroça com seu peso.

— O que a senhora quer dizer é que não tenho a melhor das aparências — abriu um sorriso de canto e pegou as rédeas. — E pouco nos importa a aparência por essas bandas. Só precisamos de braços fortes e disposição para

o trabalho. Mas prometo pensar em um nome para a fazenda se isso a deixar feliz. — Anthony poderia fazer aquela concessão para a harmonia de seu casamento.

Seguiram em silêncio até os estábulos, onde Anthony ajudou a esposa a desembarcar.

Beatrice olhava para todos os lados curiosa com a propriedade. E se alguém a visse naquele momento poderia jurar que as engrenagens do cérebro trabalhavam para livrá-la daquele destino. A casa não poderia ser pior e poderia afirmar com segurança que os estábulos da Mansão Lennox em Londres eram mais luxuosos do que aquela construção com paredes de barro e troncos de árvores servindo como estacadas. Em um dos cantos subia uma chaminé de pedras empilhadas, que a fez lembrar que não sabia cozinhar.

Não sabia cozinhar. Como faria para alimentar um homem com o dobro do seu tamanho, que devia comer muito, mas muito mesmo, e que havia se casado para ter alguém que cuidasse dele?!

— Seja bem-vinda ao seu novo lar. — Anthony abriu a porta e deu passagem para a esposa. — Aqui embaixo ficam a sala e a cozinha, e lá em cima há dois quartos — explicava enquanto tirava o casaco e o pendurava em um cabideiro pregado na parede. — Um será o nosso quarto, consegui uma cômoda em Jamestown por um preço justo para você guardar suas coisas — falava como se fosse a coisa mais corriqueira eles dividirem uma cama, o que deixava Beatrice desconfortável. — E no outro cômodo, que era meu quarto, dormirão nossos filhos.

— Filhos? — Beatrice engoliu em seco, sentindo-se fraca diante da ideia de dividir a cama com um desconhecido.

— Quis me casar para isso — explicou ele. — Para ter herdeiros e deixar meu legado, além de braços extras para me ajudar na fazenda. Três meninos seriam de grande ajuda. Talvez uma ou duas meninas para ajudá-la com os serviços da casa.

— Um grande legado — resmungou ela, enxugando a testa suada com a manga do vestido. O calor ali era infernal e não queria falar de filhos justo quando o dia caía no poente, menos ainda de uma prole tão numerosa.

Pensar naquilo lhe doía a cabeça e a fazia lembrar de que deveria cumprir com as obrigações de uma esposa, todas elas. — E o quarto de banho, onde fica? — perguntou espichando o pescoço.

— Não temos quarto de banho — respondeu ele.

— Não?

— Costumo tomar banho no rio, mas você pode puxar água do poço que fica lá trás e esquentar no fogão se desejar um banho quente — orientou-a, movimentando-se dentro de casa para abrir as janelas.

— Eu posso — soltou ela, deixando os ombros caírem, resignando-se com sua triste sina. — Como já está tarde e estou muito cansada, o banho pode ficar para amanhã. Uma bacia de água já é suficiente. — Era claro que não seria suficiente para uma garota que crescera rodeada de empregados e luxos, mas não teria forças para encontrar o poço e puxar água lá debaixo. — Também não estou com fome — avisou ela. — Uma fruta ou um pedaço de pão me basta, talvez um copo de vinho — sugeriu para evitar ter que cozinhar. Gisele lhe explicou o que um fazendeiro poderia esperar de uma esposa, também lhe ensinou algumas receitas, mas no navio não conseguiram colocar em prática.

— Não temos vinho — avisou ele.

— Pode ser chá — disse, tentando demonstrar gentileza.

— Só se for de folhas de limão lá do pomar.

— Aceito um copo com água — deu por fim àquele estranho diálogo, conformando-se com o fato de que jamais poderia voltar a degustar uma boa xícara de chá com leite pingado e muitos torrões de açúcar. — Pensando melhor, se o senhor não se importar, só gostaria de ter uma boa noite de sono.

Anthony a encarou por alguns segundos, tentando decifrá-la.

— Pode subir se quiser — respondeu, dando-lhe as costas para sair em busca da bagagem da esposa. — Já levo para cima o baú com suas coisas — prometeu. Pela primeira vez foi solícito.

Beatrice olhou para a escadaria de madeira desbotada e quase chorou. Realmente precisava de uma noite de sono em cima de uma cama para tentar se convencer de que precisava levar a vida de Paige Clark para o seu próprio bem.

E era um bom sinal que o marido estivesse falando mais com ela. Acabaria enlouquecendo se não pudesse ter com quem falar. Gisele estava a quase duas horas de distância e sentiria falta da amiga mais do que pudera imaginar.

02



O dia já amanhecia quando Anthony abriu a porta de casa ao voltar de sua primeira ronda naquele dia incomum.

Costumava acordar cedo todos os dias para tratar os animais e ordenhar o leite das vacas; eram duas, e Anthony fornecia esse leite para os filhos pequenos de um dos empregados que morava em um vilarejo não muito distante da sede, o qual ele e os primos financiaram dois anos atrás para ter mão de obra nas plantações de tabaco. Todo dia um dos garotos maiores buscava o balde cheio de leite fresco e, em troca, a mãe deles lhe enviava pão e queijo fresco.

Durante a noite, Anthony mal havia pregado os olhos por ter sido perturbado pela presença da esposa, que dormia no andar de cima, e por isso decidira sair de casa muito antes do que costumava para nadar no rio e tentar aquietar o desejo que ela lhe provocara.

Paige Clark era a dama mais bonita que havia conhecido nos seus trinta e poucos anos. Não que tivesse conhecido muitas mulheres naquelas bandas, que costumavam dizer ser uma terra esquecida por Deus. Os Baldwin, assim como outras famílias da Virgínia, tinham mais homens do que mulheres. O pai e o tio pagaram as passagens para que inglesas pudessem vir para a América e serem suas esposas anos antes, ainda quando

viviam em Jamestown. Eram respeitados na região porque descendiam dos primeiros colonos. Joseph e Benedict mantiveram casamentos promissores e a família havia prosperado muito quando as inglesas chegaram para com eles se casarem e começarem uma família nas terras que ganharam da Coroa como incentivo para desbravar ainda mais ao oeste.

A boa experiência do casamento dos pais, que não eram os mais apaixonados, mas se respeitavam o suficiente para viverem em harmonia, o fez questionar se não havia chegado sua hora de ter uma esposa. E assim, movido pela necessidade de ter filhos para deixar as terras que havia herdado do pai, foi convencido por Wilson Kent, um de seus sócios e viúvo de sua adorada prima Felicity, de que poderiam se candidatar a maridos de jovens inglesas.

Mas não esperava que a esposa fosse tão linda e atraente. Tinha os cabelos loiros e impressionantes olhos verdes, emoldurados por cílios bem arqueados; e a boca era em formato de coração. O rosto sem marcas ou rugas parecia ser de porcelana. E as mãos... Ah, as mãos eram pequenas, mas com dedos longos e unhas muito bem cuidadas. Era inevitável pensar nos dedos dela rodeando o pênis enquanto ele a beijava na boca...

Estava ansioso para consumir o casamento de uma vez por todas. E só não fizera isso na noite anterior porque Paige precisava descansar. Mal havia desembarcado do navio quando a levava diante do reverendo para que se casassem; e de lá partiram para Coreley, pois Wilson, que também se casara com uma inglesa recém-chegada, tinha muitos assuntos a tratar e filhos para cuidar.

Anthony também precisava descansar depois do trágico dia que vivera. Não puderam poupar a vida de Wilson, pois os fora da lei estavam em maior número. Só não levaram as mulheres porque Lawson conseguiu escondê-las antes do ataque. Mas a vida nas colônias era assim mesmo e a morte os espreitava como parte do que era ser um pioneiro em terras selvagens.

— Bom dia – disse ele quando avistou Paige no alto da escadaria, enrolada em um xale.

— Bom dia – respondeu ela. — Onde estava? Fiquei com medo – reclamou, descendo as escadas com classe. Realmente os criados que

serviam à nobreza em Londres eram muito bem preparados, pensou Anthony.

— Não conseguia dormir e decidi me levantar mais cedo – explicou, mostrando o peixe que havia conseguido pescar. — Garanti nosso almoço. Espero que saiba preparar peixe – completou, tomando a direção da cozinha. — Já o trouxe limpo, para facilitar.

Beatrice o seguiu com os olhos arregalados, torcendo o nariz pelo cheiro ruim que vinha do peixe.

— Claro que sei – garantiu ela, orgulhosa. Não devia ser assim tão difícil cozinhar peixe. E a parte mais difícil, que era limpá-lo, ele já havia feito.

— Espero que tenha conseguido encontrar comida. Acabei passando na plantação antes de retornar.

— Entendo – disse ela.

— Trouxe um pouco de leite para você – apontou para cima da mesa, onde havia deixado mais cedo a vasilha com leite fresco. — Também tem pão e queijo.

— Obrigada, senhor!

— Pode me chamar apenas de Anthony – lembrou-a.

— É força do hábito – explicou ela. — Mas para onde está indo? – perguntou quando notou que ele tomava a direção da porta.

— Tenho coisas a fazer. Volto para o almoço, Paige. – Beatrice quase se jogou no chão para implorar que ao menos a ajudasse a acender o fogo, mas seria muito humilhante. — O fogo já está aceso – completou ele, como se tivesse lido seus pensamentos sem muito esforço, fechando a porta atrás de si.

Beatrice correu de volta para o quarto e ajoelhou-se diante do baú de Paige em busca de roupas mais confortáveis e rezando para encontrar um livro de receitas que pudesse ajudá-la a se tornar uma boa cozinheira.

Mas foi em vão ter a esperança de que uma garota de origem simples pudesse ter dinheiro para comprar papel e tinta. Talvez Paige Clark sequer

soubesse escrever.

Ao tirar a camisola percebeu manchas vermelhas nos ombros e nas coxas. Sua pele era muito sensível para usar tecido tão grosseiro e, por isso, começou a se coçar. Mas a pior parte era amarrar o espartilho sem a ajuda de mãos extras. Não fazia ideia de como conseguiam se vestir sozinhas. Como não poderia perder tempo, decidiu dispensar o espartilho, mesmo não sendo decente. Repartiu os cabelos em duas partes e os trançou, juntando as longas tranças com uma fita atrás da cabeça. Procurou por um espelho e não o encontrou. Mas era melhor assim. Se pudesse se ver, acabaria chorando como uma garota mimada. E não poderia mais chorar, pois aquela era a vida que havia escolhido para si.

Tudo que lhe acontecesse a partir dali era inteiramente de sua responsabilidade.

Enquanto descia as escadas, repassava os passos básicos de uma receita que Gisele havia ensinado. Tudo se reduzia a temperar, cozinhar ou assar. Não seria assim tão difícil preparar um peixe assado, desde que pudesse encontrar o forno.

Beatrice olhava por todos os lados em busca do forno e acabou irritada quando avistou pela janela da cozinha um amontoado de tijolos que parecia ser um forno.

Um forno sem fogo não poderia assar um peixe.

Mas uma panela cheia de água quente poderia muito bem cozinhar um peixe. Era isso ou não prepararia o almoço do marido. Claro que não pretendia fracassar em seu primeiro dia como esposa.

Beatrice só precisava se acalmar para lembrar todos os ensinamentos de Gisele para fazer um ensopado e tudo daria certo. Havia passado mais de quatro meses escutando as lições da amiga e isso tinha que trazer algum resultado. O fogo já estava aceso, o peixe estava limpo, apesar de continuar fedendo, mas ainda precisava esquentar a água.

Entre idas e vindas até o poço com um caneco, porque não conseguia erguer o balde, conseguiu encher a panela; e assim que a água estivesse quente o suficiente, era só colocar o peixe dentro para cozinhar.

Depois de horas movimentando-se dentro da cozinha em busca de utensílios que não fazia ideia para que serviam, sentia-se esgotada, mas a mesa havia sido posta com requinte, ou ao menos com o requinte que as condições lhe permitiam. Suas mãos fediam a peixe fresco e nem o sabão daria conta de livrá-la daquele odor pouco agradável.

Anthony a encontrara sentada na soleira da porta, com uma bacia de água no meio das pernas e as saias recolhidas na altura das coxas, deixando à mostra os tornozelos e as pernas. Aquela imagem tentadora mexeu com sua libido de um jeito que sentiu o membro latejar em busca de saciedade. Fazia meses que não se aliviava com uma mulher e agora ele tinha uma sempre que desejasse.

Inferno! E como ele queria se aliviar para esquecer tantos problemas, a morte do sócio, a plantação que sofria com a falta de chuva...

— Você chegou – disse Beatrice, parando de esfregar as mãos uma na outra. — Tentava me livrar do cheiro de peixe nas mãos – explicou ela, secando as mãos na toalha que estava em seu ombro, deixando parte da pele sedosa à mostra. Era como se a blusa branca que usasse não fosse dela, pois era folgada, mas não tão folgada, Anthony precisava admitir, porque os mamilos saltavam como dois botões de flor de laranjeira que desabrocham na entrada da primavera.

— Limão é melhor para tirar o cheiro de peixe – explicou ele, engolindo em seco, tentando se manter alheio àquela mulher sedutora. — Temos um limoeiro no pomar – prosseguiu, passando por ela para entrar na casa. Beatrice o seguiu, esperando um elogio pela mesa bem posta.

— Preparei o almoço – disse orgulhosa.

Anthony foi para perto do fogão para espiar dentro da panela.

— O que é isso, Paige? – perguntou ele.

— Fiz ensopado de peixe – gabou-se ela. — Talvez o tempero não tenha ficado ao seu gosto, considerando que é a primeira vez que preparo peixe na vida – decidiu ser verdadeira quando o encarou e percebeu que sua expressão não foi das melhores.

— Deve estar uma delícia! – Anthony não queria desmerecer o esforço da mulher, afinal, notara seu empenho em agradá-lo ao colocar a melhor louça e os melhores talheres na mesa. Não seria um esforço tão grande provar o ensopado cuja aparência era terrível, sem falar que o cheiro lhe lembrava botas velhas.

— Sente-se, por favor, que vou servi-lo – falou sorridente. E assim os dois se sentaram à mesa. Beatrice serviu o marido e aguardou que provasse o ensopado de peixe. — E então? – perguntou ela.

— Acho que faltou tempero, Paige. – Beatrice se serviu e quase cuspiu o peixe de volta no prato. — A culpa foi minha – apressou-se ele. — Não deveria ter sugerido peixe para o almoço. Além disso, nem costume almoçar em casa. Saio cedo todo dia e só retorno ao final da tarde. – Anthony não sabia ao certo o que estava falando, só sabia que estava desesperado para tentar fazer com que ela não chorasse. Crescera praticamente sozinho e a mãe era uma mulher muito prática para perder tempo com qualquer outra coisa que não fosse o trabalho.

— Eu não sou muito boa na cozinha, devo admitir – fungou ela. — Nunca trabalhei como cozinheira. Nem como fazendeira. Eu era uma criada de quarto e servia uma jovem lady.

Anthony estava irritado por ter sido ludibriado. Havia pedido por uma inglesa que soubesse cozinhar e cuidar de uma casa e não por uma criada de quarto. Bem, ele não sabia quais eram as funções de uma criada da nobreza, e pouco sabia sobre a vida na Inglaterra por ter nascido e crescido na Virgínia, mas a julgar pelo peixe insosso que a esposa havia oferecido...

— Tudo bem, Paige – levantou-se e foi para perto da esposa quando a notou com os olhos marejados. — O mais importante é que está disposta a aprender. Quem sabe Maggie possa ensiná-la – declarou otimista, lembrando que a esposa de seu empregado podia ensiná-la. Até porque não era sempre que se poderia ter uma mulher tão bela como esposa para querer se livrar dela tão cedo.

Beatrice levantou a cabeça e o fitou por um breve instante. Era tão linda e frágil que sentiu que poderia trazê-la para perto e beijá-la para sempre. Seria mais útil para Anthony uma esposa mais empenhada em

cuidar da casa e que cozinhasse bem, mas a que tinha diante de si era mais tentadora.

Pegou-a pelos braços e a trouxe para perto, esquecendo-se dos ensinamentos do pai de que uma esposa deveria ser escolhida considerando a inteligência e não as necessidades sexuais.

— Vou me esforçar para aprender – prometeu ela.

— Da próxima vez que não souber fazer algo, não precisa mentir. Não podemos jogar comida fora, Paige. – Ela fungou, sentindo-se envergonhada.
— Não é vergonha admitir que não sabe fazer algo.

Beatrice piscou algumas vezes. Anthony a havia surpreendido com a gentileza com que a tratara. Estavam tão próximos que ele podia sentir o delicado perfume que só a pele feminina conseguia exalar. Mas havia algo a mais no perfume da esposa. Ela era fresca e quente ao mesmo tempo, lisa e macia, tão preciosa que poderia considerar que haviam lhe enviado a mulher errada.

— Vou lembrar disso da próxima vez, eu prometo – disse ela, sentindo-se bem nos braços dele, para seu espanto. Seu marido, ou melhor, o marido de Paige Clark, era forte e cheio de vida. Não era bonito como os cavalheiros de Londres, longe disso. Ele era bruto e tinha cheiro de relva e terra.

E ele colou os lábios nos dela, sem cuidado, com certa selvageria, que muito bem combinava com ele, invadindo-a com a língua à procura de mais daquele sabor doce, tão diferente de tudo ele que já havia provado na vida.

Beatrice não o rechaçou, mas se deixou tocar, assustando-se com a ansiedade de ter o corpo masculino grudado ao seu. Ela deveria estar chocada pela voracidade com que ele a beijara, mas não... Não... Ela queria mais daquele beijo e frustrou-se quando ele se afastou, empurrando-a de volta para a cadeira e saindo em busca de pão, se tinha compreendido bem.

— Tenho que ir para Coreley para o enterro de Wilson – disse ele quando retornou, entregando uma fatia de pão para ela. — Vou aproveitar para pegar algumas peças de roupa para você. Felicity, minha falecida prima, era pequena como você.

— O que tem minhas roupas? – perguntou ela, levantando os braços para se examinar.

— Elas parecem grandes para você.

— É que... – Beatrice não poderia dizer que as roupas não eram dela. Queria se esconder dele, verdade fosse dita, para evitar ter que mentir mais uma vez. Apesar de ser audaz, começava a se sentir mal em ter que emendar uma mentira atrás da outra para salvar seu pescoço. — Eu emagreci durante a viagem em alto-mar. Muitos enjoos – explicou, esperando que ele acreditasse mais uma vez.

— Então precisa comer mais. – Anthony empurrou o queijo na direção dela.

— Acho que preciso aprender a cozinhar antes – queixou-se ela ao lembrar que não poderia mais jogar comida fora.

— Uma coisa por vez. Mas não pense que não vai trabalhar – repreendeu-a e Beatrice lamentou que ele voltasse a ser tão obstinado em lembrá-la de suas obrigações naquele fim de mundo.

— Quando iremos para Coreley? – perguntou ela, desviando a atenção para a ideia de que poderia reencontrar Gisele. Talvez tivessem uma cozinha para que ela pudesse ensiná-la a cozinhar de verdade.

— Irei sozinho para chegar antes, já que você não sabe cavalgar.

— Como assim? – Ela se levantou de supetão, derrubando o banco atrás de si. — Não pode me deixar sozinha neste fim de mundo!

— Essa não será a única vez que ficará sozinha, Paige! – devolveu ele, irritado. — E a vila dos colonos não fica longe daqui. Se precisar de alguma coisa... Vou deixar ordens para Maggie...

— Você é tão... – Ela o interrompeu, secando uma lágrima que escorreu. — Insensível em deixar a esposa sozinha. Mal nos casamos, Anthony – tapou a boca com a mão ao lembrar do que marido e mulher deveriam fazer para consumir o casamento.

— Nós vamos consumir o casamento – disse ele, sem considerar que falava com uma virgem. — Deveríamos ter feito ontem à noite, mas achei

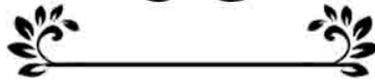
que estivesse cansada demais.

— E estava – retrucou ela. — Continuo cansada – deixou claro.

— Ótimo. Assim terá mais uma noite e um dia para descansar. – Anthony também se levantou, com as mãos em punho. Teria socado a mesa, mas se conteve para não assustá-la, e também para não quebrar a louça que a mãe tanto amava e que ela dizia ser um dos resquícios que a ligavam à civilização.

E que Deus tivesse piedade dele, porque aquela mulher, além de mexer com a luxúria que estava adormecida dentro dele, poderia muito bem enlouquecê-lo pela língua solta da qual era dona.

03



Antes de viajar para Coreley, Anthony havia passado na vila dos colonos e pedido a Maggie que fizesse companhia para a esposa. Mas Beatrice continuava inconsolável por ele não a ter levado com ele.

— Agradeço a companhia de Rose – disse Beatrice para a mulher que a ensinava a preparar o pão.

— Nada é como ter um homem embaixo do mesmo teto para nos proteger – explicou Maggie. — No entanto, enviar um dos meus meninos para passar a noite na mesma casa que a esposa do patrão não era decente, além de desrespeitoso. E a senhora acabou de chegar à Virgínia e está acostumada com o modo de vida dos ingleses. Não queria que se assustasse com a falta de modos dos meus filhos.

— A senhora também é inglesa? – perguntou a mais jovem. A julgar pelas rugas que marcavam os olhos de Maggie, ela deveria ter aproximadamente a idade da mãe.

— Não, não! – respondeu enquanto sovava a massa do pão. — Minha mãe era inglesa e veio para cá no primeiro navio que trouxe mulheres para se casarem com os colonos. Tornou-se amiga da Senhora Baldwin, a mãe do patrão. Que Deus a tenha, era uma boa alma. Aprendi muito com ela.

— Por favor, deixe-me tentar – pediu com educação e Maggie sorriu de canto. — O que foi, Maggie? Falei algo engraçado?

— A senhora é muito educada. Esperávamos uma mulher diferente – contou.

— Bem, eu era criada pessoal da filha do conde para o qual trabalhava. — Beatrice já estava cansada de ter que explicar seu comportamento sofisticado para o padrão da região. — Lady Beatrice sempre foi uma dama muito exigente com a aparência e os modos de suas criadas.

— Daisy me contou sobre a vida em Londres – disse Maggie com as bochechas coradas pelo esforço de amassar o pão. — Antes de arriscar a vida nas colônias britânicas como esposa de um colono que ajudou a pagar por sua passagem, ela trabalhava na lavanderia da casa de um duque. Seu sonho era se tornar criada de uma de suas filhas. Aparentemente, era difícil deixar a lavanderia para servir pessoalmente os patrões. — Beatrice não comentou, pois pouco sabia sobre a vida dos empregados, para sua vergonha. Se tivesse se empenhado em saber mais sobre o funcionamento da casa, não estaria passando por tantas dificuldades. — Deve bater a massa contra a mesa com força, senhora – instruiu. — Quais eram suas funções como criada da filha do conde? – insistiu.

— Deveria cuidar de suas roupas e de seus objetos pessoais, fazia penteados em seus cabelos e a ajudava a se trocar sempre que me era solicitado – fez uma pausa para lembrar de Lettice. — Às vezes, a acompanhava em passeios e bordávamos juntas. Outras vezes, lia para ela.

— A senhora sabe ler! Que maravilha! – exclamou Maggie.

— Sei sim – concordou Beatrice.

— Isso diz muito sobre a senhora – refletiu alto a mulher. — E por que quis se mudar para cá?

— Para ser livre – respondeu a verdade. — Ter minha própria casa e poder trabalhar na minha própria terra me parecem motivos fortes para querer vir para as colônias.

Maggie sorriu para Beatrice. Era uma mulher muito simpática, com cabelos castanhos avermelhados e rebeldes que queriam sair da touca

encardida que sempre usava.

— Se Daisy estivesse viva, sentiria orgulho da nora que o filho conseguiu – disse Maggie. — Sempre o incentivou a se casar com uma inglesa para que a família pudesse se manter próxima à civilização.

— A senhora admirava minha falecida sogra, pelo que percebi – comentou Beatrice em resposta. — E pode me chamar apenas por Paige.

— Sim, sim! Aprendi tudo o que sei com ela, até a ler e a escrever. Pena que nos últimos anos Daisy esteve tão doente que não pôde ensinar meus filhos. Eu tento ensiná-los, mas me falta tempo. Tenho muitos filhos, como contei.

Maggie tinha quinze filhos e Beatrice ainda não conseguia entender como uma mulher conseguia dar à luz tantas vezes e ainda estar viva e forte.

— Posso ajudá-la nessa tarefa, Maggie! – Beatrice parou de sovar a massa de pão para fitar sua nova amiga. — A senhora tem sido tão simpática em se oferecer para me ensinar a cozinhar que posso muito bem ensinar seus filhos a ler e a escrever.

— Verdade? – perguntou surpresa a mulher.

— Claro que sim!

— Mas é melhor a senhora antes se acostumar com a vida de casada. Além disso, o patrão vai querer passar algumas semanas sem incômodo de crianças na casa.

— Anthony? – deu de ombros a mais jovem. — Não me parece preocupado com a esposa; ou não teria me deixado sozinha para ir ao enterro do sócio.

— Oh, minha queria! – Maggie limpou as mãos sujas de farinha com o avental e abraçou Beatrice. — Tem muito o que aprender sobre a vida na Virgínia. Somos cercados de perigos nessa região. Há os nativos que nos espreitam e costumam levar moças como a senhora para suas aldeias no meio do mato.

— Como eu? – arregalou os olhos.

— Sim, sim! A senhora é tão branca e diferente deles que os encanta. Dizem que preferem as loiras.

— Mas o que um selvagem poderia fazer com uma inglesa como eu? – perguntou, considerando mil e uma teorias acerca daquela informação.

— Dizem que levam as inglesas mais bonitas para que se casem com o rei deles. – Beatrice perdeu a voz de repente. Realmente poderia ter tido um final bem pior do que se tornar esposa de um fazendeiro da Virgínia. Ao menos ali ela poderia continuar falando sua língua materna. — O patrão não arriscaria perdê-la depois de tanto esperar por sua chegada. Parece estranho, eu sei, mas é mais seguro ficar aqui, perto dos colonos que tanto respeitam o patrão do que com ele na estrada. E nem precisamos lembrar dos índios... – gesticulou. — Olhe o que aconteceu com vocês antes de chegarem a Coreley. Os homens passam tempo demais vivendo no meio do mato que acabam se tornando mais selvagens do que os índios.

— Pensando por tal ângulo, devo ser grata a Anthony – pensou alto, com os pensamentos focados na experiência terrível que viveu quando foram atacados na estrada.

— O patrão é um bom homem. Não nos trata mal e divide o lucro das colheitas com os colonos. Até nos assentou em casas.

— É o mínimo que deveria fazer, já que vocês trabalham para ele – soltou.

— Não aqui, senhora! Nem todos os patrões pagam bem os empregados. Dizem que estão trazendo negros para trabalhar nas plantações de tabaco porque são mais fortes, reclamam menos e aceitam trabalhar em troca de comida. Mas os Baldwin não seguiram o exemplo de outros tantos e sabe por quê? Porque são homens justos – suspirou ela. — Todos os colonos ficaram tristes com a morte do Senhor Kent, que como já deve saber era viúvo da prima do patrão. Era um homem admirável e lutava por melhorias em Coreley.

— Ele se casou com minha amiga... – quase deixou escapar o nome Gisele, mas conseguiu se corrigir a tempo. — Mary.

— Pobre mulher, ficou viúva tão cedo. Talvez não seja tão ruim assim ter ficado viúva... Minha mãe costumava dizer que se casar com um desconhecido não foi uma das coisas mais fáceis que fez na vida. — Maggie sorriu ao se lembrar da mãe. — Sempre as achei tão corajosas em deixar a vida na Inglaterra para vir para cá para se casar com estranhos. Assim como a senhora e sua amiga Mary, ambas são muito corajosas.

Por Deus, não era apenas coragem que movia Beatrice e Gisele para atravessar o mundo dentro de um navio por meses, mas o desespero de não querer se dobrar a destinos tão cruéis. Naquela altura, se tivesse ficado em Londres, já teria se casado com o Duque de Kaiserburg e talvez já estivesse vivendo em seu castelo na Baviera. Mas Maggie não precisava saber daquela parte pouco atrativa de sua vida.

— Queria ter ido para Coreley para apoiar Mary — disse em tom lamentoso. — Anthony poderia ter me levado, apesar de todos os perigos.

— Não sei como são os homens na Inglaterra, mas os daqui não costumam nos ouvir muito — contou Maggie e Beatrice apenas concordou com a cabeça. Seja ali, no fim do mundo, onde selvagens sequestravam loiras; ou em Londres, berço da sofisticação e do bom gosto, homens costumavam menosprezar as mulheres como se elas não tivessem inteligência para tomar decisões. — Não se preocupe, senhora! — prosseguiu. — Lawson vai proteger a viúva do cunhado. Já falei que os Baldwin são honrados. Vamos enrolar os pães para que possam crescer. Rose — gritou a mulher para chamar a filha que estava colhendo gravetos no pomar para acender o fogo no forno de barro. — Ande logo com esse fogo, menina! Enquanto esperamos os pães crescerem, vou ajudá-la a encher a tina para o banho, senhora.

E assim as duas mulheres cobriram os pães com uma toalha de linho e saíram de dentro de casa, tomando a direção do poço. Beatrice se sentia melhor por poder conversar com outras mulheres, e a simpatia com que a tratavam amenizava um pouco as dificuldades que estava passando. Não havia nascido para trabalhar, sempre lhe dissera a mãe, que a mimava e a ensinava a se portar com elegância e sofisticação. Se em algum momento de sua existência pudesse ter imaginado que seu destino era ser a esposa de um fazendeiro, teria ido atrás de conhecimento para tanto. Mas não era tarde e

Maggie parecia disposta a ajudá-la a se tornar a melhor das esposas para Anthony Baldwin.



Aquelas quase trinta milhas que separavam a fazenda do vilarejo de Coreley nunca foram tão demoradas para serem percorridas. Anthony estava ansioso para chegar em casa e encontrar a esposa. Até havia comprado uma fita de cabelo para ela como presente de casamento, era um pedido de desculpas por tê-la deixado em casa quando ele sabia que ela somente queria rever a amiga. Não deixou de perceber que Paige gostava da viúva do primo. Mas não poderia arriscar perdê-la para os índios.

Quando viu Paige desembarcando do navio, percebera que estava recebendo uma preciosidade. Mulher bonita nas colônias era encrenca na certa, sempre lhe dissera o pai. As loiras de pele clara sempre chamavam a atenção dos índios por serem muito diferentes das suas mulheres. Diziam que algumas eram levadas para as aldeias e tratadas como deusas que haviam descido dos céus para saudá-los. Mas não eram somente os índios que se importavam com as mais bonitas, havia os colonos, homens em abstinência sexual que eram capazes de matar para saciarem os instintos mais primitivos.

E Paige havia crescido com outros valores, cercada daquilo que a mãe chamava de civilização cristã, na qual não havia espaço para a brutalidade dos instintos carnis. Daisy Baldwin fazia questão de que o filho e os sobrinhos se casassem com ingleses para que a civilização fosse preservada na família. Wilson Kent viera de Bristol há mais de dez anos e a mãe havia participado das intermediações de seu casamento com Felicity. Infelizmente, não havia sobrevivido para conseguir escolher a esposa do próprio filho. E se estivesse viva, não teria sido Paige Clark a escolhida. Ela era muito bonita para os homens da Virgínia.

Talvez até bonita demais para Anthony. Mas não era homem de desdenhar da sorte e aproveitaria a oportunidade de ter uma linda garota

como esposa, cuidando para que não a sequestrassem. Uma preocupação que também era de seu primo, agora que o cunhado deixara uma jovem viúva na mira de muitos solteiros em Coreley.

Lawson era o típico solteiro convicto, resoluto demais para dividir a vida com uma esposa. Estava satisfeito com suas escapadas com algumas prostitutas que desembarcavam com os piratas, e ter que se ocupar de dama tão voluptuosa parecia estar lhe consumindo a sanidade. Mary Brown era o oposto de sua amiga Paige, mas tão bela quanto para chamar a atenção masculina.

Pobre Lawson ao ser obrigado a abandonar sua casa e seu trabalho em Hampton para cuidar dos sobrinhos e de uma viúva que não passava de uma estranha. Anthony teria que ajudá-lo a tocar os negócios até que conseguissem um homem de confiança para ocupar seu posto em Hampton. A sociedade entre os primos precisava continuar mais do que nunca, pois logo teriam mais um lote de tabaco para embarcar. Wilson fazia falta, era o homem que sempre tinha a palavra certa para os momentos mais tensos. Não era por acaso que todos o respeitavam como um líder.

— Paige! – chamou pela esposa depois de ter cuidado do cavalo e o deixado seguro nos estábulos. — Paige! – voltou a chamá-la quando ela não respondeu.

Os últimos raios de sol entravam pela janela da frente, criando sombras no chão de madeira bruta; e foi então que observou a sombra de uma mulher. Era Paige, ou melhor Beatrice, mas Anthony não sabia disso, que dormia na poltrona velha do pai, com as pernas encolhidas e a cabeça em cima do braço. Ao acordar, sentiria o corpo dolorido se não fosse logo para a cama.

Anthony se aproximou, cuidando para não a despertar do sono que parecia ser profundo, ajoelhando-se diante dela para admirá-la. Tocou-a no rosto com a ponta dos dedos, não resistindo à tentação. Tinha a pele macia e rosada. Chamou-a baixinho pelo nome mais uma vez e só conseguiu um resmungo como resposta. Devia ter trabalhado muito com Maggie durante o dia para cair no sono antes da noite cair.

— O que faço com você, moça? – disse ele, pegando-a no colo para levá-la para cama. Era leve e tão pequena que poderia carregá-la apenas com um braço.

— Eu só quero dormir para esquecer – resmungou ela, entre um bocejo e outro, deixando-se acalantar pelo calor agradável que sentia, sonhando com sua cama de lençóis perfumados em Londres.

Anthony sorriu ao ouvir a voz aveludada da esposa aconchegada contra seu peito e uma pontada de culpa o atingiu ao lembrar que ela não estava acostumada com o trabalho pesado de uma fazenda. Se fosse um homem sensato, sequer teria se casado com ela. Desde o início a achou muito frágil para o tipo de vida que tinha. Sua mãe estaria se revirando no túmulo pela péssima escolha que havia feito.

Mas a cobiça foi inevitável, principalmente depois que percebera que alguns homens haviam colocado os olhos nela. E ali estava ele casado com Paige Clark e quase rastejando para que ela não estivesse tão cansada e deixasse que ele a tocasse como marido. Ele poderia obrigá-la, mas não teria graça alguma. Queria conquistá-la, fazê-la desejá-lo antes de ter que se impor a ela.

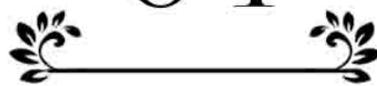
Depositou-a na cama e a cobriu com o lençol, beijando-a na testa, com os olhos presos na parte vazia da cama que fora dos pais. Era muito injusto ter que dormir naquela poltrona dura que havia sido do pai para não importuná-la, ainda mais sendo casados. Não pensou duas vezes e tirou as roupas, deitando-se ao lado dela na cama, sentindo o cansaço abraçá-lo para derrubá-lo de vez. Haviam sido duas noites sem dormir direito e com as preocupações o atormentando a todo instante.

Beatrice se remexeu, virando-se na direção do marido para esticar o braço e abraçá-lo.

— Seria um asno se não aceitasse um agrado de minha mulher – soltou ele, sorridente. — Mesmo que não tenha sido consciente e tenha me confundido com o travesseiro – beijou-a na testa. — Não é que a Senhora Paige Baldwin tem a aparência de um anjo quando está dormindo? Só quando está dormindo, querida, porque quando está disposta a usar a língua,

torna-se um demônio de saias. Felizmente, os homens da Virgínia foram acostumados a domar feras desde pequenos.

04



Os primeiros raios de sol entravam pela janela para anunciar um novo alvorecer. Os pássaros se agitavam nos galhos das árvores brindando um novo dia naquele mundo desconhecido e selvagem para Beatrice, a filha de um conde que ousara querer ser dona de seu próprio nariz.

Beatrice abriu os olhos lentamente, tentando se acostumar com a claridade, sentindo-se relaxada e descansada. Havia perdido a noção do tempo e não sabia como havia conseguido chegar à cama. Ao espalmar a mão, sentiu a fricção de pele contra pele e quase gritou quando percebeu que o marido dormia ao seu lado. Fechou os olhos para tentar lembrar o que havia acontecido entre eles, mas apenas lembrou do cansaço que sentira por ter passado o dia trabalhando com Maggie.

Não. Definitivamente não queria ter perdido sua primeira vez com um homem por ter dormido demais. Seria muita falta de sorte ter sonhado tanto com o dia em que se entregaria a um homem para ser possuída por ele praticamente desmaiada.

As engrenagens do cérebro de Beatrice funcionavam tentando entender o que poderia ter acontecido entre eles.

— Nada aconteceu! – garantiu Anthony, assustando-a. — Apenas dormimos na mesma cama, Paige. Encontrei-a dormindo na sala e a trouxe para cá, como também estava cansado demais para me encolher na poltrona, decidi que poderíamos dividir a cama... Somos casados – explicou ele.

— Poderia ter dormido no outro quarto – reclamou ela.

— Não tem cama lá. Doei minha cama de solteiro para um dos filhos de Maggie.

— Um gesto muito nobre de sua parte – disse Beatrice, tão imóvel que poderia se comparar a uma pedra.

— Espero que tenha dormido bem. – Anthony arqueou os lábios em um sorriso presunçoso, revelando o quanto se sentia confortável naquela posição, e Beatrice poderia tê-lo odiado se não estivesse mais preocupada com o que sua mão alcançou quando deslizou para baixo.

— O senhor dormiu sem roupas – soltou ela indignada.

— Costumo dormir sem roupas – disse ele, segurando o riso para não ofendê-la.

— De onde venho as pessoas costumam usar roupas para dormir – retrucou ela, tentando se afastar dele para se levantar, mas ele a segurou firme ao seu lado.

— Estamos na Virgínia, Paige, e você é minha esposa.

— Maggie contou que sua mãe cuidou muito para que os Baldwin fossem homens de respeito.

— Isso não significa que não sentimos desejo pela esposa.

— Por Deus! Não acho que estamos começando bem esse casamento – reclamou e ele voltou a sorrir de forma displicente. — Mal nos conhecemos para termos tanta intimidade. De onde venho, os casais costumam noivar antes de se casarem para que possam se conhecer antes de dividir uma vida.

— Não estamos na Inglaterra, Paige! – bufou ele, sentindo-se desconcertado por ter mulher tão atraente nos braços como esposa, e nada poder fazer com ela. — Aqui as coisas não acontecem como na Inglaterra...

Porque se fossem, minha noiva não precisaria ter vindo de tão longe, não acha?

— Não acho não! – respondeu ela. — E não me chame por Paige.

— Quer que a chame de que jeito? – estranhou ele. — Paige não é seu nome?

— Claro que é – gaguejou ao lembrar que deveria esquecer seu nome verdadeiro se quisesse continuar com a mentira. — Mas não gosto dele. É comum demais para meu gosto – criou coragem para erguer a cabeça e encará-lo. — Acho que nunca acordei tão cedo na vida.

— Isso é ótimo, assim se acostuma com a vida na fazenda. – Anthony a afastou e levantou-se, não se incomodando com a própria nudez. — Já aprendeu a preparar o café da manhã com Maggie?

— Eu fiz pão ontem – respondeu ela, sentando-se na cama e quase caindo dura de volta ao ver pela primeira vez na vida o sexo de um homem, do seu marido. Quer dizer... Do marido de Paige. Beatrice estava chocada com aquele nível de intimidade entre casados. Não poderia lembrar de alguém que tivesse lhe contado que maridos costumavam ficar pelados na frente da esposa, nem Gisele. — Tem certeza de que isso... Que é decente a esposa ver o marido sem roupas?

— Não sei ao certo! – Anthony a fitou por alguns segundos antes de sair em busca de roupas limpas para vestir. — Se Adão e Eva viviam nus no paraíso, não me parece errado a esposa ver o marido nu – deu de ombros.

— Que comparação sem sentido! – Ela revirou os olhos. — Todos sabem que não existia luxúria entre Adão e Eva antes de Eva comer o fruto da árvore proibida. E tudo mudou depois que ela provou do pecado.

— Mais uma razão para provarmos do pecado, Paige – sugeriu ele, mas Beatrice parecia alheia ao que ele dizia, já que seus olhos estavam fixos em seu sexo inchado.

Anthony estava tão duro de desejo que se controlar para não puxá-la contra seu corpo estava sendo uma penitência quase insuportável. Era seu castigo por ter aceitado aquela moça inapropriada como esposa.

Sim, ele não deveria ter se casado com a mulher mais bonita que desembarcara do navio para o seu próprio bem. Mas aparentemente teria que conviver daquele jeito até que conseguisse seduzi-la. Provaria de seu corpo e com isso poderia voltar a pensar com a cabeça de cima.

— Como aguenta carregá-lo de lá para cá? Meu Deus, como vai conseguir trabalhar com... Assim... Tão duro? – Beatrice lembrou-se do que Gisele lhe contara sobre as partes íntimas dos homens crescerem quando sentiam desejo por uma mulher.

— Isso seria sua obrigação, se ainda não lhe contaram... – explicou ele.
— Ou ninguém lhe ensinou sobre o amor, Paige?

— Claro que me ensinaram, Anthony! Mas a teoria é muito diferente que a prática – deu de ombros, desviando o olhar das partes íntimas do marido. — E deve ser muito desconfortável para nós, mulheres, “darmos um jeito nisso” – levou a mão à boca por ter falado demais. Era disso que ela tinha medo ao dividir a cama com o marido de Paige, de falar demais e irritá-lo. E ele era tão grande e bruto que poderia esmagá-la se resolvesse exigir seus direitos como marido.

Anthony se movia na direção da esposa sem sentir vergonha da nudez, como se andar pelado lhe fosse algo corriqueiro, ajoelhando-se diante dela para encará-la com fogo nos olhos. E Beatrice fechou os olhos por sentir medo dele.

— Não precisa ter medo, Paige! – garantiu ele, colocando atrás da orelha dela uma mecha de cabelo que havia se soltado da trança. — Se puder confiar em mim, vai ver que pode ser muito bom para você também.

— Bom para mim? – Ela perguntou e ele apenas demonstrou com um beijo.

Foi um simples roçar de lábios. Anthony brincava com a libido da inexperiente esposa, passando a língua pelos lábios rosados dela como se fossem uma fruta sendo degustada aos poucos, para que o sabor pudesse permanecer mais tempo dentro da boca. Levou os braços dela até seu pescoço e deslizou as mãos grandes e calejadas pelas costas femininas. Usou a língua para afastar seus lábios e provar mais de seu sabor. Aquela mulher

tinha sabor de pecado e não fazia ideia do que provocava nele apenas por estar tão perto.

— Meu pênis vai entrar em você como minha língua entra dentro de sua boca, Paige! – disse ele, sem desgrudar dos lábios dela. — E você vai gostar tanto disso quanto gosta do meu beijo. Vou cuidar para que você me deseje tanto quanto eu a desejo. Talvez na Inglaterra não seja decente um homem dar prazer à sua esposa, mas aqui podemos fazer diferente.

— Podemos sim – concordou ela, retribuindo o beijo de Anthony.

Do marido de Paige Clark.

Não dela.

Mas não conseguia se sentir culpada, afinal, foi ela que havia dito o sim para Anthony Baldwin diante do reverendo, e não Paige. Era tão simples beijá-lo e sentir borboletas no estômago... Era como se tivesse nascido para aquilo.

— Mas não vou obrigá-la a se entregar a mim se não quiser. Precisa querer tanto quanto eu, Paige.

— Talvez eu vá querer – disse ela entre resmungos. Ser tocada por um homem tão intimamente e ainda sentir como se estivesse flutuando nas nuvens era um sentimento muito novo para Beatrice.

Sequer conseguia descrever as emoções que a atingiam naquele momento tão único e diferente em sua vida.

— Tenho certeza de que vai querer – respondeu ele, voltando a beijá-la com vontade, estreitando o aperto para senti-la quente contra sua pele nua. Seria tão fácil empurrá-la contra o colchão e penetrá-la, assim como o pênis exigia.

Anthony não poderia enganá-la daquele jeito vil. Ele queria que a esposa se entregasse a ele sem medo, para que pudesse conquistá-la de verdade. Eram casados por um acordo que aceitaram meses antes, mas poderiam ser cúmplices naquela nova vida que dividiriam.

Mas era tão difícil se afastar do corpo macio da esposa. Era quase impossível não desejar prová-la mais um pouco.

Só mais um pouco.

E com os pensamentos mais obscenos, empurrou-a contra os lençóis, deslizando as mãos pelas pernas bem torneadas, beijando-a não só na boca, mas também no pescoço e no colo, tentando desvendá-la como se estivesse em busca de novas terras.

— Oh... Meu Deus!!! – exclamou Beatrice, assustada com os torvelinhos que faziam sua pele se arrepiar e ao sentir algo comichar no meio das pernas. Ela deveria ser uma garota má por não fugir dos avanços dele, por querer que ele lhe mostrasse mais daquele mundo até então proibido para ela.

Donzelas não poderiam provar o prazer carnal antes do casamento.

Mas deveriam. Quem sabe pudessem ter casamentos promissores, pensou de repente.

— Pode ainda ser melhor – soltou ele, tentando se convencer de que tinha muito trabalho para fazer na fazenda depois de um dia longe. E mais uma vez a voz da mãe lhe invadia a mente para lembrá-lo de que mulheres bonitas não eram uma boa escolha, pois poderiam desviá-lo facilmente do trabalho. — Mas não tenho tempo para isso agora. Estou atrasado para o trabalho – beijou-a mais uma vez, apertando um dos mamilos por cima do tecido da camisola que ela vestia.

Anthony saltou da cama, mas seus olhos não conseguiam desviar do corpo perfeito da esposa. Beatrice estava com as pernas abertas e descobertas até a altura dos joelhos, os botões da camisola estavam parcialmente abertos, deixando à mostra a parte de cima dos seios. E a boca... Ah, a boca inchada e vermelha pelos beijos o deixavam em êxtase.

Anthony não havia visto mulher mais bonita do que Paige Clark.

— Acho que devo ir preparar seu café da manhã. – Beatrice levantou-se da cama em um supetão, mas precisou se agarrar na cabeceira da cama para não cair. As pernas estavam fracas demais para mantê-la de pé depois de ter sido apresentada à vida de casada por um marido tão dedicado.

Mas tão irritante em ter desistido no meio do caminho.

— Não precisa descer comigo... — Anthony ainda a encarava como um predador e Beatrice deveria sentir medo, mas algo dentro dela havia sido despertado depois que ele a tocara, um desejo primitivo de ser tocada por ele, de ser sua mulher. Era assustador não conseguir controlar os próprios instintos. — Pode se recuperar e descer depois — sentenciou ele.

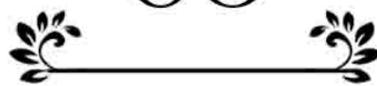
Era melhor assim, pensou Anthony. Era mais seguro a esposa ficar no quarto, ou ele era capaz de jogá-la em cima da mesa e terminar o que havia começado em cima da cama. E a mesa não era o melhor lugar para tirar a virgindade de uma mulher.

E ela o odiaria para sempre.

Não queria que seu casamento começasse tão mal. Também não queria que ela o suportasse por não ter escolha. Não era tolo para não desconfiar de que Paige havia aceitado aquele casamento por talvez não ter alternativa. Todos sabiam que apenas as mais desesperadas ou miseráveis aceitavam se casar com homens desconhecidos que viviam em um continente ainda pouco conhecido. Mas isso não lhe tirava a esperança de ter uma companheira e queria que ela ao menos lhe quisesse bem no futuro. Se Anthony conseguisse ter com Paige metade do que os pais tiveram, já se sentiria feliz. A vida na fazenda era boa, mas muito solitária depois que os pais morreram e os primos já não tinham tempo para visitá-lo.

Por isso poderia muito bem sair de casa sem café da manhã e um banho nas águas geladas do rio esfriaria o desejo que ela lhe despertara.

05



Anthony a deixara sozinha mais uma vez. A manhã rapidamente se convertera em tarde e não iria ficar perambulando pela casa em busca do que ter o que fazer. Era óbvio que ela tinha muito o que fazer e organizar naquela casa, mas precisava conversar com outra mulher ou enlouqueceria pelo tédio.

Por isso tomara a decisão de acompanhar Rose de volta para casa na vila dos empregados quando viera para lhe deixar o queijo que Anthony tanto gostava e que Beatrice precisava aprender a fazer.

Passaram uma tarde agradável e apertaram todos os vestidos que eram de Paige. Maggie era uma costureira muito habilidosa, aliás, a mulher sabia fazer tantas coisas que Beatrice se sentia inútil perto dela. Era como se sua vida tivesse sido uma sucessão de futilidades, para o final não lhe servir de nada aprender a executar corretamente uma reverência ou abanar seu leque com charme. Para a vida de esposa de fazendeiro tudo aquilo não tinha qualquer serventia, e precisava se esforçar para ser mais do que um rosto bonito para o marido. Imbuída de tal pensamento, dedicava-se para aprender a preparar uma deliciosa torta de carne seca, receita de sua falecida sogra e que Anthony tanto gostava. Seria o jantar dos dois. E devia admitir que estava gostando de cozinhar.

Mas havia uma coisa que agradava mais à Beatrice em sua nova vida: os campos verdejantes e o céu de um azul tão intenso, com poucas nuvens. O sol parecia até mais feliz ali na Virgínia do que em Londres, como se sorrisse para as pessoas que buscavam a felicidade nas coisas mais banais. Porém, era o sentimento de liberdade que a encorajava a manter a mentira que a levava até Anthony. Precisava admitir que não planejava ir tão longe quando decidira se passar por Paige Clark, nem Gisele queria tomar o lugar de outra, mas as circunstâncias e a pouca vivência que tinham as levaram àquela situação: noivas de homens que nunca tinham visto na vida.

Um acaso tão improvável que, às vezes, precisava se beliscar para acreditar que estava casada com um desconhecido e tão longe da família.

Beatrice tentava não pensar muito no fato de que havia usurpado o lugar de outra mulher, tornando-se uma impostora na vida de um homem honesto como Anthony Baldwin.

Um homem tão diferente.

Em diversos aspectos, Anthony era diferente dos ingleses. Mais selvagem e mais intenso. Falava pouco e era mais objetivo no que queria. E agia com tanta determinação que era muito difícil evitá-lo ou dizer a ele que não podiam se comportar como se fossem selvagens.

Inferno! Era Beatrice quem acabava de chegar da Inglaterra e deveria ensiná-lo a se portar com mais civilidade. Talvez nunca pudesse transformá-lo em um cavalheiro, mas isso não a impediria de ensiná-lo a ter mais modos, inclusive, na cama. Se ao menos fosse mais experiente em relacionamentos, mas tudo que sabia se resumia às aulas que Gisele lhe dera durante a viagem. Que pareciam não servir quando se tratava de Anthony.

O homem sabia muito bem como derrubar as barreiras que ela tentava levantar para se preservar. Deveria lembrar-se do que Gisele havia lhe dito, que precisava preservar o coração para não ser machucada. Mas como preservar-se de um homem como o marido de Paige Clark?

Aliás, Beatrice precisava parar de pensar nele como marido de outra. Ela era Paige Clark para ele e isso teria que lhe bastar caso decidisse se tornar sua mulher de verdade.

E teria.

Era isso ou ser enviada de volta para Londres para um destino talvez ainda pior do que se casar com um velho caquético.

Não! Não poderia haver pior destino do que ser esposa do Duque de Kaiserburg.

Depois de descansar por alguns minutos sentada embaixo da árvore que Rose lhe disse se chamar Tulipeiro-da-Virgínia, Beatrice pegou a cesta que guardava a torta de carne seca e os vestidos reformados e apressou o passo para não chegar em casa depois do anoitecer. Acabaria apenas trazendo problemas para a família de Maggie se algo lhe acontecesse. Anthony acabaria descontando neles a frustração por entender que não cuidaram direito da esposa.

O mais certo é que não o encontrasse em casa quando chegasse. Maggie dissera que o patrão era um homem com muitas responsabilidades e logo seria época da colheita e teriam que embarcar mais um lote de tabaco para a Europa, o que o fazia trabalhar ainda mais nos últimos dias.

Mas tamanha foi a surpresa que sentiu quando o avistou sem camisa, com as calças apertadas, marcando cada um dos músculos de suas coxas quando usava as pernas para não cair no chão quando erguia o machado.

Anthony cortando lenha era a visão do pecado em sua forma mais atraente.

Beatrice engoliu em seco e parou de caminhar para admirá-lo, estudando cada movimento e, inevitavelmente, imaginando suas mãos percorrendo cada milímetro daquela pele queimada pelo sol.

— Você poderia tocar se não fosse tão cheia de nove horas – disse ele, sem a olhar. Sequer parou de cortar a lenha.

— Tocar em você? Eu? – perguntou ela, envergonhada por ter sido flagrada no momento que o analisava com os olhos. O coração dela batia forte ao lembrar o que as mãos dele faziam em sua pele. Bastava ele tocá-la para ela pegar fogo. — Eu não sou cheia de nove horas – reclamou ao perceber que ele a havia xingado. Não era bem um xingamento, mas o tom de reclamação estava presente em suas palavras, lembrando-a de que havia

deixado ele partir sem se aliviar dentro dela. Era essa a função de uma esposa, segundo Gisele. — Eu fiz torta de carne seca – mostrou a cesta. Era sua estratégia para mudar de assunto e não se sentir tão envergonhada por não conseguir dar a ele o que tanto necessitava. — Quer dizer, Maggie me ensinou a preparar seu prato preferido.

— Então estava na casa de Maggie – comentou ele, parando de cortar lenha para usar o cabo do machado como apoio, exibindo os músculos dos braços de um jeito indecente e que mexia com algo dentro de Beatrice, algo que a fazia gaguejar e corar em excesso. — Poderia ter avisado que iria passar a tarde lá e eu teria passado para buscá-la. Não deveria ter ido sozinha.

— Fui com Rose, ela esteve aqui no início da tarde. Um dos meninos teria me acompanhado de volta, mas não quis abusar deles, Anthony. Eles já têm tanto para fazer. A propósito, não poderia ajudá-los a ter uma casa maior? Os Ward são muitos e vivem praticamente empilhados naquela choupana.

— Mal chegou e já se preocupa mais com os empregados do que com as necessidades do marido. – Ele a provocou de propósito, adorando deixá-la encabulada. — Não foi para isso que quis ter uma esposa.

— Você mal para em casa – retrucou ela, sentindo-se ultrajada. — E preciso aprender a cozinhar. Tenho me esforçado para me tornar uma boa esposa de fazendeiro.

— Ah, loirinha... – Anthony deixou o machado cair no chão e reduziu a distância que os separavam. Beatrice deu alguns passos para trás como reflexo de que deveria evitá-lo. — No momento, preciso de outro tipo de cuidado.

— Já sei – soltou ela, arregalando os olhos quando ele tocou em sua cintura. — Deve estar com fome.

— Muita fome, Paige, muita fome. – Beatrice sentia as pernas amolecidas, a barriga quente e a mente confusa. — Mas não é de torta de carne seca – explicou ele.

— Maggie disse que lhe agradaria a receita de sua mãe.

— Minha mãe preparava a melhor torta de carne seca da Virgínia — enlaçou-a pela cintura, suspendendo-a no ar para tocá-la nos lábios. Beatrice deixou a cesta cair no chão e acabou agarrando-se nele pelo pescoço e aceitando seu beijo. — Acho que podemos provar a torta de carne seca depois — sugeriu ele.

— Você não acha que está um pouco quente aqui? Faz muito calor nessa época do ano por aqui? — perguntou por perguntar, tentando inventar um assunto que a distraísse da ideia de que ele estava sem camisa e ela agarrada nele.

E que ele poderia fazer coisas nada decorosas com ela.

E ela adoraria, para sua ruína. Também pudera. Como poderia se passar por uma mulher casada sem evitar perder a honra no processo?! Beatrice havia repassado tantas vezes aquela cena com Gisele, de como deveria se portar quando estivesse a sós com o marido. Infelizmente, nada a preparou para os sentimentos que ele lhe despertava, nem para a ansiedade que se espalhava pelo corpo como se tivesse bebido vinho e quisesse mais até não ser mais possível pensar racionalmente.

— Está com calor, loirinha? — Anthony afastou a cabeça para fitá-la. Aqueles olhos verdes, que lembravam as folhas das árvores recém-brotadas na primavera, haviam perturbado sua mente durante todo o tempo, desde o momento que a deixara no quarto. Nada pôde afastá-la de seus pensamentos, nem nadar no rio gelado, nem trabalhar pesado com a enxada.

— Ah, sim! Não fazia tanto calor em Londres — respondeu ela e acabou gritando quando ele a jogou no ombro como se fosse um saco que os tripulantes do navio costumavam jogar de um lado para outro para servir de contrapeso.

— O que está fazendo? — gritou ela mais uma vez.

— Deve confiar em seu marido, Paige — disse ele, apressando o passo para chegar logo onde pretendia.

— Da última vez que insinuou tal coisa me deixou sozinha e entediada — repreendeu-o.

— Se não queria ficar sozinha e entediada, bastava ter pedido pela minha companhia – zombou ele.

— Muito simples quando não é o senhor a donzela aqui – acabou falando o que não devia mais uma vez e ele soltou uma gargalhada.

— É isso que tanto a preocupa?

Era aquilo e mais o fato de que ela não era Paige Clark, mas não poderia contar a ele sem acabar sendo rechaçada em lugar tão afastado da civilização, cercado por índios que poderiam escravizá-la.

— Ser virgem e recém-casada é algo perturbador – limitou-se a responder, voltando a gritar quando sentiu a água gelada nas pernas. — Por Deus, o que pensa que está fazendo?

— Matando seu calor! E já aproveita para tomar banho.

— Anthony! – soltou ela quando ele a afundou dentro da água, agarrando-se no pescoço dele por não saber nadar. — Não sei nadar e morro de medo de me afogar – admitiu um dos seus maiores temores depois de montar a cavalo.

— Você não teve infância, Paige? – perguntou ele, trazendo-a para mais perto do corpo, o que não era nenhum esforço considerando que ela o atraía tanto.

— Em Londres? Claro que não! – respondeu enfurecida. — Não costumamos nos atirar dentro do Tâmis.

— Acalme-se! Não vou deixar que se afogue – passou a mão pela testa dela para afastar uma mecha de cabelo molhado. — Não quero ficar viúvo antes de fazer de você minha esposa de verdade. Nem depois, porque somos muito jovens para morrer. Apenas relaxe e aproveite.

— Não consigo! – confessou e ele a beijou, sem tentar ser delicado dessa vez.

Havia algo no beijo daquele homem que a deixava com os pensamentos entorpecidos, algo inexplicável que a fazia confiar sua própria vida a ele, a ponto de se esquecer que estava dentro de um rio e que poderia muito bem morrer afogada.

— Se não puder confiar em seu marido, em quem poderá confiar? — Anthony sorriu e afrouxou o aperto, apenas o suficiente para a esposa sentir a leveza da água contra sua pele. — Eu posso ensiná-la a nadar, basta confiar em mim.

— Não esperava que fosse tão paciente comigo — disse Beatrice, percebendo que aquele homem escondia um bom coração embaixo de toda aquela dureza que eram seus músculos.

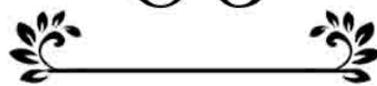
— Quero que nosso casamento dê certo — confidenciou Anthony. — É para toda a vida e se não pudermos nos entender, não será fácil dividir uma vida com você. Começar conquistando sua confiança me parece ser o certo. Minha mãe costumava dizer que um casamento se faz de confiança e lealdade. Se puder confiar em mim e ser leal, podemos ter uma vida harmoniosa.

Beatrice o encarou, olho no olho, e sentiu um aperto no coração ao ter que mentir sobre sua verdadeira identidade. Anthony Baldwin era um homem bom, justo e só esperava lealdade de sua parte, não merecia uma esposa impostora, que não media esforços para livrar-se de um casamento indesejado.

— Anthony, poderia me beijar de novo? — pediu ela, passando as mãos pelo rosto dele com carinho, tentando decifrá-lo nas rugas que lhe marcavam o rosto.

E ele a beijou, trazendo-a para perto para esquentá-la, mostrando à esposa que poderiam ser cúmplices, além de apenas marido e mulher.

06



— Jamais pensei que nadar poderia ser tão divertido – confessou Beatrice quando entrou em casa, sendo seguida por Anthony, que a olhava com cobiça, puxando-a pela mão até que conseguisse tê-la nos braços mais uma vez para deixá-la sem fôlego apenas com uma troca de olhares. — Preciso acender o fogo para esquentar a torta de carne seca – avisou-o, espalmando as mãos no tórax dele e abrindo-se para o beijo daquele homem possessivo e tão seguro de suas escolhas, como se o casamento fosse seu maior objetivo na vida, fazendo tudo para conquistá-la.

E Beatrice se derretia nos braços dele por se sentir tão desejada.

— Deveria trocar de roupa antes ou pode adoecer – aconselhou ele. — Foi seu primeiro banho de rio.

— E eu amei – respondeu ela, fugindo dos braços dele. — Vou acender o fogo e enquanto nossa janta aquece, vou trocar de roupa. Tive tanto trabalho para preparar a torta de carne seca.

— Posso ajudá-la a trocar de roupa, esposa – sugeriu ele, provocativo. Anthony parecia um garoto por se deixar enlevar pela euforia de ter conseguido mulher tão bonita como esposa. Era mais do que havia pensado

para sua vida quando decidira que havia chegado a hora de se amarrar a alguém.

— Se você subir comigo, não sei se voltaremos para o jantar. — E Beatrice queria muito se tornar parte daquele mundo tão simples em que o marido vivia, ser amada por um homem que não era um exemplo de sofisticação, que mal sabia usar um talher corretamente, mas que sorria pelas pequenas coisas da vida e ainda sabia beijar tão bem.

— Não me desagradaria sua ideia — riu ele, passando as mãos pelo cabelo molhado. As luzes esparsas do final de tarde batiam contra a pele masculina, aproximando-o do que Beatrice jurava ser a perfeita representação de um deus da mitologia grega: lindo, forte e poderoso. — O que foi? — perguntou ele, confuso com a reação da mulher estática na frente do fogão, olhando-o como se tivesse visto algo muito interessante.

— Você é magnífico — soltou ela, esquecendo-se do fogo que precisava ser acesso e da torta de carne seca.

Anthony sorriu, um pouco encabulado, por elogio tão fervoroso. Já haviam dito tantas coisas a seu respeito, mas nenhuma o descreveria como magnífico. Dos Baldwin mais jovens, era o que menos gostava de ser notado e a vida pacata que levava na fazenda o agradava muito para querer ter outras experiências.

— Vou considerar seu elogio, Paige! — Foi seu jeito de agradecer. — Vou subir para vestir uma roupa seca.

Beatrice acabou sorrindo por ter deixado o marido constrangido. Havia sido verdadeira e deixado o coração falar naquele momento. A vida poderia ser surpreendente. Jamais poderia imaginar que se sentiria tão próxima de um homem como de Anthony Baldwin, a ponto de compará-lo a um deus grego. Se o tivesse conhecido em Londres, não poderia ter feito outra coisa a não ser desprezá-lo. Era grosseiro demais para os padrões londrinos.

Ainda bem que se livrara daquele ideal de cavalheiro para ser verdadeiramente livre e dona de seu nariz. Para tentar ser feliz ao lado de um homem que não se importava com sua origem e que apenas queria recomeçar ao seu lado. Ali residia a magia de atravessar o oceano para se embrenhar no meio do nada: recomeçar em um novo lugar para evitar as

falhas de um mundo carcomido por valores ultrapassados, esquecendo-se das mesquinhas que dividiam pessoas em nobres e plebeus, ricos e pobres.

E, então, pela primeira vez desde que deixara Londres e sua confortável vida como filha de um conde, sentia-se como Paige e poderia muito bem aceitar ser chamada por nome tão simples, desejando o mesmo para sua amiga Gisele.



Anthony e Beatrice, ou melhor Paige, jantaram sentados um de frente para o outro à mesa de madeira. De tempos em tempos trocavam algumas palavras, sempre permeadas por provocações sexuais que eles não conseguiam mais evitar. Ele tinha um poder de transformar aquele cenário no mais perfeito de todos. Não importava mais a lady que um dia fora se Beatrice estava sentada num banco duro ou que a mesa não tivesse sido coberta por uma toalha bordada e tão bem engomada que não se poderia ver nenhum friso.

Só tinha olhos para o homem diante dela, que era como uma força da natureza.

E aquilo que antes considerava selvagem e assustador tornou-se charmoso e atraente.

— A torta está deliciosa – elogiou-a Anthony. — Nem parece que não sabe cozinhar.

— Descobri que gosto de cozinhar – disse ela, levantando-se para levar os pratos sujos até a pia. Anthony a impediu, segurando-a pelo pulso.

— Pode deixar isso para amanhã – avisou-a em tom de ordem, que fez os pelos de Beatrice se arrepiarem diante da expectativa do porvir. No rio, Anthony a agradara com beijos incendiários e toques que a faziam ofegar e desejar mais.

— Só estou tentando ser uma boa esposa – gaguejou ela.

— Você pode ser uma boa esposa se me acompanhar até nossa cama, de livre e espontânea vontade. — Anthony se levantou e beijou-a nas mãos, para depois pegá-la no colo. Estava determinado a levá-la para a cama e amá-la como desejara desde a primeira vez que ela bateu os cílios, tentando disfarçar o constrangimento por ter que se casar com um estranho. Havia algo misterioso na inglesa que o encantava e ele sabia que o sentimento que ela lhe despertava era muito perigoso. — Pode me aceitar como seu marido, Paige? De verdade?!

— Eu posso — admitiu o anseio de sua alma, que nada mais era do que o desejo de se tornar a esposa dele também na cama. Quando Beatrice descobriu que havia tomado o lugar de uma mulher prometida em casamento a um colonizador, muitas coisas passaram pela mente confusa e desesperada, mas em nenhuma delas considerou a hipótese de desejar dividir a cama com o noivo de Paige Clark. E nem a culpa de estar cometendo um pecado sem perdão conseguia demovê-la da ideia de entregar-se a Anthony.

Só por isso Beatrice merecia o fogo do inferno, para expurgar todos os pecados que havia cometido para chegar até ali, nos braços do homem que deveria ter sido de outra. Um dia teria que enfrentar a própria consciência por ter ousado usurpar a felicidade reservada a outra mulher.

— Você é tão linda. — Anthony havia acabado de depositá-la na cama e a encarava com as pupilas dilatadas tamanho era o desejo que sentia pela esposa, a mulher mais bonita que havia pisado na Virgínia e que era sua, que seria sua de corpo e alma. Nunca fora um homem que se deixava levar pelas paixões desenfreadas, e alguns diziam que era muito racional para se apaixonar, mas ali estava ele, totalmente enfeitiçado por uma delicada dama, de corpo esguio, pele macia e tão branca quanto o brilho da lua cheia.

— Você é tão grande e forte — soltou ela entre suspiros quando o colchão afundou com o peso do corpo dele.

— Não vou machucá-la, Paige — prometeu ele com a voz rouca, ajudando-a a afrouxar as fitas do espartilho.

— Você poderia não me chamar por Paige? — pediu, fechando os olhos quando sentiu o calor dos lábios dele contra o pescoço, logo abaixo da orelha. Só queria que ele a amasse como Beatrice, mas não poderia confessar

seu verdadeiro nome, também não queria que o nome de outra saísse de seus lábios.

O impasse a atormentava.

Queria que Anthony fosse só dela. Seria sua primeira vez com um homem e seria insuportável para seu coração ter que fingir ser Paige Clark. Não dividiria a recordação que queria guardar daquele momento com outra mulher.

— É estranho não gostar de seu nome. Como quer que a chame?

— Loirinha. Gosto quando me chama assim... — engoliu em seco quando as mãos dele puxaram as saias para cima. — Me sinto preciosa.

— Você é preciosa, loirinha! Tive certeza disso quando fui apresentado a você no porto de Hampton — mordiscou-a no queixo, procurando a boca para beijá-la.

— Você esperava por outra mulher, Anthony?

— Não vou mentir que a havia imaginado diferente — sorriu para ela, descendo com a camisa para brincar com os mamilos, formando um amontoado de tecido branco na cintura. Beatrice sentia os seios pesados, o corpo se tornando fraco e o desejo pulsante na junção das coxas. Ela sabia que ele a preparava para o ato sexual, procurando despertá-la para o prazer antes de ele se saciar dentro dela. — Não a imaginava tão linda. E nem ousou reclamar por ser seu marido. O destino foi benevolente comigo — aceitou que a sorte lhe sorriu.

— Acho que foi benevolente comigo também. Senti medo de que meu noivo — no caso, de Paige — fosse bruto e me tratasse mal.

— Sou bruto, loirinha, mas jamais a trataria mal — contou, empurrando-a para que se deitasse e assim pudesse livrá-la finalmente de todas as peças de roupas.

Beatrice sentia o coração pular forte. Teria puxado as cobertas para se proteger daquele olhar indecente, que parecia ser capaz de decifrá-la sem precisar contar que era uma impostora, mas tudo desapareceu da mente

quando ele se despiu e o membro grosso saltou de dentro de um amontoado de pelos escuros, pesado e curvado para cima, a prova de sua excitação.

Anthony se exibia para ela como um campeão e ele podia fazer aquilo, levando a mão na base do pênis e deslizando com ela para cima e para baixo. Os olhos sempre presos nos dela. Em algum lugar dentro daqueles olhos azulados ele já havia feito amor com ela, tantas vezes e de tantas formas.

— O que pensa que está fazendo? – perguntou ela ao notar que ele havia se ajoelhado na cama e erguia uma de suas pernas, depositando beijinhos, subindo, sempre subindo... Para acabar se enfiando com a cabeça no meio das pernas dela. — Que vergonha, Anthony! – reclamou. Ele a ergueu, cada uma das mãos pegando uma das partes das nádegas antes que ela pudesse levantar mais objeções, usando a língua para acariciar o clitóris. Começou devagar, muito devagar, passando a língua por toda a extensão da abertura feminina, saboreando as partes mais sensíveis daquela mulher impressionante.

Ela era perfeita.

E tinha gosto do pecado.

E então, quando Beatrice começou a se arquear, elevando o quadril contra o rosto dele, e a arfar palavras incompreensíveis, ele afundou ainda mais a língua contra a carne perfeita e macia, saboreando, provocando e deleitando-se.

— Não pare! – clamou Beatrice, movida pelos instintos que ela não compreendia muito bem. Mas Anthony não poderia imaginar parar naquele momento, não quando o desejo o cegava e a paixão que sentia ameaçava escravizá-lo. Usando os dedos, a penetrou e sentiu a carne virgem rodeá-lo, o pênis endureceu ainda mais como resposta àquele pequeno atrevimento. Ela estava preparada para ele, muito molhada, e bastaria deslizar com o pênis dentro dela, mas ele estava amando ser o responsável pelos prazeres que ela sentia enquanto seus dedos entravam e saíam de dentro dela. — Eu quero você, Anthony, ah... – sentiu ele colocar mais um dedo. — Como eu quero você.

— Eu a quero ainda mais, loirinha! – fazia questão de chamá-la pelo apelido. Ergueu a cabeça para fitá-la e se perdeu no brilho esverdeado dos

olhos dela, engatinhando até encontrar sua boca e a beijou até perder o fôlego.

Beatrice sentia-se ardente, como se tivesse sido jogada dentro de uma fornalha. Estava elétrica, acesa e viva. Anthony a havia despertado para a vida e aquela emoção jamais poderia ser compreendida, apenas sentida. Fugia de tudo aquilo que Gisele lhe ensinara sobre os homens.

Anthony se ajeitou entre as coxas dela, sem nunca desgrudar de sua boca. Beatrice continuava a se contorcer embaixo dele. A posse sobre o corpo feminino tornava o ato insuportavelmente inevitável. Enquanto ele procurava a melhor postura para não esmagá-la e muito menos machucá-la, ela deslizou as unhas sobre os braços do marido, deliciando-se com cada gomo de força que encontrava.

— Pode doer – avisou ele, já com a glândula acomodada na entrada dela.
— Vai ser apenas num primeiro momento, até que seu corpo se acostume com o meu.

— Não estou com medo – garantiu ela, abraçando-o e fechando os olhos. Estava tão perto de se tornar uma mulher de verdade...

E Anthony empurrou contra o quadril, deixando que ela o acolhesse de seu jeito, esforçando-se para romper a barreira que a separava do mundo das donzelas para se tornar sua mulher. Ele foi se aprofundando cada vez mais conforme ela relaxava em seus braços e ela sentia seu corpo se alargar para acomodar o dele.

Anthony a deixou se acostumar com ele dentro dela, soltando palavras carinhosas que a deixaram com os olhos marejados.

Como um homem tão pouco refinado poderia ser tão perfeito ao fazer amor com uma mulher? Aquilo não tinha explicação lógica para a cabeça de uma dama como Beatrice, cercada de tantos mimos e luxos.

— Você está bem? – perguntou ele e ela sacudiu a cabeça para tranquilizá-lo.

Voltando a beijá-la, ele retirou um pouco o pênis de dentro dela para entrar novamente, indo mais fundo dessa vez. Beatrice se contorceu pela onda de prazer que a abraçou como um elixir calmante.

— Você é muito apertada – admitiu, lutando para controlar o que sentia ou temia machucá-la. E isso estava fora de cogitação.

— É você que é muito grande, mas muito grande mesmo – disse ela.

— Está doendo?

— Doeu no início, mas agora parece que posso querer mais. É tão estranho ter uma parte sua dentro de mim e ao mesmo tempo querer mais de você dentro de mim.

— Eu quero ficar dentro de você – confessou, achando curioso conseguir manter um diálogo com o corpo tão excitado e com os pensamentos tão desfocados. — Mas não quero machucá-la.

— Não vai, pode continuar – incentivou-o.

E Anthony voltou a se movimentar dentro dela num vai e vem torturante para os dois. Aquela cadência lenta não durou muito tempo. Logo a necessidade de encontrar a saciedade tomou conta dele e suas estocadas tornaram-se insistentes, cada vez mais rápidas.

As palavras de devoção tornaram-se de amor conforme ela se entregava ao prazer que ele lhe proporcionava.

Beatrice parecia ter nascido e feito tudo que fez para viver aquele momento de profundo arrebatamento nos braços de um homem que não devia ser seu, mas que ela queria para si. Instintivamente, ela ergueu as pernas e o envolveu pelo quadril, puxando-o contra si para que ele conseguisse aprofundar ainda mais a penetração. Ele se apoiou nos cotovelos, e quando enfiou novamente, o pênis bateu em algo que o fez delirar. As palavras desapareceram de sua boca, tornando-se gemidos de satisfação e seu jorro quente e viscoso a inundou.

Beatrice poderia senti-lo em toda parte. Em seu corpo. Em seus pensamentos. Na sua respiração. No seu coração.

Ele havia se fundido a ela.

Eram marido e mulher finalmente.

07



Despertar com o corpo nu enrolado ao de Anthony trouxe, para Beatrice, a certeza de que o que havia vivido nos braços dele não era fruto de sua imaginação.

— Perdi a hora – disse Anthony ao notar que a esposa despertara.

— Pensei que não iria sair tão cedo hoje – comentou ela entre um bocejo e outro, tentando se ajustar à claridade das primeiras horas da manhã.

— Preciso ordenhar as vacas antes de ir para a plantação – beijou-a na testa.

— Você nunca tem descanso? – insistiu, talvez conseguisse que ele ficasse mais um tempo com ela na cama. E aquele pensamento a surpreendeu. Beatrice desejava passar mais tempo com Anthony. — Um dia de folga, Anthony?! – arqueou uma sobrancelha, erguendo a cabeça para encontrar os olhos dele.

— Nem sei o que é isso – respondeu ele. — Numa fazenda o trabalho nunca tem fim.

— Deve contratar mais gente para ajudá-lo.

— Precisamos aumentar as exportações de tabaco e talvez começar a plantar milho... — Anthony se levantou da cama, depois de beijá-la nas costas. — Antes de trazer novos colonos para cá, gostaria de aumentar a renda dos que já vivem aqui.

— É muito nobre de sua parte. — Beatrice se sentou na cama, parcialmente enrolada no lençol. — Mas como poderemos passar mais tempo juntos?

— Quem sabe poderia me acompanhar — sugeriu ele, aproximando-se novamente dela depois de ter remexido dentro de uma bolsa de couro. — Trouxe para você — estendeu a mão para Beatrice.

— Você está me dando uma fita verde para enfeitar meus cabelos? — Ela sorriu.

— Achei que combinava com seus olhos. É meu pedido de desculpas por não a ter levado comigo para Coreley — explicou, sentando-se na cama e colocando uma mecha de cabelo atrás de sua orelha.

O coração de Beatrice falhou e sentiu a pele quente como resposta.

— Maggie me contou sobre os índios e entendi que quis me proteger.

— Aqui sempre será mais seguro para você. Mas não pode ir e vir do assentamento dos colonos sem considerar que não está acostumada com a região — repreendeu-a, voltando a se levantar para ir buscar uma mala. — Trouxe algumas roupas que eram de Felicity. Ela tinha seu tamanho e suas roupas vestirão melhor em você do que aquelas que trouxe de Londres.

— Maggie me ajudou a consertar algumas peças — disse Beatrice, levantando-se para procurar um conjunto de blusa e saia. Havia decidido acompanhar o marido num dia de trabalho. Ele a pegou pelo braço e a puxou contra o peito.

— Um dia vou mandar vir vestidos novos de Londres para você — prometeu, beijando-a na boca. E não foi um beijo carinhoso, foi possessivo e apaixonante.

— Eu acho que posso viver sem vestidos novos — afirmou ela, colocando-se na ponta dos pés para abraçá-lo. — Tenho o mais importante

aqui, Anthony! Seu carinho é mais do que um dia puderam me dar.

Beatrice poderia ter crescido cercada de luxo, vestidos caros, porcelanas das mais finas, sapatos de couro mais macios, ter tido aula com professores brilhantes, mas foi vivendo poucos dias naquela casa simples e com pouco conforto, ao lado de um homem rústico, que compreendera que não haviam lhe dado o mais importante: o amor sem condições. Para o pai, apesar de sempre lhe fazer a vontade, a política sempre viria primeiro. Para a mãe, exibir a filha como um troféu a tornava distante emocionalmente. Já Anthony conseguia aceitá-la e esforçava-se para agradá-la, sem nem desconfiar de que abrigava embaixo do teto uma impostora.

— Virá comigo? – perguntou ele e ela concordou.

— Quero fazer parte de sua vida de verdade – apertou mais o abraço, como se pudesse convencê-lo a perdoá-la pelas mentiras que a haviam levado até ele.



Não foi difícil observá-lo ordenhar as vacas, precisava admitir. Mas olhar era sempre mais fácil do que fazer, principalmente para uma mulher que tinha um séquito de criados para fazer as coisas por ela.

— Tem certeza de que não vou machucá-la? – perguntou Beatrice com as mãos pequenas no úbere do animal. — E se ela ficar irritada?

Anthony pegou outro banco e o posicionou atrás do de Beatrice para sentar-se de modo que ela ficasse no meio de suas pernas.

— Vou ajudá-la – disse ele, beijando-a no pescoço porque não resistiu à tentação.

— Anthony, por Deus, está me dando lições de ordenha ou de devassidão? – quase gritou ao sentir a mão do marido subir pela coxa e se aconchegar dentro do calção.

— É difícil resistir quando decide não usar espartilho.

— É muito desconfortável tentar me abaixar ou dobrar o corpo usando espartilho – explicou Beatrice, totalmente amolecida nos braços dele. A cabeça já estava encostada no ombro de Anthony e buscava por sua boca. Nem ela imaginava que poderia gostar tanto do ato carnal.

— Não estou reclamando, loirinha! Desde que somente eu possa vê-la assim – beijou-a, aprofundando o contato entre as línguas. Com a mão livre, deslizou por baixo da blusa e apertou cada um dos mamilos, usando o polegar para friccionar as pontas endurecidas. — Vem comigo – levantou-se com ela nos braços, indo até um monte de palha.

— Isso é direito? – perguntou ela, sentindo a ausência dele quando se afastou para abaixar a calça.

— Somos casados – explicou ele, colocando-se sobre ela e a penetrando sem avisar. — Se estiver doendo, posso parar – pegou-a pelo rosto e a fitou. O jeito que ele sempre a olhava a incendiava, a fazia se sentir derretida, como se entrasse numa tina com água quente e ficasse lá por horas, apenas relaxando. — Isso precisa ser bom para você também ou não estou fazendo certo. Não podemos esquecer de que perdeu a virgindade ontem à noite.

— Como saberei se está fazendo do jeito certo se apenas fiz isso com você? – resmungou, abrindo os botões da camisa para conseguir tocá-lo. Beatrice amava sentir o calor da pele dele contra a palma de sua mão.

— Isso apenas aumenta minha responsabilidade, Paige.

— Oh, por favor, não me chame por Paige quando estivermos fazendo amor – pediu chorosa.

Anthony continuava achando estranho aquele pedido, mas o tesão ofuscava qualquer pensamento racional e simplesmente começou a se movimentar dentro dela.

— É normal as vacas nos observarem? – perguntou ela, encarando uma delas por cima do ombro masculino.

— São animais e não poderão contar o que estamos fazendo – quase gargalhou. — Loirinha, olhe para mim – puxou-a pelo queixo.

— É estranho fazer isso com olhos extras nos observando – tentou explicar o que sentia.

— Quer que eu pare?

— Claro que não!

Anthony soltou um suspiro de alívio. Chegava a ser injusto ter que sair de dentro dela.

— Ainda bem! Mas não podemos fazer isso devagar dessa vez... – afundou mais para dentro do corpo dela. — Estou atrasado e já deveria ter chegado na plantação.

— Ah, Anthony! – Ela o agarrou pela barra da camisa e o puxou contra a boca. — É estranho fazer amor nos estábulos, mas é tão bom quanto na cama.

Aquilo foi o sinal que ele esperava para se perder dentro dela, tentando chegar mais fundo, fundi-la ao seu corpo. O aperto da carne feminina ao redor do pênis deixava-o ofegante, o suor escorria pela testa dele e aquela mulher ainda seria sua perdição se não conseguisse controlar a luxúria que ela lhe despertava.

Anthony tinha muitas responsabilidades e precisava manter o foco longe das curvas tentadoras da mulher.

Seu olhar desceu para os seios com as pontas duras pela excitação que a varria conforme ele a penetrava. Abaixou a cabeça para chupar o mamilo da direita, depois da esquerda, e ela sentiu os espasmos atravessarem sua barriga em direção aos músculos do sexo, que se contraíram ao redor da rigidez masculina, como se estivessem brigando por espaço.

— Vai ficar mais forte – avisou ele, com a voz mais rouca do que ela poderia lembrar e aquilo a excitou um pouco mais a ponto de dobrar os joelhos para poder deixá-lo entrar mais dentro dela. Quanto mais ele a tocava, mais ela queria e mais se convencida de que manter relações sexuais com Anthony era viciante.

— Tudo bem – respondeu ela, um incentivo para que não parasse. Beatrice não queria que ele parasse de estocar, gostava da fricção daquele

corpo másculo, forte e cheio de vida no seu. Ele estava furioso, entrando e saindo do corpo dela, jogando-a para dentro de algo desconhecido... Mas ela não o temia.

Beatrice confiava nele, porque Anthony sabia do que ela precisava, do que gostava. E ousou imaginar que ele tinha os mesmos anseios dela ao sentir o polegar sobre o clitóris, massageando-o em círculos. As preocupações, o pudor, tudo desapareceu de sua mente e toda a tensão se quebrou para dar lugar ao prazer que a envolvia sem piedade. Não havia mais mundo real para ela, apenas Anthony e seu membro viril dentro dela, preenchendo-a de um sentimento incomparável, um orgasmo interminável.

Em cima dela, com a boca grudada em um dos seus seios, Anthony primeiro, resmungou, depois, xingou, e por fim, praguejou.

Era incrível a sensação de que ela o havia enviado para outro lugar, que estavam juntos naquele mundo paralelo, impregnados do suor um do outro.

Beatrice acariciou os cabelos dele e ele a olhou, sentindo o coração transbordar de um sentimento desconhecido. Ela não queria amá-lo, considerando que fora obrigada a mentir sobre tantas coisas, mas era difícil não pensar que já o amava.

— Eu acho que me apaixonei um pouquinho por você – sussurrou para que ele não pudesse ouvi-la.

Anthony respirava pesado, não tinha coragem de se mexer para que a sensação de bem-estar e plenitude não o deixasse. Queria fazer durar aquele momento para sempre, queria ficar dentro dela só mais um pouco.

Mas um grito o trouxe de volta à realidade e em um gesto brusco, que assustou Beatrice, retirou-se de dentro dela, levantando a calça rapidamente.

Beatrice o observou se afastar, um pouco assustada. Anthony não demorou a voltar, com o semblante carregado de preocupação.

— O que foi? – quis ela saber.

— Foram vistos homens na redondeza hoje cedo – disse.

— Seriam os homens que mataram o Senhor Kent?

— Não sabemos. E às vezes nem chegamos a descobrir. Vamos, Paige – estendeu a mão para ajudá-la a se levantar de cima da palha. — Vou deixá-la com Maggie.

— Não posso sair assim – começou a passar as mãos pelos cabelos, recolhendo do chão a fita de cabelo que Anthony lhe havia dado de presente.

— Pode pegar emprestada uma roupa de Rose. Só o tempo de encilhar o cavalo – virou-se e foi para o outro lado do estábulo.

Não demorou muito para voltar já montado e estendeu a mão para Beatrice. Com agilidade e destreza, puxou-a para cima do cavalo, acomodando-a em sua frente.

— Tome – entregou um cobertor de lã. — Não quero que a vejam com pouca roupa.

— Não pode reclamar, Anthony! Estamos saindo como criminosos e não para persegui-los – soltou Beatrice.

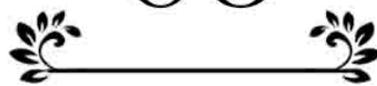
— Os colonos acham que índios estão à espreita da fazenda para levá-la embora. – Os ossos de Beatrice gelaram. — Não vou deixar isso acontecer, não vou mesmo – prometeu, segurando-a firme contra seu corpo.

Beatrice se encolheu contra o peito dele e fechou os olhos, mais preocupada em estar em cima do lombo do cavalo do que com os índios.

— Anthony – chamou-o. — Não sei cavalgar, porque tenho medo de cavalos. – Aquela verdade ela podia confessar. Devia isso a ele. — Desculpe se sou uma fraude como esposa de fazendeiro.

— Jamais diga isso, principalmente depois de termos feito amor – disse ele, encerrando a conversa.

08



As horas custavam a passar quando a agonia ditava cada segundo dos ponteiros do relógio, que pareciam não existir na Virgínia. As pessoas ali marcavam a passagem das horas, semanas e meses olhando para o sol. Um relógio era um item muito caro, explicou Maggie para Beatrice, e os colonos tinham outras prioridades, como comer e se manter vivos.

— O Senhor Baldwin vai voltar – disse Rose, sentada em um banco enquanto Beatrice lhe penteava os cabelos. — A senhora poderia me ensinar as funções de uma dama de companhia. Mamãe contou que a senhora servia à filha de um conde em Londres – suspirou a garota, que deveria ter, pelo menos, dois anos a menos do que Beatrice. As mulheres costumavam se casar mais tarde nas colônias. — Não gostaria de passar minha vida plantando batatas e cenouras e cozinhando para meu marido.

— Posso sim – respondeu Beatrice, com os olhos fixos no horizonte, esperando pelo marido. Estava intrigada com o fato de ter se apegado rapidamente a Anthony.

— Como ela se chamava?

— Ela quem, Rose?

— A filha do conde a quem servia.

— Lady Beatrice Alexandra Lennox. — Era bom dizer seu verdadeiro nome, mesmo que para uma pessoa que não desconfiasse das mentiras e armações que a rodeavam numa teia interminável.

— Como ela era, senhora? — Rose era uma garota curiosa e sonhadora para quem havia nascido em uma das colônias britânicas.

— Lady Trice, era assim que os irmãos e criados a chamavam. Era uma dama educada e elegante. — Os pensamentos de Beatrice voltaram para uma época em que se considerava a garota mais sortuda de todas e seus olhos marejaram. — Sonhava em fazer um bom casamento, com um cavalheiro jovem e viril que lhe desse filhos.

— E ela se casou?

— Seu pai, o Conde de Richmond, a prometeu em casamento a um duque.

— Oh, ela se tornou uma duquesa. Que felicidade! Daisy contava histórias incríveis sobre os duques.

— Talvez ela pudesse ter sido feliz se o duque não tivesse idade para ser seu avô. Lady Trice não queria se casar com um homem tão velho.

— Ainda bem que não nos obrigam a nos casar com quem não desejamos aqui na Virgínia — soltou Rose.

— É uma benção poder escolher o marido, Rose — disse Beatrice. — Às mulheres da nobreza não é reservado o direito de escolher seus maridos. A maioria dos casamentos não tem o amor como objetivo. As pessoas se casam por outros interesses e algumas delas são prometidas ainda bebês a cavalheiros de famílias abastadas.

— Nem aqui nos casamos por amor, precisamos ser realistas. O amor pode vir com o tempo, mas ao menos sentimos afeto por aquele que nos corteja. Acho que por falta de opção acabamos nos apegando a quem nos corteja.

— Já é alguma coisa, querida! — Beatrice terminou o penteado em Rose e sorriu com sua obra-prima. Não sabia que tinha tanto jeito para mexer com cabelos. — Ficou linda, Rose.

A garota ruiva se levantou e saiu em busca de um espelho, passando pela mãe sem lhe dar ouvidos.

— Vai dormir sentada para não estragar o penteado – comentou Maggie, rindo da empolgação da filha com seu novo e intrincado penteado com tranças e laços. — Que história mais triste essa que contou para Rose.

— É mesmo triste – concordou Beatrice ao pensar em sua vida. — Sabe o que aprendi nestes poucos dias aqui na Virgínia? De que a liberdade não tem preço e que nem toda riqueza do mundo pode trazer felicidade a uma mulher.

— Riqueza nem sempre é sinônimo de felicidade, mas ela nos ajuda a afastar as preocupações e encher os estômagos. Acredite, senhora, não conseguimos nem pensar em felicidade sentindo fome. – Maggie ficou séria de repente. — Falando nisso, pensei em convidá-la a se juntar a mim no galinheiro.

— No galinheiro, Maggie? – estranhou Beatrice.

— Sim, sim! Vou matar uma galinha para o jantar. Nem sempre temos carne seca para fazer tortas, senhora – explicou, dando de ombros.

— Oh, meu Deus, usamos toda sua carne seca, não é? – Beatrice se sentiu mal. — Falarei com Anthony para recompensá-los.

— Não se preocupe com isso, Paige! O patrão sempre nos traz carne seca de Coreley – esclareceu a mais velha. — Mesmo assim não temos carne seca em abundância, mas as galinhas também podem ser apetitosas.

Beatrice acompanhou Maggie até o galinheiro, mas não conseguiu olhar para o que ela fazia com a galinha que capturou depois de correr atrás de várias dentro do cercado em que as aves ficavam.

— Eu acho que vou desmaiar, Maggie, se abrir os olhos – confessou Beatrice.

— Nunca precisou matar uma galinha para comer, não é? – falou Maggie entre risadas ao perceber que a jovem esposa do patrão estava pálida.

— Acredito que as cozinheiras faziam isso na mansão do conde, onde vivia. E havia açougueiros em Londres que vendiam pedaços de carne para os plebeus. A propósito, Maggie, por que não cria galinhas e as vende já mortas e prontas para serem assadas? Eu seria uma cliente assídua e ainda poderia vendê-las para minha amiga Mary, em Coreley. Pobre Mary! Deve ter o estômago fraco como o meu para a matança.

— Gostei da ideia, senhora! – respondeu Maggie empolgada. — O que seriam dos homens da Virgínia sem a inteligência das mulheres?

— Deve ser por isso que somos tão necessárias aqui – comentou Beatrice, colocando-se na ponta dos pés para ver melhor. Jurava ter ouvido cascos de cavalo.

E havia mesmo. Correu para encontrar Anthony, que saltou do cavalo assim que a viu.

— Nunca mais demore tanto para dar notícias – xingou-o.

— Calma, loirinha! – Anthony a suspendeu nos braços. — Eu voltei, não voltei?!

— Como posso me acalmar se você saiu para encontrar o perigo? – refutou a pergunta com outra.

— Nada encontramos! A não ser rastros no chão. Devem ter sido os peles vermelhas. De tempos em tempos eles resolvem nos observar mais de perto – contou ele.

— Quem são os peles vermelhas?

— São índios que pintam os corpos de vermelho.

— Que interessante!

— Se encontrar um deles, deve correr, Paige! Me prometa – pediu Anthony, passando as mãos pelo rosto dela, preocupado por saber que aquela tribo em específico não era amistosa como os Powhatans, que acabaram expulsos, praticamente exterminados.

— Prometo – concordou e se aconchegou no peito dele, queria sentir seu coração pulsar contra o ouvido.

Beatrice sabia que não era bom para ela se sentir tão dependente de um homem que mal conhecia e que não era para ter sido dela. Ao usurpar a vida de outra mulher, cometeu um pecado e poderia ser punida por isso, se não pelos homens, seria por Deus.

— Vou voltar para a plantação – explicou Anthony. — É melhor ficar aqui com Maggie e antes do anoitecer venho buscá-la – beijou-a para se despedir.

— Vou esperar por você – disse Beatrice, beijando-o no rosto como despedida, sentindo-se mais tranquila ao saber que o perigo havia passado.



As horas seguintes passaram rapidamente e Beatrice conseguiu esquecer a apreensão com que passou a maior parte do dia. Maggie lhe ensinou a preparar ensopado de frango e, em troca, ela ensinou as crianças mais jovens suas primeiras letras. Com o tempo e quando estivessem mais acostumadas, queria ensiná-las, principalmente às meninas, a se portarem com mais finesse. Um pouco de elegância não lhes faria mal algum; e quem sabe no futuro algum viajante pudesse se interessar pelas garotas a ponto de lhes propor casamento.

Poderia também ensinar Anthony a se portar como um cavalheiro e quem sabe, conforme o tempo passasse e tivesse coragem, contaria a verdade. Talvez assim ele pudesse perdoá-la e juntos conheceriam Londres.

Aquilo era um sonho quase impossível, ela sabia.

Mas sonhar não lhe custava muito e a ajudava a suportar os dias mais difíceis.

Beatrice sentia falta da mãe, dos irmãos e até das cunhadas, de Lettice, dos livros, da cama macia, dos passeios de carruagem e de tantas coisas que gostaria de dividir com Anthony. Seria perfeito se ela pudesse levá-lo para sua antiga vida. Era lamentável não poder ter tudo, mas era realista para se

contentar com o que tinha ali na Virgínia: um marido que a desejava, talvez não a amasse como esperava sua mente sonhadora.

E um marido jovem, um argumento que a motivava a continuar naquela jornada criminosa de se passar por outra mulher.

— Ainda preocupada com os índios? – perguntou Anthony, sentando-se ao lado dela na frente de casa. A lua estava alta no céu e a brisa fresca sacudia os galhos das noqueiras.

— Pensava em minha vida em Londres – admitiu.

— Sente falta da civilização? Minha mãe sentia, acho que nunca conseguiu deixar de desejar visitar a Inglaterra uma última vez.

— Não sei dizer se sinto falta, Anthony! De algumas coisas, sinto falta. De outras, nem tanto. E tem algumas coisas que daria a vida para poder esquecer – principalmente do ancião que lhe arranjaram como pretendente a marido. — A civilização nem sempre é agradável e as pessoas costumam ser mesquinhas a maior parte do tempo.

— Por isso prefiro a vida no campo.

— Sua opinião não conta, pois nunca estive em Londres para entender direito ao que me refiro. Talvez se tivesse nascido e crescido lá, seria mais um dos muitos ingleses ambiciosos.

— Tem razão, mas não podemos deixar de considerar que talvez eu tivesse perseguido algo diferente para minha vida. E assim como minha mãe, poderia ter decidido embarcar num navio para tentar a sorte do lado de cá do mundo. – Anthony colocou sua mão sobre a de Beatrice. — Ainda bem que não precisei tomar tal decisão ao já nascer do lado de cá.

— Alguém tomou por você – asseverou ela.

— Isso não é de todo o ruim – disse ele, virando-se para encará-la. Aqueles olhos verdes que lembravam os campos molhados pela relva da manhã sempre seriam sua fraqueza. Ah, se a esposa pudesse entender o poder que ela tinha sobre ele, talvez não o olhasse de forma tão gentil.

— Nem de todo bom. Quando outros tomam a decisão por nós, não chegamos a dar valor para aquilo que conquistamos. – Beatrice deixou o

coração falar, dando vazão aos seus pensamentos mais íntimos. — Decidi entrar naquele navio e aqui estou; e por isso consigo dar valor à vida que escolhi levar.

— Fico feliz por isso – tocou-a com os lábios na palma da mão. Foi um beijo carregado de tensão sexual, que a amoleceu e a fez desejá-lo. Era assustador querê-lo tanto, como se o corpo dele pudesse fazê-la esquecer dos problemas que a cercavam, da própria consciência de que estava roubando a felicidade de outra pessoa.

Beatrice odiava se sentir tão egoísta. Só queria ser feliz, mas parecia que a felicidade teria um preço muito alto a ser pago e aquilo a deixava com os olhos marejados quando olhava para Anthony, sabendo que não era seu marido de verdade.

Mas seu coração queria que fosse.

Anthony a puxou para o colo e afastou os cabelos para beijá-la na dobra do pescoço.

— Fica mesmo feliz em eu ser sua esposa? – perguntou. — Mal consigo matar uma galinha e esquartejá-la em pedaços menores para serem preparadas e servidas no jantar.

— Seria ótimo se pudesse matar as galinhas. – Ele riu. — Facilitaria nossa vida. Mas isso não a faz pior do que ninguém. Nem todos suportam a matança. Minha mãe nunca conseguiu matar um animal, sequer um passarinho, e ela se tornou indispensável para o meu pai mesmo assim. Podemos fazer um acordo com Maggie. Ela mata nossas galinhas a troco de alguma coisa que ela deseje.

— Carne seca – sugeriu Beatrice. — As crianças amam torta de carne seca.

— Preciso lembrar de trazer mais carne seca de Coreley.

— Não vou deixá-lo esquecer – avisou Beatrice, encostando a cabeça no ombro do marido.

— Esse é o papel de uma boa esposa de fazendeiro, Paige. Ser sua companheira para todas as coisas e em todos os momentos. Uma esposa leal

vale mais para um fazendeiro do que uma que saiba matar galinha. – Beatrice o olhou com os olhos marejados. — O que foi? – perguntou ele, preocupado.

— Nada demais! Acho que sinto falta de Mary. – Não poderia confessar que estava longe de ser a mulher mais leal do mundo. No entanto, Beatrice queria e poderia ser a partir dali.

— Logo terá a oportunidade de revê-la – garantiu ele, levantando-se com ela no colo.

— Para onde estamos indo? – Beatrice soltou um gritinho.

— Para nosso quarto, Paige!

— Não estou com sono – avisou ela.

— Podemos nos distrair antes de dormir. – E a beijou na boca, sem ser gentil, atravessando a porta da frente e subindo de dois em dois degraus para chegar o quanto antes no quarto. Chegando lá, depositou-a na cama e afastou-se para se livrar da camisa e da calça. — Vou possuí-la, loirinha – lembrou-se de que ela não gostava de ser chamada por Paige quando faziam amor.

— Anthony, deixe-me tocá-lo como você me toca – ousou fazer aquele pedido porque queria se sentir mais do que uma esposa fajuta que sempre o enganara.

Anthony não verbalizou seu consentimento, apenas se deitou do lado dela na cama. Beatrice abriu um sorriso tentador, erguendo a saia para montá-lo e começou a beijá-lo em todas as partes que encontrava, deslizando a língua até o umbigo.

Maldição.

Anthony não queria escandalizá-la, mas o membro começava a doer, ansiando pelo toque dela. Antes que pudesse sugerir, ela pegou a ereção em sua mão. Faltava tão pouco para abocanhá-lo e agradá-lo.

— Mostre-me o que fazer – pediu ela.

— Chupe-o – ordenou com a voz rouca, os músculos tensionados e o sangue quente.

— Assim? – Ela afastou os lábios e a língua deslizou pela glândula, uma vez, duas vezes, até que Anthony a pegou pelos cabelos e a guiou para que aprofundasse o contato, deleitando-se dentro daquela boca quente e molhada, tão perfeita para tirar um homem do prumo.

— Isso – respondeu ele, incentivando-a a ir mais fundo. E ela aprendeu rápido, o que o agradava. Algo poderoso dentro de Beatrice a encorajava a continuar aquela exploração pelo corpo masculino. Não era apenas a necessidade de sentir prazer, de se sentir mulher dele, mas de marcá-lo como seu para que ninguém pudesse reivindicá-lo, tirá-lo dela. Ela abandonou o membro e montou sua pelve para se esfregar nele, sexo no sexo. A mão dela voltou a agarrar a rigidez que parecia ter crescido mais alguns centímetros, resultado do tesão que o fazia sentir. — Maldição, loirinha, você vai me matar desse jeito – soltou ele, a respiração mais pesada, o corpo ardendo de desejo. Ela se sentou nele e ele deslizou para dentro dela, delicioso, mas tão lento que desafiava sua paciência em se manter imóvel.

— Anthony. – Beatrice queria sua atenção.

— O que foi?

— O que faço agora? – Era muito inexperiente para saber o que precisava fazer, mas ela queria e fazia de tudo para possuí-lo, tal e qual ele a possuía.

— Suba e desça. Assim... – firmou as mãos no quadril para guiá-la e, novamente, ela aprendeu rápido. Afundou ainda mais os dedos na pele dela e juntos estabeleceram o ritmo perfeito para atingirem o clímax.

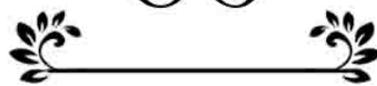
Beatrice caiu para frente, sentindo os espasmos se espalharem pelo corpo, o estremecimento confundir os pensamentos. Anthony a segurou contra o peito, sempre entrando e saindo, mantendo a cadência perfeita entre eles até que ela gritou, desfazendo-se em seus braços. E ele também chegou lá, derramando-se dentro dela.

Mais uma vez eles se tornaram um só e Beatrice não poderia se sentir mais plena. Ela sempre lhe seria leal quando compartilhavam o amor. Se ele pudesse entendê-la e aceitá-la, poderia criar coragem para lhe revelar toda a

verdade. E assim aquele peso sairia de suas costas, livrando-a de uma vez por todas do martírio em que vivia.

Infelizmente ainda não poderia dizer que não era Paige Clark. Talvez nunca pudesse admitir seu verdadeiro nome para ouvi-lo saindo da boca de Anthony.

09



Três meses depois.

A vida passou a ter outro significado para Anthony depois que se casara. Já não se sentia tão só como outrora, além de realmente ter encontrado um motivo honroso para fazer a fazenda prosperar. Se soubesse que poderia ser tão feliz no casamento, não teria adiado o momento por tanto tempo. Mas se tivesse feito isso há cinco anos, como a mãe queria, a pretendente poderia ter sido outra e realmente ele poderia não ter gostado dela como estava encantado por Paige Clark. Sua esposa era jovem e cheia de vida, um pouco atrapalhada com a vida no campo, mas esse fato pouco parecia ter importância quando se lembrava dela e de seu ardor na cama.

Anthony costumava sair cedo todo dia para cumprir sua extensa lista de afazeres, sempre ansiando pelo pôr-do-sol, momento em que voltaria a revê-la e poderia ouvi-la contando sobre o que aprendera com Maggie. Paige sempre o recebia com um sorriso no rosto e algum prato especial que havia preparado. Era uma verdadeira revelação na cozinha e não a agradava ter que cuidar de outros afazeres como lavar e limpar, fugindo sempre que ele se mostrava disposto a ensiná-la a cavalgar.

— Não poderia ter feito melhor trabalho com os colonos – disse Lawson, exigindo a atenção do primo. — Não prestou atenção em uma palavra que falei – reclamou o mais novo dos Baldwin.

— Estava com os pensamentos longe – admitiu Anthony.

— Na esposa? – foi sarcástico. — Falando na Senhora Baldwin, gostaria que ela me acompanhasse até Coreley.

— Paige em Coreley? – Anthony quis saber o motivo.

— Preciso da ajuda dela – explicou o primo.

— A viúva de Wilson não pode ajudá-lo? – reclamou Anthony, montando em seu cavalo.

— Foi Mary quem pediu para levar a amiga para Coreley, para ajudá-la na recepção do novo governador. Parece que o homem é um cavalheiro da nobreza e sua esposa está mais habituada a lidar com essa gente cheia de pompa do que Mary.

— Sim. Paige serviu à filha de um conde em Londres.

— Foi o que Mary falou, que Paige saberá nos dizer o que teremos que fazer para receber o novo governador.

— E para quando é essa maldita recepção? – perguntou Anthony, prevendo que a resposta não iria agradá-lo.

— Daqui três dias.

— Inferno, Lawson, não vou ficar três dias sem minha esposa – esclareceu antes que o primo resolvesse sugerir outra coisa que não estava preparado para ouvir. — E não pretendo deixá-la embaixo do mesmo teto que você.

— acredite, Anthony, apenas tenho interesse no conhecimento de sua esposa. Fomos escolhidos para receber o governador e sua comitiva porque nossa casa é a maior e isso é muito bom, pois podemos expandir os negócios, quem sabe conseguir mais exportações para nosso tabaco. — Lawson sacudiu a cabeça e soltou uma gargalhada pelo ciúme estampado no semblante do primo.

— E Paige ficará responsável por isso?

— É a mais capacitada, segundo Mary.

— Como tem sido com ela vivendo no mesmo teto que você? Maggie acha que ela vai querer voltar para a Inglaterra assim que o próximo navio zarpar.

— É difícil explicar como é viver com uma mulher que deveria ter sido de outro homem, no caso meu cunhado, mas não deixa de ser uma mulher bonita... No entanto, admito que ela é ótima com as crianças. Nem Felicity conseguia impor tanta ordem.

— Quem sabe você possa se casar com ela se é tão boa com as crianças – sugeriu Anthony.

— Para alguém que demorou tanto tempo para se decidir pelo casamento, deixando tia Daisy morrer sem a felicidade de ver o filho encaminhado, você está muito otimista com o casamento – debochou o mais novo para mudar de assunto, ainda não estava preparado para conversar com o primo sobre sua relação com a inglesa.

— Não tenho do que reclamar – sorriu em resposta, batendo com as esporas no cavalo para ganhar impulso e chegar logo em casa, onde a esposa o aguardava.

Os dois homens acabaram disputando uma corrida de cavalos para relembrar os velhos tempos, quando costumavam ter menos problemas para perturbá-los.

— Sempre ganha – reclamou Lawson ofegante.

— Precisa se exercitar mais – disse Anthony. — Venha, vamos levar os cavalos para os estábulos, assim teu animal pode beber um pouco de água e descansar antes de partir. Paige deve ter feito algo para o jantar.

— Você gosta dela, não é?! – Lawson não acreditava no amor e achava curioso como os casais rapidamente se apegavam a uma vida a dois.

— Paige é uma mulher bonita e seria um tolo se não tivesse percebido isso.

— O que a faz desejável na cama – provocou o mais novo.

— Como dizia... — Anthony não fazia caso das palavras do primo. — Paige tem se esforçado para ser uma boa esposa, apesar de ser atrapalhada em algumas coisas.

— Está brincando! — Lawson soltou uma gargalhada. — Casou-se com uma das mulheres mais bonitas que pisou na Virgínia! Penso que ela ser atrapalhada em algumas coisas pouco importa.

— A vida aqui não é fácil para mulheres bonitas e você sabe muito bem disso.

— Tem medo de que os peles vermelhas a levem? — Lawson cruzou os braços e encarou o primo com o olhar divertido. — Devo avisá-lo de que se apaixonou pela inglesa, se é que ainda não se deu conta — desviou do olhar para conduzir o cavalo para dentro da baia.

— Não é um assunto que eu deva lhe dar satisfações — resmungou Anthony, saindo correndo quando ouviu a voz da esposa chamando-o. — O que foi? — perguntou quando os dois se chocaram.

— Preciso de sua ajuda para tirar as tortas do forno — disse ela, afoita, puxando-o pela mão em direção do forno.

Lawson os seguiu para não perder aquela interação curiosa, divertindo-se com cada palavra de carinho que o primo dizia para a esposa. Era visível que ele já a amava e acabou pensando na viúva do cunhado.

— Lawson, vem cá nos ajudar — pediu Anthony, já abrindo a portinha do forno. — Você pensava em alimentar um pelotão, Paige?

— Não, Anthony! Apenas queria levar as tortas para os filhos de Maggie. As crianças gostaram da torta de maçã que levei outro dia, mas não teve para todas.

— Os filhos de Maggie podem muito bem formar um pelotão — comentou Lawson, empenhado em não deixar queimar as tortas. — O cheiro está ótimo, Paige!

— Pode pegar uma para você, Senhor Lawson — ofereceu Beatrice.

— Apenas Lawson, afinal, somos parentes — sugeriu Lawson. Anthony se colocou entre os dois, sentindo-se enciumado. Havia se acostumado a não

dividir as atenções da mulher com outro homem e estava se sentindo incomodado com a simpatia exagerada do primo. — Não precisa ficar com ciúmes, Anthony – cochichou. — Não pretendo roubá-la de você, já tenho mulheres demais me esperando em Coreley – brincou ao lembrar das sobrinhas.

— Engraçadinho! – exclamou Anthony.

— É verdade, primo! Aquelas meninas me deixem maluco, não sei como Wilson dava conta de cuidar de tudo depois da morte de Felicity.

— Talvez seja por isso que ele tenha decidido se casar de novo. – Anthony deu de ombros. — Se tivesse considerado a ideia, não estaria solteiro com quatro crianças para educar.

— Do que falam? – Beatrice parou do lado deles e sorriu à espera de uma resposta.

— Falávamos que Mary a aguarda em Coreley – contou Lawson.

— Isso ainda não foi decidido, Lawson – repreendeu-o Anthony.

— Paige é quem deve decidir se quer ou não ajudar – retorquiu Lawson.

— Quem sabe se um dos dois me explicasse eu possa dar minha opinião sobre o assunto – respondeu Beatrice, com os braços cruzados e batendo o pezinho no chão de cascalho batido.

— Vamos receber o novo governador, que é um cavalheiro da nobreza, e Mary quer sua ajuda para que possamos recepcionar sua comitiva sem nos envergonhar – explicou Lawson, tentando ser persuasivo. — Será bom para os negócios.

— Tão bom quanto? – perguntou Beatrice para espanto do primo do marido, que a olhou com a boca aberta. Se sua tia estivesse viva, com certeza diria que não se faziam mais inglesas como antigamente. Beatrice e Mary haviam sido forjadas de um tipo de mulher diferente, eram mais audaciosas e... Ele poderia dizer que mais intrigantes.

— O governador e seus funcionários poderão recomendar nosso tabaco. E com mais exportações poderemos pensar em plantar mais tabaco –

respondeu ele.

— Os colonos receberão mais?

— Com certeza! Não somos como alguns que exploram os colonos à exaustão, mantendo-os presos por lhes deverem favores. — Lawson até chegou a se sentir ferido em seu orgulho com aquela insinuação. Alguns diziam que o melhor modelo era o da escravidão, mas os Baldwin não conseguiam aceitar enriquecer explorando trabalho escravo.

— Não leve para o pessoal, Lawson! — avisou Anthony. — Paige está empenhada em melhorar as condições de vida dos colonos assentados na fazenda.

— Eles merecem viver em casas melhores — explicou Beatrice. — Isso é ótimo, Anthony! — buscou o olhar do marido, aproximando-se para pegá-lo pela mão. — Posso, sim, ajudar Mary a preparar a recepção do novo governador.

— Paige! — Anthony a encarou. — Não dei permissão para que vá para Coreley.

— Mas eu preciso ir! Não percebe que tenho que ajudar Mary para que dê tudo certo e assim possamos plantar mais tabaco? Serão poucos dias — insistiu Beatrice.

— São três dias longe de você, loirinha — disse baixinho.

— Mas é para uma boa causa, Anthony. — Ela se colocou na ponta dos pés para beijá-lo no rosto. — Três dias passam depressa e seria ótimo para os negócios se você também conhecesse o novo governador.

— Exatamente! — Lawson se aproximou do casal e bateu com a mão no ombro do primo. — Não pode se esconder para sempre aqui na fazenda. Sem Wilson, preciso que participe mais dos negócios. Ao menos até encontrarmos alguém que me substitua em Hampton. Talvez nem consigamos — deixou os ombros caírem, revelando um cansaço que não combinava com sua habitual boa disposição.

— Decidiu ficar em Coreley? — perguntou Anthony, puxando Beatrice para longe do primo.

— Não tenho escolha. — Lawson deu de ombros, voltando-se para a esposa do primo. — Paige, partimos para Coreley assim que terminar de comer minha torta de maçã — piscou para ela só para provocar o primo. Jamais poderia imaginar que Anthony se transformasse num homem tão possessivo e ciumento.

— Nem pensar! — reclamou Anthony. — Paige não sabe cavalgar e não vou deixar que viajem de carroça tão tarde da noite. É uma presa fácil para os peles vermelhas.

— Que diabos, Anthony! — Lawson coçou a cabeça. — Quando se tornou tão possessivo?!

— Mas é verdade — Beatrice olhou de um para outro homem. — Não sou uma amazona. Mas eu gostaria muito de ir para Coreley. Estou com muita saudade de Mary — deixou uma lágrima escorrer e a secou com a ponta do avental, compadecendo Anthony.

— Tudo bem! Você pode ir, mas eu irei levá-la até Coreley. Partimos amanhã de manhã cedo. Assim posso comprar mais carne seca para Maggie, já que ainda não posso lhes construir casas melhores. — Beatrice o agradeceu com um lindo sorriso, que o fez sentir o sangue quente. — Assim posso me despedir de você, loirinha. — Beatrice sabia que aquelas palavras eram permeadas de insinuações sexuais e acabou corando, para sua vergonha, quando encontrou os olhos de Lawson.

Anthony era tão convencido que nem fizera questão de baixar o timbre da voz ao chamá-la pelo apelido.

— Pode pernoitar aqui se não se importar em dormir na velha poltrona do falecido pai de Anthony — sugeriu ela, tentando evitar de pensar em Anthony nu dentro dela.

— Não posso deixar Mary e as crianças sozinhas. Prometi voltar — esclareceu Lawson.

— Vamos entrar para comer a torta — convidou-o Anthony e os três seguiram na direção da casa, cada um levando consigo duas tortas de maçã.

10



Anthony olhava para a esposa sentada diante da penteadeira que havia reformado para ela, desembaraçando os cabelos e com os pensamentos distantes. Havia se sentado na cama para admirá-la, e foi quando se deu conta de que ela não combinava com sua casa. Ela era uma mulher tão sofisticada para aquela vida simples e que ele tanto apreciava. Se alguém os visse juntos diriam a ele que estava cometendo um sacrilégio em escondê-la do mundo.

— A recepção do novo governador vai ser um sucesso – disse ele, levantando-se para se aproximar de Beatrice, que ergueu a cabeça para fitá-lo, sorrindo lindamente.

— Você acredita nisso mesmo? – perguntou ela quando ele se agachou para beijá-la na bochecha.

— Claro que sim – concordou, afastando os cabelos loiros do olho da mulher encantadora que desposara.

Beatrice se derretia quando ele fazia isso. Era um gesto tão meigo para um homem dotado de tanta força. Anthony era uma força da natureza e ela podia imaginar o quanto precisava se conter para que sua carícia fosse delicada, o desejo se mostrando por trás do azul de seus olhos

impressionantes, como uma chama incandescente. — Pelo que entendi é a única preparada para isso.

— Não sei se estou à altura do encargo – lembrou-se de que era sua mãe quem cuidava dos preparativos para banquetes e recepções. Beatrice apenas acompanhava, empenhada em aprender todos os detalhes para fazer o mesmo quando fosse a esposa de um cavalheiro importante, mas jamais tivera a oportunidade de praticar. — Eu apenas observava meus patrões receberem convidados importantes e ajudava sua filha a se arrumar para as festas que os condes ofereciam – explicou, perdida nas lembranças de sua vida tão supérflua e vazia comparada à vida daquele homem que fazia seu corpo estremecer apenas com um toque.

— Isso é mais do que suficiente para Coreley, loirinha! – garantiu Anthony, afastando as pernas dela e subindo com as mãos até encontrar as coxas macias que guardavam sua feminilidade. — Vou sentir falta de nossas noites. Você é tão preciosa, loirinha!

— Você me acha preciosa? – Beatrice o envolveu pelo pescoço com os braços e encostou a testa na dele. — Sempre olhei para a filha do conde – era estranho se referir a ela como se fosse outra pessoa —, e acreditei que seus vestidos e joias a deixassem preciosa, mas você sempre se refere a mim como a mulher mais bonita sem precisar dos vestidos caros.

— Nenhum vestido caro ou joias podem competir com você em beleza. E sei do que falo, acredite!

— Sabe mesmo? – sorriu ela.

— Sim, sim – beijou-a na boca, intercalando com mordidinhas no lábio inferior que a deixaram extasiada. — Apenas eu a vi nua e pude provar de sua pele – desceu com os beijos até o ombro, as mãos subiram até a altura do sexo para afastar as dobras inchadas e que clamavam para que ele a possuísse, ali mesmo, em cima daquela cadeira dura.

Beatrice deixou as mãos caírem até a braguilha, inebriando-se pela paixão que a tornava comparável àquilo que diziam ser comportamento de cortesãs mercenárias, para abrir cada um dos botões e acariciar a ereção que ela tanto desejava dentro dela. Anthony a puxou para a borda da cadeira, deslizando entre as coxas femininas, aproveitando cada sensação que o

aconchego do sexo dela oferecia a ele; a eletricidade pulsando embaixo de sua pele como um afrodisíaco irresistível.

Aquela mulher o escravizava e tudo saía do controle quando ela sorria para ele, fazendo-o acatar qualquer coisa que ela lhe pedisse.

— Também vou sentir saudades de nossas noites – confessou Beatrice, a respiração ofegante, os gemidos presos na garganta. — Principalmente de sua companhia.

— Vou buscá-la, loirinha, quando a hora chegar. Não ficará nem um dia a mais – prometeu.

Anthony a trouxe para perto dele, aprofundando a penetração, o que a fez envolvê-lo com as pernas pelo quadril, agarrando-se nele como seu porto seguro. Levantou-se e a levou com ele para cama, onde se sentou com ela no colo.

— Eu gosto de estar por cima – disse Beatrice como uma confissão que poderia envergonhá-la, mas que a fazia se sentir mulher de verdade. Era como se tudo o que tivessem lhe contado e ensinado sobre o comportamento de uma dama honesta não tivesse qualquer sentido quando era acolhida por Anthony daquele jeito, tão sedutor e ousado. Provocava nela todo tipo de emoção, mas nenhum arrependimento.

— Também gosto – concordou ele. — Consigo entrar mais. Dobre as pernas – ordenou com a voz rouca e as pupilas dilatadas pelo esforço de controlar o desejo que ameaça dominá-lo.

Beatrice obedeceu e a penetração se tornou insanamente prazerosa, quase mágica. Poderiam ficar ali para sempre, grudados, trocando palavras de amor, provocando-se com beijos e toques que os tornavam um só, ouvindo o pulsar do coração um do outro.

— Jamais imaginei que poderia ser tão bom – resmungou ela contra a boca dele, deleitando-se com as promessas de arrebatamento. Anthony a ajudava a se movimentar com as mãos espalmadas em suas nádegas.

— Livre-se da camisola – exigiu ele, pois queria possuí-la sem pedaços de pano para encobri-la. Seus olhos queriam passear pelo corpo dela, sua pele exigia que ela o tocasse, pele contra pele, para que não

restasse qualquer vestígio daquele corpo que não fosse tocado por ele. — Isso, loirinha! – incentivou-a quando ela jogou a camisola para longe. — Seja só minha esta noite.

— Para sempre – prometeu Beatrice, com o coração aprisionado naquele homem que não devia ser seu; mas que ao mesmo tempo era inevitável mantê-lo distante. Não sabia o que o futuro lhes reservava, nem até quando conseguiria manter tantas mentiras entre eles, mas o que tinham no presente era uma dádiva bem-vinda.

Amaram-se sem pudor, entregando-se ao sentimento que nutriam um pelo outro, que parecia se estreitar conforme confidenciavam os anseios do coração, desvendando suas almas como um sopro de esperança.

Não havia maior riqueza do que tocar e deixar-se tocar pelo amor.

O que viviam não poderia ser fugaz, por mais que fosse uma impostora e um dia a vida lhe cobrasse por isso. Não havia barreiras que pudessem mantê-la distante emocionalmente daquele homem intenso que era Anthony Baldwin, por mais que ela tivesse tentado levantá-las como um escudo que a blindasse para o amor.

De repente estavam deitados sobre as cobertas da cama. Ele com seu corpo imenso e musculoso sobre o dela, empenhado em extrair dela os mais indecentes gemidos, quase gritos. Os dedos dele brincavam com o clitóris enquanto o pênis entrava e saía, numa cadência perfeita que os deixava sem fôlego, que os jogava para outro mundo, mais feliz e repleto de bons sentimentos.

A pressa para atingir o clímax os empurrava de encontro um do outro e a vida pulsou forte, quase quebrando-os em mil cacos quando ele se derramou dentro dela.

E a mesma certeza permeou os últimos pensamentos do casal antes de cair num sono profundo: de que a distância, mesmo que por alguns dias, seria quase insuportável.



Na manhã seguinte pegaram a estrada assim que os primeiros raios de sol anunciaram o começo de mais um dia. Anthony preferiu levá-la consigo no lombo do cavalo, pois ainda se sentia temeroso quanto à segurança de Beatrice. Seguiram sem parada até Coreley e com isso conseguiram chegar antes do previsto.

Um dos garotos que ajudava Wilson no armazém, onde estocavam o tabaco vindo da fazenda, veio ao encontro deles e segurou as rédeas do cavalo para que Anthony pudesse desmontar Beatrice.

— Até que não foi tão assustador – disse ela quando encontrou os olhos do fazendeiro. — Não senti medo dessa vez! – Anthony alargou o rosto em um sorriso que o deixava menos severo. — Um dia sei que terei que vencer o medo de montar, considerando que sou praticamente uma fazendeira – pensou alto.

— Isso lhe traria independência, Paige – avisou Anthony. — Nem sempre vou conseguir fazer todas as suas vontades.

— Eu sei! – Ela deu de ombros, olhando para a construção de pedras e madeira, que era um pouco maior do que a da fazenda. Ali as casas seguiam um padrão acinzentado, a cor que Beatrice sempre associava à sujeira, talvez algumas flores trariam maior conforto, ou quem sabe cortinas. — Então é aqui que Mary passou a viver depois de seu casamento com o Senhor Wilson Kent?!

— Era aqui que vivia minha prima Felicity – falou Anthony, dominado pela saudade que sentia da prima. Haviam crescido juntos e ainda custava a acreditar que ela havia morrido.

— A irmã de Lawson – completou Beatrice. — Ali deve ser o armazém onde ficam guardados os fardos de tabaco até seguir para Hampton – apontou, lembrando de cada explicação que Anthony a havia dado sobre a sociedade com os primos e que os fizeram ser tão importantes em Coreley.

Ele concordou com a cabeça, sentindo orgulho pelas coisas que havia conquistado ao lado dos primos. Sempre se orgulhara, mas jamais tivera alguém que pudesse dar sentido para tanto esforço, que pudesse dizer “estou

fazendo tudo isso por você”. Seu peito apertou e quase a tomou nos braços para beijá-la e demonstrar o quanto a queria em sua vida.

— Paige – Mary os encontrou, estava acompanhada por crianças. — Oh, minha querida amiga – pegou Beatrice pelas mãos e a abraçou. — Senti tanto sua falta! Que bom que aceitou nosso convite. – Anthony as observava enquanto trocavam cumprimentos calorosos. As crianças logo exigiram sua atenção e ele acabou as seguindo para dentro de casa. — Como tem sido a vida de casada, Trice? – Beatrice sentiu o rosto quente. — Para quem estava tão preocupada com a intimidade entre marido e mulher, me pareceu que não foi assim tão difícil dividir a cama com um homem tão bonito quanto Anthony Baldwin.

— Não foi nada daquilo que esperava! – admitiu com um sorriso bobo grudado nos lábios.

— Nunca é – respondeu Gisele. — Os homens podem nos surpreender. E no seu caso, a vida de casada lhe fez muito bem. Está com uma aparência ótima.

— Tenho algo para contar a você, mas prefiro fazê-lo quando Anthony não estiver aqui – avisou Beatrice, voltando os olhos para a porta da casa, de onde saía Anthony com as crianças grudadas em sua casaca. — Elas são sempre assim? Agitadas? – quis saber.

— Já foram piores – queixou-se a amiga. — Se tivesse as conhecido quatro meses antes, entenderia do que falo.

Anthony as interrompeu, cumprimentando Gisele; quem ele acreditava ser Mary Brown, e depois se voltou para a esposa com carinho.

— Vou ao armazém para falar com Lawson. Não pretendo me demorar muito em Coreley, Paige – lembrou-a. — Pretendo chegar na fazenda logo após o meio-dia.

— Você vem se despedir antes de partir? – perguntou Beatrice.

— Venho sim! Não se preocupe – beijou-a na testa e despediu-se também de Gisele com um aceno de cabeça.

— E pensar que você o julgou bruto demais — riu Gisele, enganchando-se no braço da amiga para levá-la até o interior da casa. — Venha, querida! Vou mostrar a você minha casa, não é como o palácio em que crescera, mas é a maior de Coreley.

11



Por mais envolvido que Anthony estivesse com o trabalho na fazenda, que nunca tinha fim, os dias em que fora obrigado a ficar longe da esposa se arrastaram com tanta lentidão que já não suportava a espera, deixando-o com um péssimo humor. Sua paciência estava se esgotando e quase a buscara antes do combinado.

Soava estranho ter que admitir que havia se apaixonado pela inglesa tão rapidamente a ponto de buscá-la em todos os cantos da casa para se desapontar por não encontrá-la; ou se pegar cheirando um dos seus xales espalhados pela casa. Precisava admitir que não estava tendo um comportamento normal para um homem que não acreditava no amor.

Ao menos não acreditava no amor até encontrar Paige Clark e ser enfeitiçado.

Mas faltava pouco para reencontrá-la. E que Deus lhe desse paciência para não jogá-la no lombo do cavalo. Só queria ficar a sós com a esposa para apaziguar o turbilhão que sentia, aquele aperto no peito que ameaça roubar até seu ar.

Tomado daquela ansiedade incomum e com as mãos suando frio, Anthony desapeou do cavalo. Havia vestido seu melhor traje, mas a viagem

havia empoeirado um pouco as botas e amassado a camisa branca por baixo da casaca. Observou ao redor e aquele silêncio incomum para uma casa com muitas crianças o deixou momentaneamente preocupado.

— Elas estão na cozinha, senhor! – avisou um dos garotos que ajudava no armazém.

Anthony não precisou entrar na casa para encontrá-la. A inglesa havia vindo até ele, jogando-se em seu pescoço.

— Você veio como prometeu – soltou Beatrice.

— Senti saudade – respondeu ele, enlaçando-a pela cintura e a suspendendo no ar. — Para onde estava indo com tanta pressa?

— Atrás dos meninos, eles precisam trocar de roupa. São impossíveis – contou ela. — Eu também preciso trocar de roupa. Um batedor enviado pelo governador acabou de chegar, Anthony, para avisar que a comitiva está a meia hora de Coreley. Precisamos nos apressar. – Beatrice se afastou.

— Vai dar tempo, loirinha! – tentou acalmá-la.

— Estou uma pilha de nervos – pegou-o pelas mãos. — Mary está ainda pior do que eu, afinal, é ela a anfitriã. Você poderia ir até o armazém buscar os meninos? – pediu sorrindo. — Por favor, Anthony, não os deixe enrolá-lo, pois você também precisa trocar de roupa.

— Eu, trocar de roupas?

— Sim, sim!

— Não trouxe roupas, Paige! Este é o meu melhor traje.

— Pode usar algum traje de Lawson ou do falecido Senhor Kent – explicou ela quando ele revirou os olhos. — Vocês Baldwin são impossíveis – reclamou.

— Por Deus, mulher! Somos colonos e devemos nos vestir como tais. Podemos receber os ingleses, mas não pretendemos nos vestir com aquelas roupas espalhafatosas e cheias de renda. Deve coçar muito.

Beatrice se colocou na ponta dos pés e beijou-o no rosto.

— Discutimos isso depois. Agora, apresse-se e traga os meninos de volta a tempo para que possam trocar de roupas. Foram atrás de Lawson e ninguém voltou.

— Com razão, você e Mary estão dando ordens como se fossem generais – riu Anthony e a puxou para beijá-la na boca. Era muita saudade para aplacar.

— Vá logo – mandou dessa vez, pois não queria arruinar a estreia de Gisele como anfitriã. Sua amiga desejava se tornar indispensável para Lawson tal e qual Beatrice desejava se tornar para Anthony.

Anthony seguiu até o armazém, onde encontrou o primo e os sobrinhos correndo entre os empregados que empilhavam sacos e varriam o chão, estavam preparando o espaço para receber o tabaco da próxima colheita. Era ali que homens passariam os próximos dias empenhados em separar as folhas de acordo com sua qualidade. As de melhor qualidade eram vendidas por um preço maior e Anthony esperava que fosse uma colheita de alto rendimento.

— Anthony! – cumprimentou-o Lawson com um aceno de cabeça.

— As mulheres querem que os três voltem para trocar de roupas – avisou-os.

— Nem no inferno que vou usar aqueles lenços para secar baba – reclamou Lawson.

— Não são lenços para secar baba, tio. – Um dos meninos explicou. — Mary disse que se chamam *jabots* e são golas elegantes.

— Que seja! Continuam sendo sufocantes – queixou-se ele. — Mary e Paige passaram três dias empenhadas em nos transformar em cavalheiros. Que tipo de mulheres você e Wilson foram arranjar? – Não esperou pela resposta. — Paige é ainda pior do que Mary, devo alertá-lo. Está empenhada para que todos estejam bem vestidos e dignos do novo governador.

— Não vejo a hora de que isso termine logo – confessou Anthony. — Só quero voltar para a fazenda e tratar de colher nosso tabaco.

— Sorte sua que pode se enfiar no meio do mato e que não precisa lidar com tantos assuntos de Estado.

— Wilson nos faz falta, eu sei – admitiu o mais velho dos primos. — Era inglês e sabia conduzir toda essa panaceia que eles tanto gostam.

— Tenho feito o melhor que posso, mas você sabe que sou um homem do comércio – gesticulou. — Sem Paige aqui, Mary teria enlouquecido. As crianças dão muito trabalho. Sua esposa nos auxiliou muito, Anthony! Foi muito bem treinada na casa em que serviu. Ela e Mary conseguiram deixar tudo pronto para a chegada do governador, precisa ver.

— Não duvido! Se Mary tiver metade da força de vontade de Paige, as duas deixaram a casa preparada para receber o governador e sua comitiva. Paige costuma ser muito empenhada para aprender o que é ser esposa de um fazendeiro, imagine aqui fazendo o que sabe.

— A conversa está agradável e preferia mil vezes ficar aqui, mas tenho que voltar ou cabeças irão rolar se não levar os meninos para casa. Nos acompanha? – perguntou Lawson.

— Vou ficar por aqui e evitar de brigar com Paige. Não vou trocar de roupa só para fazer sua vontade. Tudo tem um limite – avisou, um pouco irritado por ter que se indispor com a esposa, justo quando só queria beijá-la e estreitá-la contra o corpo para se perder no frescor da pele feminina.

— Não se demore – alertou-o Lawson.

Anthony sacudiu a cabeça em concordância; porém, determinado a chegar alguns minutos atrasado. Paige nem sentiria sua falta, considerando que estava muito preocupada para que tudo desse certo.



Enquanto isso, na casa, Beatrice passava revistando a mesa, certificando-se de que nenhum talher havia sido esquecido. Não havia nem metade das baixelas e porcelanas que deviam estar na mesa para receber um

membro da nobreza, mas considerando que estavam em uma das colônias, o governador relevaria esse ponto. Mary terminava de pentear os cabelos das meninas e quase fuzilou Lawson com os olhos quando ele entrou na casa todo empoeirado, deixando um rastro de lama no chão.

— Eu desisto – reclamou ela. — Nasceram entre selvagens e morrerão como selvagens.

Beatrice não fez caso da reclamação de tão preocupada que estava com sua aparência.

— Nunca estive tão nervosa – confessou para a amiga. — E não sei se escolhi o melhor modelo da falecida Felicity. É estranho usar roupas de algumas décadas atrás, para não dizer mórbido por terem sido de uma mulher que está morta. Esse tom de marrom nunca me favoreceu, mas não nego que são confortáveis.

— Você está maravilhosa para uma colona – advertiu-a. — Lembre-se de quem se tornou ao aceitar se casar com um Baldwin.

— Eu sei! – Beatrice deixou os ombros caírem por um momento. — Mas é sempre como se faltasse algo. Não consigo ser inteiramente Paige Clark.

— Paige Baldwin – corrigiu-a Gisele.

— Ah, minha amiga, os dias que eu passei aqui mexeram comigo. Lá na fazenda parecia mais fácil tentar esquecer minha vida como Beatrice Lennox.

— Vai passar, Trice, vai passar. Você sabe que mais do que nunca precisa se convencer de que é Paige Baldwin. – Gisele abraçou a amiga para confortá-la.

— Sim, eu sei! Você me fez entender que as coisas mudaram para sempre.

— Veja! – Gisele afastou-se da amiga para admirá-la. — Paige Baldwin não deve nada para Lady Trice. É certo que os vestidos da falecida irmã de Lawson não chegam aos pés daqueles que você exibia em Londres, mas está tão linda, querida.

— Você também está maravilhosa, Gisele! – Beatrice devolveu o elogio.

— Graças a você, devemos ser justas!

— Fiz pouca coisa, pois foi uma excelente aluna e costureira – sorriu de canto.

— Sem você aqui eu teria sido um fiasco como anfitriã.

— Lawson vai reconhecer seu esforço, pode ter certeza. – Beatrice encorajou a amiga.

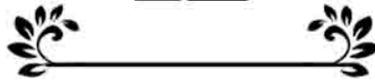
Eram uma dupla e tanto: uma impostora e uma farsante.

— Senhoras, eles chegaram – o garoto dos estábulos colocou a cabeça para dentro e gritou.

— Bem, a hora da verdade chegou – disse Gisele, corrigindo a postura e alisando a saia do vestido.

— E Anthony nem chegou para trocar de roupa – queixou-se Beatrice, deslizando a mão pelo ventre, pensando em muitas coisas que precisava aceitar como parte de sua nova vida.

12



Coreley não era uma vila muito grande. Tinha pouco mais de cem habitantes, que se apinhavam em casas enfileiradas dentro de muros altos de madeira, cujo portão central sempre era fechado ao entardecer para manter os indígenas afastados. Wilson havia organizado escalas entre os homens para que toda noite dois deles mantivessem vigília como uma forma de se manterem o mais seguro possível durante as madrugadas. A calada da noite era assustadora naquela parte esquecida do mundo.

E era a casa de Gisele que mais chamava a atenção. Era uma casa imponente, mas não tão imponente aos olhos de Beatrice, que estava acostumada a uma vida luxuosa ao viver dentro de uma mansão com mais de cinquenta cômodos. Mas era a maior e mais espaçosa para receber com conforto o novo governador da Virgínia, Lorde Mark Ridley, filho do Visconde de Brighton.

Beatrice deixara as honras da recepção para Gisele, pois queria que a amiga pudesse impressionar Lawson. Bem, não era apenas por isso que se manteve nas sombras, evitando o governador tanto quanto pudesse. Ela temia que a reconhecesse, pois apesar de não terem sido apresentados, Lorde Ridley era filho de um dos aliados do pai.

Ridley sorriu para ela, gesticulando para que a aguardasse por uns minutos. Beatrice não poderia ser tão rude ou dar a falsa impressão de que o desprezava sem prejudicar os Baldwin, por isso concordou com a cabeça.

— Perdoe-me, mas desde que a vi, senti que a conheço – comentou o governador quando a alcançou. — Lawson Baldwin comentou que é uma inglesa recém-chegada.

— Acredito, milorde, que foi apenas impressão. Trabalhava como criada na Inglaterra em uma casa de família – tentou despistá-lo, temendo que tivesse concluído equivocadamente.

— Por isso a postura impecável e bons modos? – insistiu o cavalheiro, fazendo com que Beatrice se sentisse encurralada. — As criadas que servem a casa de meu pai não são assim como a senhora – insinuando que ela estava mentindo.

— Damos o melhor para servir nossos senhores, milorde – respondeu ela, sempre pensando em uma desculpa que pudesse dar para se afastar.

— E seu marido? É primo de Lawson, certo? – prosseguiu o governador com seu interrogatório impertinente.

Beatrice concordou com um leve aceno de cabeça.

— Deve ter tido algum contratempo referente aos negócios. A colheita do tabaco está prestes a começar – justificou ela.

— Sim, sim – concordou o homem. — Esse é um dos motivos para estarmos aqui, também representamos a companhia britânica de importação.

— Faço votos de que possam fazer negócios e que a aliança seja duradoura – disse a inglesa, tentando evitar o flerte. Não se sentia à vontade em flertar ali diante daquelas pessoas que sabiam que era casada, por mais que em Londres tal comportamento pudesse ser tolerado.

— Adoraria ter sua companhia durante minha estadia em Coreley, Senhora Baldwin – insinuou o governador, oferecendo o braço para Beatrice, que poderia jurar que ele a estava confundindo com uma cortesã. Algumas delas estavam no navio e haviam largado suas vidas como prostitutas para tentar um recomeço na América.

— Sinto-me honrada, mas acredito que os moradores de Coreley estão ansiosos para conhecê-lo melhor e não me sentiria bem como recém-chegada em monopolizar sua atenção, milorde – tentou ser educada, mas para não provocar um incidente aceitou o braço do governador.

— Eles entenderão. Considerando que a senhora é inglesa como eu. – A insistência dele a estava deixando nervosa. — Falta um pouco de polidez por parte da maioria deles, sejamos sinceros. Veja a anfitriã, apesar de muito bonita, não tem o requinte e sofisticação da senhora – sorriu de canto, deixando claro que a estava confundindo com uma cortesã.

Como Beatrice poderia esclarecer as coisas sem ofendê-lo ou mesmo evitando se delatar? Não poderia ser rude, mas não poderia aceitar aquele cortejo que a levaria direto para a cama de um par do reino. Se Anthony não a matasse, o pai a mataria. As mentiras tinham que ter um limite.

— Posso fazer companhia ao senhor até que Mary não exija minha atenção – disse, tentando parecer desinteressada. Mas o governador não parecia ser o tipo de homem que aceitava uma recusa facilmente, girando o corpo para ficar de frente à Beatrice, segurando-a pelas mãos, sempre com os olhos presos nos dela. Era um flerte dos mais descarados e tão claro que Beatrice respirou fundo para não vomitar.

— O que faz com minha esposa? – gritou Anthony quando apontou na sala dos primos, pisando duro em direção da esposa.

— Anthony! – exclamou Beatrice, puxando as mãos para fugir do cerco do governador. — Lorde Ridley estava me contando as últimas notícias de Londres – tentou acalmá-lo. — Lorde Mark Ridley é o novo governador da Virgínia, recentemente nomeado pelo rei.

— Não me importa quem é este homem, Paige. – Anthony sentia o ciúme pulsar quente em suas veias. — Ele estava tocando em você e isso não posso admitir.

— Por favor, Anthony, não estrague todo o esforço de Mary e Lawson – implorou Beatrice em tom de voz baixo, colocando-se na frente do marido.

Gisele percebeu a agitação e aproximou-se do governador para exigir sua atenção, inventando uma desculpa qualquer, o que deu tempo para

Beatrice puxar Anthony pela mão para fora da casa.

— Os londrinos socializam de maneira diferente da que os colonos estão acostumados – tentou explicar para o fazendeiro.

— Aquilo era uma pouca vergonha – esbravejou ele.

— Foi um flerte, mas isso não quer dizer que eu iria aceitar suas insinuações. Por Deus...

— Ele está na Virgínia, Paige, as regras daqui são as regras daqui. Não se toca na mulher dos outros e pouco importa se ele é o próprio rei. — Anthony segurava as mãos em punho.

— Não pode deixar o ciúme cegá-lo. Há muito em jogo, Anthony... Lorde Ridley está aqui representando a companhia britânica de importação. — Beatrice tentava convencê-lo de que não havia motivos para sentir ciúme. — Um contrato com uma das companhias da Coroa vai ajudar muito não só os Baldwin, como os colonos de Coreley. A propósito, onde esteve? Não devia ter chegado tão atrasado – levou as mãos à cintura e começou a bater o pé no chão.

— Não precisavam de mim aqui – respondeu duro.

— Claro que precisávamos – retorquiu irritada Beatrice. — O que custava ter chegado antes para trocar de roupa e ser apresentado ao governador do jeito apropriado?! Talvez se tivesse meu marido ao lado não teria que passar pelo constrangimento de aceitar o flerte do governador para evitar um fiasco – desabafou com os ombros caídos.

— Não poderá mudar o que sou, Paige – alertou-a. — Se queria um marido diferente, deveria ter se casado com Wilson ou até mesmo com Lawson.

— Anthony! — Beatrice arregalou os olhos, sem saber o que dizer para fazê-lo entender. Ele havia entendido tudo errado por sempre ser tão arrogante. Por Deus, Anthony Baldwin era um homem tão orgulhoso que beirava à arrogância quando se sentia despeitado. — Só queria que ocupasse seu lugar na sociedade e que pudesse ser reconhecido pela importância que tem no negócio.

— Nunca quis ser mais importante do que meus primos na sociedade — quase gritou, chamando a atenção das pessoas que estavam dentro de casa, e Beatrice o puxou para mais longe dos ouvidos curiosos. — Só quero ser fazendeiro.

— Pode ser um fazendeiro importante — devolveu ela, quase perdendo a paciência. — Que mal faria a você ter um pouco mais de ambição?

— Não preciso de ambição — explicou ele. — Tenho terras, plantações e uma casa para viver. Tenho uma esposa. Ou tinha uma — deu de ombros, sentindo-se miserável e ainda irritado por ter sido tirado de dentro da casa dos primos sem ter destruído a cara afetada do inglês que ousara tocar em sua mulher.

— Claro que tem! — Beatrice enrijeceu os músculos ao ouvir aquelas palavras. Seria assim tão fácil descartar uma esposa nas colônias? — Não pode querer se livrar de mim toda vez que um homem insinuar que tem interesse por mim.

— Não coloque palavras em minha boca, mulher — reclamou ele. — Aquele homem estava a tocando e a olhando como se quisesse despi-la.

— Mas não despiu e nem iria deixá-lo fazer isso — garantiu, reduzindo a distância que os separavam para abraçá-lo pelas costas. — Por Deus, Anthony, o governador me confundiu com uma cortesã, com uma dessas mulheres bem educadas e sofisticadas que os servem na cama, por achar que uma colona não possa ser polida como uma dama inglesa.

— Não a entendi muito bem. — Ele a olhou de soslaio.

— Para os nobres, mulheres da plebe bem educadas e sofisticadas costumam ser prostitutas — foi clara dessa vez.

— Isso só torna tudo ainda mais odioso, Paige! — avisou Anthony. — Nem deveríamos recebê-lo em Coreley por não respeitar nossas mulheres.

Beatrice quase confessou seus sentimentos com aquela demonstração feroz de lealdade. Para Anthony, assim como para a maioria dos homens dali, não importava a origem das mulheres que aceitavam como esposa. Uma vez elas sendo aceitas por um deles, tornavam-se parte da comunidade e as protegiam contra qualquer ofensa.

— Mas é preciso. E você não precisa atingi-lo com seu punho pesado – voltou a se concentrar no assunto que discutiam. — Seria uma tragédia para os negócios. Mary e Lawson têm se esforçado para fazer o melhor.

— Não vou voltar a discutir isso com você – pegou-a pelos braços para se afastar dela. — E nem vou voltar lá para dentro. Aceitei trazê-la aqui para ajudar Mary e aqui estou para levá-la de volta para casa. Mas se prefere ficar, não irei obrigá-la a partir comigo.

— É claro que voltarei para a fazenda com você, mas isso não terminou – girou os calcanhares. — Vou pegar minhas coisas e me despedir de Mary – avisou antes de deixá-lo sozinho no meio do pátio. — Como pôde estragar um momento que deveria ter sido tão especial? – saiu resmungando ao lembrar do que precisava contar para ele.

Minutos depois Lawson encontrou o primo escorado na parede com o humor péssimo.

— Não vai entrar? – perguntou.

— Vamos voltar para a fazenda – avisou. — Não quero aquele homem com os olhos e as mãos na minha mulher – esclareceu.

— O governador? Não gostei dele também, mas é o governador. – Lawson deu de ombros. — Deveria ficar e tentar me ajudar a fechar o negócio, assim nos livramos dele logo. Era Wilson quem cuidava dessa parte e nós dois somos péssimos para isso, mas temos que encarar que as coisas mudaram.

— Fique com uma percentagem maior. Não me importo, só quero distância desse governador ou terei que quebrar a cara dele. E você pretende embarcar a próxima colheita para a Inglaterra.

— Se não tivéssemos tanto a perder, deixava você quebrar a cara dele – contou Lawson, puxando a gola engomada que estava pinicando o pescoço.

— A propósito, está parecendo um deles – riu Anthony.

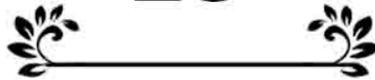
— Cinismo nunca combinou com você, Anthony! Mas o invejo por não ter sido obrigado pelas mulheres a se vestir como um deles. Preciso

voltar. Não vejo a hora de que termine logo e de que minha vida volte ao normal. Mas acho que jamais voltará a ser o que era – confessou.

— Espere! – chamou-o Anthony. — Você e Mary? O que acontece entre vocês? Tivemos pouco tempo para conversar, mas na ocasião que estive aqui para deixar Paige notei que a viúva de Wilson o perturba.

— É complicado para resumir aqui em poucos segundos. Outra hora conversamos – prometeu Lawson, apertando a mão do primo.

— Certo! Avise Paige que a espero nos estábulos – despediu-se Anthony, sentindo-se aliviado por poder retornar para a fazenda levando consigo a esposa, mas preocupado com o primo que parecia estar apaixonado pela viúva do falecido cunhado.



Chegaram na fazenda já com os últimos raios de sol iluminando a estrada e apesar da raiva que sentia pela intransigência de Anthony, Beatrice havia apreciado o aconchego dos seus braços durante a viagem.

Mas deveria evitar aquele sentimento enternecedor se quisesse se fazer compreender por ele.

Anthony havia sido muito insensato em não ouvi-la, obrigando-a a abandonar Gisele apressadamente. Ele precisava entender que fazia aquilo não apenas pela amiga, mas também pela família que já amava como sua.

Quando o fazendeiro a ajudou a desaparecer, evitou seu beijo e tratou de ir logo para casa, deixando-o sozinho para cuidar do cavalo e dos outros animais. Só queria ficar longe dele, sem sentir sua presença sedutora que tanto a confundia, para tentar pensar nos últimos acontecimentos com mais clareza.

Beatrice sabia que não era uma mulher comum por ter crescido como filha de um conde rico e influente, e que dificilmente alguém de fora das colônias pudesse, um dia, se tornar uma colona. Não lhe causou espanto ser confundida com uma cortesã, precisava admitir. Seria mais fácil transformar

uma camponesa em uma dama do que ela esquecer de todas as regras de etiqueta e elegância que foram incutidas em sua mente desde tenra idade.

Realmente não havia sido uma boa ideia ter ido para Coreley. Além de ter o disfarce quase descoberto e de ter sido confundida como uma cortesã, ainda brigara com Anthony. E isso a deixava decepcionada e cansada.

Mas Anthony teria que reconsiderar e deixar de ser tão teimoso. Não havia feito nada demais e não lhe faltara com o respeito. Ao contrário, fora ela quem evitara uma tragédia. Nobres costumavam ser intolerantes com plebeus e Anthony poderia até ter sido enviado à prisão se tivesse brigado com o governador. Não conseguiria passar ileso de uma briga com pessoa tão importante. Lorde Ridley era a autoridade real ali na Virgínia, afrontá-lo era como assinar sua sentença de execução.

— Paige! – Anthony a chamou do primeiro andar. Havia acabado de entrar e estranhou a ausência da esposa na cozinha. — Paige! – chamou-a mais uma vez diante do silêncio perturbador daquela parte da casa. Subindo de dois em dois degraus chegou ao quarto e a encontrou sentada diante da penteadeira, desfazendo o elegante penteado. — Não vai mais falar comigo? – perguntou ele, parando ao lado dela. Para Anthony, a viagem de retorno havia sido uma dura prova contra seus nervos, que já não eram dos melhores.

— Nada tenho a declarar – disse em tom de voz calmo, embora seu interior fervesse tamanha era sua indignação.

Parecia que quanto mais falasse, mais motivos ele teria para se zangar e sua paciência estava no limite. Bem, Beatrice nunca foi um poço de paciência e tinha o pavio muito curto para uma mulher, segundo a mãe; por isso era melhor guardar para si todos os sentimentos que a envolviam como brumas que não a deixavam enxergar direito. Talvez em outro momento pudesse falar sem piorar sua relação com Anthony.

O marido de Paige Clark era impossível.

— Casais se desentendem – disse ele.

— Acredito que sim, mas não em momento tão importante – dobrou a cabeça para fitá-lo. — Prometi à Mary e Lawson que os ajudaria a receber a

comitiva do governador e os abandonei porque meu marido não suporta a ideia de que outro homem me toque – foi sarcástica de propósito. — Por Deus, Lorde Ridley apenas pegou em minhas mãos e eu estava de luvas.

— Não costumamos cobiçar a mulher dos outros aqui na Virgínia – retrucou ele.

— Sei disso, você já me explicou – levantou-se da cadeira e foi para trás do biombo para trocar de roupa. Até então nunca precisou se esconder do marido para trocar de roupa. Mas sentia tanta raiva por ele ser tão intolerante que queria castigá-lo de alguma forma.

— É ele o forasteiro aqui e deveria ter sido mais respeitoso.

— É claro que você está certo – concordou ela e foi verdadeira, saindo de trás do biombo. — Mas isso não o isenta da responsabilidade de ter sido muito rude com o representante do rei, aquele que irá comprar a colheita de tabaco. Além disso, onde estava que não ao meu lado para que Lorde Ridley compreendesse que sou casada? – Anthony bufou ao ouvir o argumento. — Até Lawson aceitou usar traje mais elegante para estar à altura de um comerciante importante.

— Já falei que sou fazendeiro – reclamou Anthony, sentindo-se exausto de ter que voltar a discutir aquele assunto impertinente que havia sido colocado entre eles para fazê-los se desentender quando só desejava beijá-la, perder-se em seu corpo, aplacar a saudade que sentia dela. Mas ele a conhecia o suficiente para saber que iria falar pelos cotovelos, reclamar tanto que o deixaria quase louco.

— Um fazendeiro que precisa vender a colheita para alimentar a esposa e pagar seus empregados – argumentou ela, com a verdade que suas palavras ferinas carregavam com tanta paixão brilhando em seus olhos.

Paige Baldwin era apaixonante e tão autêntica na forma de defender seu ponto de vista que o deixava sem ar. Precisava reconhecer que sentia orgulho da mulher com quem estava casado. Outra mais frágil teria abaixado a cabeça ou fugido dele. Mas ela não. Ela o enfrentava e ainda o fazia entender que havia se comportado como um maldito egoísta ao esquecer que muitas vidas dependiam daquele contrato.

— O que pensa que está fazendo? — Anthony se aproximou dela, arregalando os olhos quando notou que ela havia aberto o baú para tirar de lá um cobertor e um travesseiro.

— Vai dormir lá embaixo — jogou a trouxa de roupas para ele. — Não vou admitir que durma ao meu lado.

— Paige! — Ele tentou amolecê-la, estendendo a mão para tocá-la na cintura, mas Beatrice foi rápida como uma ave de rapina para fugir daquele cerco tentador.

— Não me chame por Paige quando estiver irritada com você — alertou-a, quase gritando seu verdadeiro nome.

A parte mais difícil de usurpar a vida de outra era ter que ser chamada pelo seu nome, era como negar sua verdadeira essência. E sinceramente, Beatrice nunca conseguiria ser como Paige Clark, principalmente quando estava tão furiosa.

— Um dia ainda terá que me explicar o motivo que a faz desgostar de seu nome — soltou ele, confuso com sua reclamação.

— Primeiro terá que pedir desculpas pela cena deplorável que nos fez protagonizar em Coreley — resmungou ela, acreditando que ele a havia deixado sozinha no quarto.

— Pedir desculpas por defender a honra de minha mulher? Jamais — retrucou. — Todas as inglesas são assim como você?

— Assim como? — Beatrice o encarou.

— Irritantes e tão donas da verdade — soltou sem se importar com a rispidez das palavras. Ela o estava enlouquecendo.

— As outras não sei — deu de ombros. — Mas eu sou assim. E se quisesse outro tipo de mulher, deveria ter considerado outras opções.

— Está sendo infantil em usar o que lhe disse no pátio da casa de Lawson — reclamou ele.

— Que perfeição de casal somos, não acha? — Beatrice cruzou os braços e começou a bater o pé no chão.

E se ela conseguisse imaginar o que aquele pezinho nervoso fazia com ele, não o provocaria batendo-o no chão como um general. Anthony amava seu jeito decidido de se impor, usando a boca para se fazer compreender e o corpo para ser desejada. A luxúria fervia dentro dele.

— Deveria ter ficado em Coreley.

— Para me acusar de deslealdade? Jamais, Anthony! Sou sua esposa e esposas seguem seus maridos mesmo quando eles se tornam insuportáveis – admitiu. — Agora saia que estou exausta.

— Eu vou, mas terá que implorar para que eu volte a dividir a cama com você – sentenciou, dando as costas.

— Veremos, Anthony Baldwin! Veremos quem acabará metendo o rabinho no meio das pernas – soltou ela, acompanhando-o com os olhos enquanto ele deixava o quarto.

Aquela aposta ela não pretendia perder. Era o tipo de mulher que uma vez desafiada custava a se dar por vencida; uma característica forte dos Lennox. Infelizmente, Anthony não sabia – e nem deveria saber – que os Lennox eram tão empenhados em suas causas.

14



O vento frio açoitava a pele do rosto de Beatrice, gelando até os ossos cobertos pela grossa manta de lã que usava como capa para se proteger naquele dia incomum. O clima na Virgínia era mais seco do que o de Londres, mas em nada amenizava o frio que estava sentindo.

A jovem inglesa havia passado o dia na choupana de Maggie, aprendendo uma receita de biscoitos de nata e ensinando as meninas a se portarem como damas. Foi o jeito que encontrou para amenizar a solidão que sentia por ter expulsado Anthony da cama. Já fazia duas semanas que ele saía antes do amanhecer para se juntar aos empregados na colheita do tabaco e só retornava quando ela havia pegado no sono.

Anthony era o homem mais teimoso que havia conhecido em pouco mais de duas décadas de vida. Não que tivesse conhecido muitos homens, e muito menos plebeus como os Baldwin, para poder ter uma exata noção da personalidade masculina. O círculo de Beatrice se reduzia ao pai e aos irmãos, que verdade fosse dita apenas faziam mimá-la em todas suas vontades.

Definitivamente, a inglesa não fazia ideia de que homens poderiam ser tão obstinados em contradizê-la até conhecer Anthony. Bem, ainda havia o pai, que se tornara intransigente ao lhe escolher um velho como marido. Mas

naquele assunto, ela havia sido ainda mais obstinada do que o pai em se livrar do pretendente, cometendo uma série de contravenções que poderiam muito bem levá-la à guilhotina se não tivesse sangue nobre correndo nas veias. Nesse ponto em específico, ela conseguia entender o pavor de Gisele.

— Prefiro morrer de tédio a ter que admitir que sinto sua falta – resmungava consigo mesma, dando voz aos pensamentos enquanto pisava duro em direção ao lar que dividia com Anthony.

O tédio só era amenizado pelo carinho e atenção que recebia dos Ward, uma família que tinha tão pouco e não pensava duas vezes em dividir o que tinha. Beatrice queria muito ajudá-los a ter uma vida mais confortável e, por essa razão, tentava convencer Maggie a criar galinhas para vender sua carne em Coreley. Mas faltava capital para que a amiga pudesse comprar mais pintinhos. E uma possibilidade lhe ocorreu enquanto vagava entre plantações de tabaco e árvores centenárias: a inglesa poderia vender uma das joias que trouxera consigo. Mas para quem? Viver naquele fim de mundo apenas complicava sua vida, isso porque costumava pensar como uma garota da cidade e não como uma colona. As joias ali não tinham muito valor quando não poderiam ser vendidas.

Beatrice era assim desde pequena, sempre a confabular ideias mirabolantes que a tornaram uma mulher excêntrica e cheia de vontades. Quando menina, seu jeito impulsivo divertia a família, uma qualidade muito interessante para uma criança; mas que se tornara um estorvo para uma dama em idade de se casar. Quase certo de que o Conde de Richmond decidira casar a filha com um velho duque ao se dar conta de que ela exigia demais, refutando dois pedidos de casamento sem muitas explicações, ou tendo sido rechaçada pelo filho de um conselheiro do rei quando ela o atingiu com a raquete de tênis¹ por não a ter aceitado como oponente, escandalizando os presentes e envergonhando o pai, uma vez que damas não poderiam se envolver em atividades masculinas. Aquilo havia sido a gota d'água para que o conde a trancafiasse em seus aposentos e saísse em busca de um acordo com o Duque de Kaiserburg.

— Não acredito! – esbravejou ao sentir os primeiros pingos de chuva no nariz, sua única parte descoberta. — Nunca chove nessa época na Virgínia... Mas é só Beatrice Lennox pisar aqui... – bufou pela sua falta de

sorte ao recordar das palavras de Maggie de que estavam no período mais seco do ano.

Interrompeu a caminhada para olhar para trás e se deu conta de que uma tempestade estava a caminho a julgar pelas nuvens carregadas que a perseguiram como cães raivosos. Como ainda nem havia chegado na metade do caminho que ligava a vila de empregados à fazenda, precisava encontrar um abrigo. Infelizmente, teria que deixar para outro dia os cogumelos que pretendia colher para servir no jantar.

Talvez Anthony finalmente sentisse sua falta.

Sorriu com a possibilidade de deixá-lo louco de preocupação e decidiu embrenhar-se dentro do mato em busca de um esconderijo. Havia ali velhas árvores muito grandes e não seria tão difícil encontrar um caule oco que pudesse protegê-la da tempestade.

Sim, era o mais seguro para ela. Não poderia ficar doente de jeito algum. Maggie a havia alertado para que cuidasse mais da saúde por se encontrar em um estado delicado. Aliás, aquele assunto precisava ser esclarecido com Anthony o quanto antes. O marido havia participado de cada momento e o resultado do que fizeram nas noites de paixão deveria ser comunicado a ele.

Mas estava tão brava com ele que se recusava a procurá-lo para contar que seria pai.

Vagou entre os arbustos e árvores até quase se convencer de que estava perdida. Poderia voltar para a trilha, mas não havia tomado o cuidado de sinalizar o caminho para isso. Pensar demais e sobre diversos assuntos ao mesmo tempo era um problema para Beatrice, que a colocava em situações inusitadas, para não dizer perigosas.

Ao ouvir o barulho de galhos secos sendo amassados, levou as mãos na altura do coração, enrolando-se dentro da manta de lã em uma tentativa tola de manter a identidade preservada.

Beatrice havia chegado numa espécie de enseada, que aparentemente era usada pelos nativos da região como porto para desembarcar e embarcar produtos que trocavam com os colonos, a julgar pelas sacas e alguns poucos

barris empilhados embaixo de uma árvore. Maggie lhe contara que algumas tribos eram menos selvagens do que outras e costumavam fazer negócios com os colonos, apesar de a Coroa ter proibido.

Ela sabia que Anthony ficaria zangado. Ainda mais zangado considerando o fato de que não falava direito com ela há semanas.

— Não precisa temer. — A voz vinha de trás de uma árvore. Realmente embrenhar-se na floresta havia sido uma péssima ideia. — Não vou fazer mal. — A voz se aproximou e Beatrice virou-se para encará-lo, chocando-se por avistar um homem coberto por peles.

Devia ser um nativo.

— Não quero incomodá-lo — respondeu ela apressada, temendo ser feita de refém e levada para uma tribo distante para ser noiva do líder dele. Isso se ele não fosse o próprio rei daquele povo tão diferente. Seus olhos vagavam pela figura alta coberta por peles de animais selvagens e que deviam deixá-lo aquecido, invejando-o.

— Venha — disse o homem, pegando-a pela mão para levá-la para dentro de uma tenda improvisada com couro curtido. — Logo a chuva vai passar — garantiu, ajudando-a a se acomodar em um canto seco.

— O senhor consegue falar minha língua — comentou Beatrice, ainda surpresa e sem entender direito o que aquele jovem índio queria com ela.

— Meu avô se casou com uma das colonas. Era branca como a senhora — explicou o forasteiro. — Ela me ensinou sua língua.

— O senhor é um mestiço. Que interessante! Então, é verdade que levam mulheres inglesas para que se casem com os índios?!

— Algumas delas foram levadas — concordou ele. — Mas não aconteceu da forma como os brancos contam.

— As pessoas costumam exagerar nos fatos. — Beatrice era a prova viva de que o diferente costumava assustar e intrigar até as mentes dos mais incrédulos. Era difícil aceitar o diferente. Naquela altura de sua vida já estava convencida de que era muito diferente das mulheres de sua época. Se

assim não fosse, não estaria conversando com um homem que consideravam selvagem e teria desmaiado.

— Mas é verdade que meu povo idolatra mulheres como a senhora.

— Como eu?

— Sim, com cabelos claros como o brilho da lua cheia – afirmou o índio e Beatrice tratou de recolher a mecha de cabelo que havia se soltado da trança. — Nosso povo acredita que deusas possam renascer para governar ao lado de guerreiros.

— Como sua avó? – Ele concordou com a cabeça. — Ela deve se sentir honrada por isso.

— Ela morreu há treze luas e nosso povo acha que outra irá vir para substituí-la.

Beatrice engoliu em seco. Era muito esperta para concluir que os índios rondavam as terras dos Baldwin porque acreditavam que ela fosse a próxima deusa.

— Devo mencionar, se já não o fiz, que sou casada – avisou sem demonstrar abalo. — E que espero um filho do meu marido.

— Será uma mulher – afirmou o índio. — As duas serão bem-vindas em nossa tribo.

— Agradeço a generosidade...

— Virão tempos difíceis para a senhora e precisa saber que poderá vir até nós se precisar de proteção. Nosso povo a receberá por carregar no ventre a próxima rainha – prometeu ele, colocando as mãos no joelho para se levantar. — Vou atrás de comida. Volto logo.

Beatrice o analisou com o canto dos olhos antes de ele sair da apertada tenda. Algo dentro dela dizia que poderia confiar naquele homem. Afinal, se ele quisesse lhe fazer refém, não a teria deixado sozinha para que fugisse. Muito pelo contrário, até então apenas lhe prometera proteção, a ela e à menina que carregava no ventre.



A tempestade inesperada pegou todos os camponeses de surpresa e o dia de trabalho estava perdido. Não havia o que ser feito a não ser voltar para casa e aguardar que o sol novamente brilhasse para secar as folhas de tabaco.

Ao chegar em casa, Anthony não encontrou a esposa. Apesar de evitá-la como parte da promessa de que não iria voltar a dividir a cama se ela não suplicasse, os colonos sempre o mantiveram informado sobre seu paradeiro. Não costumavam descuidar de sua segurança. Mas naquele dia todos estavam mais preocupados com os afazeres e com o vento gelado que anunciava a chegada do inverno antes da hora para prestar atenção na esposa do patrão. A previsão de um inverno mais rigoroso os deixou alarmados e precisavam se apressar para não perder parte do tabaco cuja colheita já havia iniciado.

Anthony tentou não se alarmar antes da hora, pois Paige costumava passar horas com Maggie e as crianças na vila dos empregados. Depois de beber um gole do líquido que fervia dentro da chaleira em cima do fogão, voltou para perto da porta para vestir a casaca e as botas. A casa cheirava a limões depois que Paige passara a viver ali. Ela tinha o hábito de preparar infusões com folhas de limoeiro e mais algumas ervas que Maggie havia lhe ensinado a cultivar no quintal. Cada canto daquela casa solitária havia se

enchido da presença da mulher sem ele ter percebido. Batendo a porta atrás de si, ergueu a gola da casaca e colocou o chapéu na cabeça para se proteger da chuva gelada. Iria buscar a esposa e dar um fim naquela rusga de semanas.

Estava para nascer mulher mais teimosa do que a sua.

A caminhada contra o vento exigiu mais esforço. Teria chegado antes a cavalo, mas não queria que o animal adoecesse. Seria um prejuízo para a fazenda numa época em que não poderia ter mais gastos.

— Não quer entrar, patrão? – convidou-o Maggie quando encontrou o fazendeiro parado diante de sua porta.

— Vim buscar Paige – avisou ele.

— Ela saiu logo depois do almoço, patrão. Já deveria ter chegado em casa – contou a mulher, com o semblante carregado de preocupação.

— Maldição! – esbravejou. — Não a encontrei em casa. Onde pode ter se enfiado com um aguaceiro caindo?

— A chuva pode tê-la alcançado no caminho de volta para casa. Saiu antes do que costuma porque queria colher cogumelos para uma receita. O senhor sabe o quanto ela gosta de cozinhar. – Anthony precisava admitir que seus pratos se tornavam cada vez mais sofisticados e deliciosos. Pouco se falavam naquelas últimas semanas, mas ela sempre tinha o cuidado de lhe deixar um prato preparado para que pudesse comer quando chegasse tarde da noite. — Deve ter se abrigado em algum lugar para esperar que a chuva passe – tentou tranquilizá-lo, mas foi em vão.

— Paige não está acostumada com a mata da região.

— Ela não deve ter ido muito longe.

— Vou procurá-la, Maggie – disse nervoso, quase trincando os dentes pela apreensão que sentia em imaginar a esposa em perigo.

— Faz bem, patrão! Nelson e os meninos mais velhos poderão ajudá-lo.

— Quando colocar as mãos naquela doida... Juro que nem sei...

— Oh, patrão, não faça isso! Paige está muito sensível nas últimas semanas e tem sentido muito pela briga que tiveram. É uma boa garota, mas não está acostumada com a vida nas colônias.

— Vejo que ela também a conquistou, Maggie! – olhou a mulher mais velha com o canto dos olhos, tendo a impressão de que Paige escondia coisas dele. — Minha mãe deve estar se revirando no túmulo com a esposa que escolhi.

— Sua esposa é tudo o que senhor precisava – repreendeu-o. — Com todo respeito, patrão.

— Aceito a ajuda de Nelson e dos meninos, mas não pretendo esperá-los. É tempo perdido ficar aqui parado.

Maggie concordou com a cabeça e Anthony partiu em busca da esposa antes que o pior lhe acontecesse. E Deus sabia que ali naquele fim de mundo, onde os perigos sempre os espreitavam, uma mulher bonita e indefesa era presa fácil.

Depois de seguir o rastro que Maggie indicou, embrenhou-se pela mata fechada, bem na altura em que os Ward menores costumavam colher cogumelos.

Paige merecia umas palmadas! Ah, como merecia.

Ao menos a chuva torrencial havia dado uma trégua e apenas um chuvisco chato insistia em cair.

Anthony percorreu mais alguns metros mata adentro, mas a lama pegajosa por algumas horas de chuva intensa dificultava sua locomoção, fazendo-o retornar para o leito da estrada. Seus nervos o alertavam de que alguma coisa poderia ter acontecido com a esposa; e se isso deixasse de ser um simples pressentimento para se tornar real, jamais se perdoaria.

Precisava do cavalo para poder continuar procurando e decidiu retornar para a sede da fazenda. Nem a escuridão de uma noite nublada poderia impedi-lo de resgatá-la. Muito menos os índios selvagens, que ele sabia que a queriam. A pior parte da apreensão que o dominava era pensar que Paige havia sido raptada por um dos homens das tribos que ele nem sabia o número exato. Havia muitas, e quanto mais acima do rio os colonos

fossem, mais eram espionados por olhos pintados de vermelho. A parte oeste daquelas terras ainda era um mistério para os fazendeiros e trabalhadores.

Quando alcançou a estrada, começou a correr para chegar logo aos estábulos. Não poderia perder mais tempo. Faltava pouco mais de três metros quando conseguiu ver uma silhueta feminina enrolada em uma manta de lã sendo tirada de cima de um cavalo.

Era Paige. Tinha quer ser ela.

Anthony acelerou o ritmo da corrida para alcançá-los.

— Encontramos a patroa perto da trilha que serpenteia o rio – avisou Nelson, o marido de Maggie. Era um homem forte e apenas alguns centímetros menor do que Anthony. Usava barba farta e os cabelos presos com uma tira de couro, mas a vida de trabalho árduo cobrava um preço que poderia ser facilmente visto nas rugas profundas que contornavam os olhos escuros.

— Paige, por Deus, você está bem? – Anthony se colocou entre ela e Nelson e a puxou para dentro dos braços. — Está encharcada.

— Não tanto quanto você, Anthony. – Beatrice o olhou com carinho. Todo o medo que sentira por estar perdida no meio de um lugar inóspito se convertia no mais genuíno amor.

— Vamos entrar... Precisa trocar de roupa antes que fique doente – levou-a até a porta da casa e a abriu para empurrá-la para dentro. — Obrigado! Nem sei como agradecer – disse ao se voltar para o velho Ward. — Vou recompensá-lo por isso, eu juro – prometeu, sentindo-se aliviado e agradecido.

— Não fizemos nada demais, patrão! Se a patroa sobreviveu é por seu próprio mérito – contou. — Somente uma mulher inteligente como ela conseguiria ter a ideia de procurar um tronco oco para se abrigar.

Anthony acabou sorrindo pela esposa petulante que tinha arranjado. Aquela pequena ousava desafiar até uma tempestade com sua inteligência.

Os dois homens se cumprimentaram com um aperto de mãos.

— Não queria preocupá-lo. Que isso fique claro antes que brigue comigo – soltou Beatrice quando os olhos do marido encontraram os dela. Havia se livrado da manta de lã molhada e se aquecia perto do fogão com as mãos estendidas em cima da chapa de ferro fundido. — A propósito, podíamos comprar um destes fogões para Maggie como recompensa pelo Senhor Ward ter me resgatado. Pobre Maggie! Precisa cozinhar naquela lareira desajeitada. Suas costas não aguentam mais.

— Você não dá ponto sem nó, Senhora Baldwin. – Anthony se aproximou da esposa, depois de ter se livrado de parte das roupas molhadas e das botas sujas de lama. Estava apenas de calça e aquela cena mexia com a libido de Beatrice de um jeito insano.

— Eu o ouvi falar que pretende recompensá-los e estou dando a ideia – deu de ombros.

— Devia estar muito bravo com você, loirinha.

— Sei disso – soltou ela, derrotada. — Já deve estar bravo o suficiente pelo que aconteceu em Coreley. Mas nunca tive a intenção de ofendê-lo. Só queria que pudesse fechar o negócio com o governador. Porque era importante para Mary e Lawson, para você e eu e para todos os colonos que vivem na fazenda.

— Acredito que esta parte já foi superada quando percebi que estava morrendo de medo de perdê-la para os índios... Há tantos perigos nessa parte do mundo, querida – enlaçou-a pela cintura.

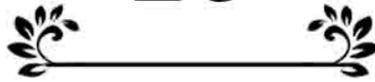
— Senti sua falta na cama – confessou antes de encostar os lábios nos dele, a carne ardendo de desejo, os pensamentos sempre confusos e aquela vontade impossível de ser abraçada, de ficar grudada ao corpo dele.

— Também senti sua falta – disse ele, contornando os lábios dela com a língua, provocando-a para o ato carnal.

— Não pretendo suplicar para que volte a dividir a cama comigo – contou ela. As palavras diziam uma coisa e o corpo outra. Era fraca demais para rechaçá-lo.

— Não precisa suplicar – garantiu ele, pegando-a nos braços. — Estamos quites e podemos fazer de conta que a maldita aposta nunca existiu.

No momento me preocupa mais aquecê-la, loirinha.



Senti-la contra seu corpo era um sentimento que o entorpecia. Poderia acreditar que ela era seu paraíso na terra, tudo que havia desejado na vida, tudo aquilo que dava sentido à sua existência. Ela respirava tranquilamente em seus braços, envolvida por uma espécie de magia que o deixava embasbacado. A saudade se esvaía de dentro dele conforme ela o deixava tocá-la.

— Não gostei de ficar brigada com você, Anthony – admitiu Beatrice. Os olhos verdes faiscando desejo e paixão, escravizando-o.

— Nem eu gostei – confessou, sentindo que ali era seu lugar no mundo, ao lado da esposa, que se tornava importante à medida que se impregnava em sua pele, em seus pensamentos.

Anthony só queria uma mulher corajosa e leal ao seu lado. Que estivesse apta a gerir uma casa com eficiência e que fosse saudável para lhe dar filhos fortes quando tomou a decisão de se casar com uma inglesa. Não ambicionara ter a mulher mais bonita na cama, que incendiava o fogo da luxúria dentro dele, fazendo-o agir contra os próprios princípios, esquecendo-se da promessa de só voltar a dividir a cama quando ela o chamasse de volta.

Quando a depositou na cama e Beatrice insinuou que precisava trocar de roupa, Anthony a impediu, querendo fazer aquilo por ela. Desnudou-a e admirou-a como veio ao mundo: perfeita para ser a perdição de um homem.

— Você sentiu mesmo minha falta? – quis ela saber.

— Foi um inferno evitá-la por tanto tempo.

— Por isso saía cedo e voltava tarde da noite? – Anthony concordou com a cabeça, puxando-a para seu colo, para que ela pudesse sentir a rigidez de seu membro, que pulsava para estar dentro dela. Era a prova de que sua vida dependia dela. — Só quis ajudar a fechar o negócio com o governador.

— Entendi isso, loirinha – mordeu-a no lóbulo da orelha, enquanto as mãos vagavam pelos seios, descendo com carícias até o meio das coxas para despertá-la para o sexo. — Lawson esteve aqui há alguns dias. Conseguimos vender a colheita deste ano para os ingleses. Teremos um bom lucro... – gemeu quando ela se remexeu em seu colo; o atrito do traseiro macio contra a virilidade era quase insuportável. — Vamos poder ajudar os colonos e ainda contratar mais gente.

— Isso é maravilhoso – comemorou ela, pegando-o pelo rosto para beijá-lo. — É errado querer o melhor para os colonos? – perguntou ao lembrar de que o pai não se preocupava com os mais necessitados. Aliás, aquele pensamento a estava incomodando desde que conhecera a dura realidade daqueles que não eram nobres. Tinham que trabalhar de sol a sol, aceitando o que lhes oferecessem.

— Claro que não, Paige! Não sei de onde tira essas ideias.

— Só porque sou mulher não posso pensar sobre as coisas do mundo?

— Claro que uma mulher pode pensar e até discordar de seu marido – respondeu ele. — Ocorre que costuma fazer questionamentos incomuns para uma mulher que aceitou viajar para tão longe em busca de uma nova vida. É muito intrigante seu jeito de ver as coisas, como se sua vida na Inglaterra fosse muito diferente.

— Em certa medida era. – Beatrice não pretendia negar aquele fato em específico, embora não pudesse contar que era filha de um conde. —

Trabalhava para a nobreza e talvez isso me afastou da realidade em diversos aspectos – sorriu para ele. — Estou com frio, Anthony, muito frio.

Ele devolveu o sorriso ao entender a sua insinuação.

— Acho que podemos deixar para discutir o destino dos colonos outra hora, loirinha.

— Eu adoraria deixar para depois – enlaçou-o pelo pescoço e se deixou ser beijada com ardor.

Beatrice amava se sentir parte da vida de um homem forte, que não media esforços para dividir seu prazer com ela. Abraçar Anthony e se fundir ao corpo dele era como abraçar o sol, quente, poderoso, majestoso. Ela amava se queimar com ele no fogo da paixão que sempre os envolvia.

Anthony a deitou de costas na cama, colocando-se sobre corpo dela, dedicando-se a extrair gemidos de prazer. Provocou-a e provou-a, tocando-a com as mãos, os lábios e a língua em suas partes mais íntimas. O ato carnal deixava de ser algo passageiro, uma necessidade puramente física quando estava com Beatrice, para se tornar algo mais forte, que fazia seu coração bater forte e sua alma querer viver ao lado dela para sempre.

A pele feminina, quente e macia, colada à sua era excitante. Mexia com sua libido e só havia pensamento para ela, que o incitava para que se enterrasse dentro dela.

— É tão bom quando me toca desse jeito. Nunca poderia imaginar que um homem pudesse tocar nas partes mais íntimas de uma mulher. – Beatrice queria dizer que gostava de ser tocada no meio das pernas, chupada e acariciada com a língua dele.

— Você não é qualquer uma, loirinha! É minha mulher – confessou o fazendeiro, afastando-se dela para abaixar a calça.

Beatrice sentia-se mulher dele. Talvez não poderia ser considerada sua esposa existindo o fato de que havia mentido sobre sua identidade, mas era sua mulher e seria para sempre. Era uma verdade que ardia dentro dela, que a impelia de confessar um sentimento tão forte quanto o amor, que brigava para sair de dentro dela por meio de palavras. Se não fosse o medo de ser rechaçada e ter que lidar com uma desilusão já teria admitido que o amava.

Anthony segurou a base do pênis, deslizando para cima e para baixo enquanto seus olhos percorriam cada parte do corpo da inglesa. Ela abriu as pernas e dobrou os joelhos, reagindo ao instinto feminino de recebê-lo. Era o convite que ele tanto desejava. Colocou-se entre as pernas dela, passando as pontas dos dedos por toda a extensão do sexo feminino, separando as dobras inchadas e que pulsavam à espera do aperto de seu membro. Não foi difícil deslizar para dentro dela, estava úmida, preparada para ele. Puxou-a pelas nádegas de encontro ao quadril e estocou sem parar, uma, duas, quantas vezes fossem necessárias para saciar aquela urgência que sentia por ela.

E desabou, entregando-se ao próprio prazer quando ela gritou seu nome de forma pausada.

Apesar das preliminares, sempre permeadas por carícias e trocas de confidências, foram rápidos e deixaram-se envolver pelo arrebatamento do mais potente êxtase sexual.

— Sempre vai ser assim? – perguntou Beatrice em um resmungo contra o pescoço dele. Não importava a ela estar sendo esmagada por um corpo maior que o seu.

— Assim como? – Anthony ainda estava atordoado e mal conseguia se retirar de dentro dela.

— Sempre vai me desejar?

— Considerando que sempre é melhor do que a última vez, acho que vai ser para sempre.

— Ah, Anthony – fungou e ele se apoiou nos braços para encontrar os olhos verdes que tanto o fascinavam. — Preciso contar a você uma coisa. Já devia ter contado, mas estive tão zangada com você... Promete que não vai se zangar novamente?

Somente Paige, ou melhor Beatrice, – mas ele não sabia disso – era capaz de exigir algo assim quando se sentia tão sugado, fraco e incapaz de negar algo para ela.

— Prometo – soltou ele, beijando-a nos lábios para selar o juramento.

— Eu espero um filho seu – disse sem rodeios, deixando-o sem palavras, quase sem ar.

— O que disse?

— Que estou grávida – repetiu ela, usando termos mais claros. O silêncio apenas era quebrado pelos olhos azuis fixados nela, que pareciam estralar as palavras que estavam presas dentro de sua garganta. — Pelo amor de Deus, fale alguma coisa – pediu, incomodada com sua apatia. Anthony se deitou ao lado de Beatrice na cama e levou as mãos aos cabelos. — Está zangado, não é?

— Sim, estou zangado! Mas não porque não me contou antes, Paige! Porque me deixou tocar em você de forma tão bruta sabendo que carrega um bebê no ventre – explicou.

— Ah, quanto a isso não temos com o que nos preocupar, Anthony! O bebê é ainda muito pequeno e está muito bem guardado. E preciso esclarecer que você não foi bruto, nunca é. – Beatrice girou na cama para ser abraçada pelo marido. Gostava daquele carinho depois do sexo e poderia ficar ali para sempre, nua e amolecida por ter sido amada. — Do que está rindo? – perguntou.

— De seu jeito de encarar os fatos da vida. Não convivi com muitas mulheres, admito – beijou-a na ponta do nariz, acomodando a cabeça sobre um dos braços para poder enxergá-la. — Minha mãe e Felicity eram muito diferentes de você.

— Infelizmente não as conheci. Mas se servir de consolo, sempre fui assim... Como posso dizer... Diferente da maioria das mulheres. Isso é um problema para você, Anthony?

— Não, acho que não! Apenas não esperava por você – puxou as cobertas sobre eles e aconchegou-se contra o corpo dela. — Temos que ser mais cuidadosos a partir de agora.

— Não quero que procure outras porque estou grávida – avisou-o e ele soltou uma gargalhada.

— Quem disse que vou atrás de outras mulheres?

— Maggie contou que alguns homens não aguentam passar pela abstinência longa que a gravidez da esposa pode impor.

— Então foi por isso que não contou sobre a gravidez?

— Claro que não – garantiu ela. — Estava zangada com você e não pretendia dar o braço a torcer para procurá-lo.

— A Senhora Baldwin é muito orgulhosa, além de ciumenta.

— Eu gosto de ser a Senhora Baldwin – disse entre um bocejo e outro, entregando-se ao cansaço de um dia atípico.

— Também gosto de pensar dessa forma – beijou-a no ombro, depois na boca, procurando sua barriga para acariciar o bebê. — Sempre quis ser pai e vou dar o meu melhor para que nosso filho tenha o melhor.

— Não duvido disso! – Beatrice poderia aceitar todas as mentiras que inventara, até ser chamada de Paige para sempre se pudesse viver aquela felicidade singela por todos os dias de sua vida.

Gisele lhe alertara de que a gravidez poderia mudar tudo. E ela estava certa, como sempre.

17



Meses depois.

A vida na fazenda não era tão entediante como imaginara antes de chegar e se apaixonar perdidamente pelo seu dono. Anthony era atencioso e cuidadoso com sua saúde, fazendo todas as suas vontades, sem reclamar de seus pedidos tão incomuns. Tudo porque acreditava que o filho poderia nascer com a pele marcada caso a mãe não tivesse saciada sua enorme gula.

— Tem certeza de que posso ir para casa? – perguntou Maggie.

— Logo Anthony deve estar chegando, não se preocupe – respondeu Beatrice, afagando a barriga de final de gestação enquanto se balançava na cadeira que o fazendeiro reformara para ela. A brisa que entrava pela porta aberta refrescava o calor que fazia naquele fim de tarde de junho.

— A senhora sabe que não gosto de partir sem o patrão ter chegado – insistiu a mulher mais velha. — Rose pode dar conta dos meninos até eu chegar.

— Pode ir para casa – incentivou Maggie a partir para cuidar de seus afazeres. A mulher passava parte do dia ajudando-a a limpar a casa e a lavar

as roupas. Anthony fizera questão de pagá-la para que a esposa não se sobrecarregasse.

— Amanhã volto cedo para terminarmos de costurar o enxoval do bebê – prometeu Maggie enquanto calçava as botas para partir. — Deixei a torta de carne esquentando em cima do fogão.

— Obrigada, Maggie! Nem sei como recompensá-la por tudo que tem feito por mim. – Beatrice andava mais emotiva, acreditava que se devia ao nervosismo pela aproximação da data do parto. — Tem sido como uma mãe para mim.

— O patrão me paga muito bem para isso, Paige – brincou sorridente. — Nunca fui remunerada tão bem por um serviço que tenho prazer em desempenhar.

— Faço votos de que vamos ter mais uma colheita lucrativa para darmos continuidade aos nossos planos de criação de frangos.

— Vamos ter sim! – concordou. — Os colonos acreditam que a senhora trouxe sorte aos Baldwin. É tão fértil que até vai dar um filho ao patrão.

Beatrice riu do comentário da amiga, levantando-se para beijá-la no rosto. Maggie era importante em sua vida e sem aquela mulher de olhos profundos e sorriso gentil, sua vida teria sido muito difícil ali na fazenda. Aprendera a amá-los, a todos eles, sem distinção, e a admirá-los pela força que os tornava tão bondosos.

— Vá em paz, Maggie, que irei ficar bem até Anthony chegar – prometeu Beatrice, encostando-se na porta para admirar a paisagem de final de tarde. Raios lilases se misturavam aos dourados num espetáculo de cores que tocavam o verde das campinas para enaltecer a chegada do verão.

Ficou ali por alguns minutos, perdida nos pensamentos e na felicidade de se sentir parte importante da vida de pessoas que a valorizavam pelo que era de verdade e não pelo que tinha. Em sua vida na América não havia vestidos luxuosos, mobília com ricos entalhes, bailes e jantares pomposos, mas havia amor e carinho de pessoas puras de coração, gentis por escolha e não por polimento que as regras de etiqueta exigiam. Ela amava tanto a vida

simples que levava ao lado de Anthony que a mentira de seu casamento nem mais a atormentava, ao menos não na mesma intensidade de meses antes.

Gisele sempre estivera certa de que a vida poderia ser mais simples se conseguissem esquecer os motivos que as levaram até a Virgínia para se tornarem esposas de colonos. Tudo era uma questão de ponto de vista e de escolhas, e as duas haviam escolhido serem felizes.

Foi até o fogão para colocar mais lenha no fogo. Mas precisava se ajoelhar, pois a barriga não a deixava dobrar o corpo. Pestanejou quando ouviu vozes chamando-a do lado de fora da casa. Não costumavam receber visitas de forasteiros, a não ser Lawson, que de tempos em tempos os visitava com notícias de Coreley. Infelizmente não costumava trazer Gisele com ele.

— Já estou indo – avisou alto, levantando-se com um pouco de dificuldade para limpar as mãos na toalha que encontrou estendida no varal sobre a chapa de ferro. — É você Lawson – soltou aliviada por reconhecer um rosto amigo encarando-a parado dentro da sala.

— Paige, trago alguém que está à procura de Lady Beatrice Lennox – falou o primo de Anthony, com o rosto estampando uma máscara de confusão.

Beatrice logo se lembrou da amiga e sentiu medo pelo seu destino.

— E Mary? Onde está? – perguntou, sentindo as pernas fracas.

— Em Coreley. Nem tive tempo de avisar que viria para cá. – Era melhor assim, pensou ela, aliviada. — Uma comitiva apareceu do nada em Hampton enquanto estava negociando com comerciantes ingleses e exigiram que os trouxesse para cá. Parece que o governador enviou notícias de que a filha do Conde de Richmond fora encontrada e que os Baldwin poderiam saber o seu paradeiro. – Lawson passou as mãos pelo cabelo. — Não entendi direito o que a filha de um conde poderia fazer na Virgínia.

— Ah, Lawson! – Beatrice sabia que estava perdida e as lágrimas marcavam seu rosto, mas precisava preservar Gisele para não ser entregue às autoridades.

— Há também uma mulher na carruagem – avisou Lawson.

Beatrice decidiu sair de casa para encontrar quem fosse que o pai havia mandado para buscá-la e assustou-se quando um par de olhos verdes, que lhe eram tão familiares, encontraram-na. O pai estava mais abatido do que se lembrava e a chamou.

— Por Deus, Beatrice, o que deu em você? – perguntou ele, reduzindo a distância. Seus olhos a analisaram e o ventre volumoso quase o fizeram cair para trás. — É verdade, então? Você se passou por Paige Clark e usurpou seu lugar como esposa de um fazendeiro qualquer.

— As coisas não saíram como eu planejei. – Beatrice não sabia como explicar que seus planos não previram se passar pela noiva de um colono. Que tudo aconteceu tão rápido a ponto de não saber direito o que a aguardava na América como Paige Clark. — Só não queria me casar com o Duque de Kaiserburg.

— Mas um fazendeiro lhe pareceu mais honrado do que um duque – retrucou o pai, com o rosto vermelho pela fúria que o tomava apenas em ver a filha, sua princesa sempre criada com todo o luxo e dedicação, vestida como uma plebeia, de pés descalços e um lenço no cabelo. Preferia morrer a ter que passar por tamanho desgosto. — Arruinou sua virtude a troco de um capricho.

— Anthony é um homem bom... E jovem, papai – soltou indignada. — Não suportaria ficar casada com um velho.

— Seria uma duquesa, Beatrice. Uma duquesa! – gesticulou o conde. — Daria um filho a ele e seria a mãe do próximo duque. Cumpriria com seu papel e poderia viver a vida da maneira que lhe conviesse quando se tornasse uma viúva. Mas é claro que não poderia fazer isso pela família, por seu pai, que só fez amá-la.

O peito de Beatrice subia e descia conforme o pai lhe repreendia na frente de Lawson.

— O que ele fala é verdade, Paige? – perguntou o Baldwin.

— Não a chame por esse nome – exigiu o conde. — Seu nome é Beatrice Alexandra Lennox, quinta filha do Conde de Richmond.

— Você é uma dama da nobreza inglesa? — Lawson olhou para a mulher grávida que estava imóvel e com lágrimas nos olhos. E então muita coisa passou a fazer sentido. — Mas se você é Lady Beatrice Lennox, o que aconteceu com a verdadeira Paige?

— Estou aqui — disse uma mulher que saltava da carruagem com o brasão do governador. — Eu sou Paige Clark — afirmou ela.

— Você a trouxe, papai? — balbuciou Beatrice, apoiando-se em Lawson para não cair.

— Claro que a trouxe. Precisamos acabar com esse mal entendido de uma vez por todas para que volte para a Inglaterra e possa se casar com o novo Duque de Kaiserburg — explicou. — Faremos a troca das noivas sem escândalos — olhou para Lawson. — É claro que irei indenizá-lo pelos transtornos que a minha filha lhe trouxe, Senhor Baldwin.

— Não, não! Não é a mim que... — Lawson forçou a mente para lembrar como deveria se referir a um conde, mas não fazia ideia, pois jamais estivera na presença de um. — Não sou casado com Paige Clark, milorde. Foi meu primo quem se casou com ela.

— O senhor não pode me obrigar a um casamento que não quero — interrompeu-os Beatrice. — Estou grávida de Anthony e nos casamos.

— Foi Paige Clark que se casou e não você, Beatrice. A notícia boa é que o velho Duque de Kaiserburg morreu um mês depois que fugiu de Londres e seu sobrinho herdou o título e aceitou manter o compromisso de casamento. — Naquelas alturas da confusão, Beatrice sentia a visão ficar borrada. — Sua principal objeção ao casamento desapareceu, minha filha.

— O que acontece aqui? — Anthony acabava de desmontar do cavalo e estava irritado com o homem que parecia brigar com a esposa. — Paige, o que este homem fez com você? — perguntou e duas mulheres, a verdadeira e a impostora, viraram-se para ele.

— É o pai dela! — disse Lawson, apontando para Beatrice. — Você se casou com uma impostora, meu primo — explicou, segurando Beatrice que desfalecia em seus braços.

— Você enlouqueceu, Lawson – reclamou Anthony, pegando Beatrice nos braços para levá-la para dentro de casa, onde a acomodou em uma das poltronas rapidamente.

— Só repeti aquilo do qual fui testemunha. Paige não é Paige Clark e sim Lady Beatrice Lennox, filha do Conde de Richmond, que atravessou meio mundo para resgatá-la. Aquela mulher é Paige Clark – apontou para a mulher com uma touca na cabeça e que era comum demais para ser sua Paige, apesar das roupas elegantes que vestia.

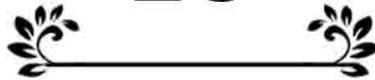
— Tire as mãos de minha filha – exigiu o conde com uma empáfia que quase tirou Anthony do sério, movendo a cabeça para encará-lo. Foi naquele momento que um frio percorreu sua espinha. O Conde de Richmond tinha os mesmos olhos verdes de Paige, ou seria de Beatrice?

— Enquanto ela não acordar para esclarecer tudo, ela continua a ser Paige Baldwin. O senhor gostando ou não, ela continua carregando um filho meu no ventre.

— Seu miserável – bradou Richmond com as mãos em punho.

— Lawson, pegue no armário da cozinha uma garrafa do conhaque que Paige usa para cozinhar – pediu ao primo. Estava preocupado com a mulher desfalecida que não podia sequer se defender de tantas acusações. Anthony ainda estava atordoado com a bagunça que havia encontrado em sua casa. Havia sido um longo dia de trabalho e ansiara muito reencontrar a esposa e ver seu sorriso, ir para cama com ela depois de um longo e exaustivo dia de trabalho. E apesar de todos os sinais claros de que havia sido enganado pela inglesa, procurava ganhar tempo para tentar se convencer de que não passava de um equívoco, um engano daquele cavalheiro que não sabia que estava tentando recuperar algo que ele não estava preparado para deixar partir. — Saiam todos – gritou. — Ainda sou o dono da casa e da fazenda e exijo que esperem lá fora.

Lawson entregou a garrafa e tratou de tirar todos de dentro da sala, sabendo que o primo precisava daquele tempo sozinho com a mulher que usurpou não apenas o lugar de outra, mas o seu coração.



Beatrice resmungou quando sentiu o forte cheiro de conhaque. Demorou para abrir os olhos, temendo que aquela confusão não havia sido um pesadelo. E não era, pois quando encontrou os olhos de Anthony, não enxergou nada além de confusão e talvez decepção.

— Anthony... – colocou-se sobre os cotovelos. — Sinto muito!

— Você está bem? – perguntou ele, levantando-se para se afastar da mulher que já não sabia se era dele ou uma impostora. A confiança sendo questionada conforme ela tentava desculpar-se por algo que era inexcusável.

— Acho que sim – respondeu ela, tirando o lenço do cabelo. Anthony engoliu em seco quando os cabelos claros cascadearam pelos seus ombros magros. Sendo Paige ou Beatrice, ela sempre seria a mulher mais linda para ele. Dificilmente outra conseguisse fasciná-lo daquele jeito quase miserável. Piscou algumas vezes para tentar recuperar o juízo. — Acredito que lhe devo uma explicação. – Ele concordou com a cabeça. — Não adianta mentir... Meu pai está lá fora e determinado a me levar de volta para a Inglaterra – esclareceu, acreditando que Anthony pudesse entender seus motivos, afinal, eles haviam se tornado tão importantes um para o outro.

— Você não é Paige Clark, se é que entendi certo. — Anthony pretendia ser prático e quando agia assim costumava ser rude.

— Não! Não sou Paige Clark. Meu verdadeiro nome é Beatrice Alexandra Lennox e sou a única filha mulher do Conde de Richmond.

— Quem é Paige Clark? — perguntou Anthony, tentando entender cada implicação daquela mentira.

— É uma das empregadas de minha casa. Ela exercia as funções de arrumadeira e ajudava na cozinha.

— Paige Clark nunca foi criada da filha do conde, porque você era a filha do conde. — Anthony estava furioso por ter sido enganado. — Tantas coisas fazem sentido e estava tudo bem na ponta do meu nariz! A farsa, cada uma das mentiras, porque você me cegou.

— Nem tudo foi mentira, Anthony! — Beatrice abaixou a cabeça, não tinha coragem de encará-lo nos olhos. — Eu me apaixonei por você e não trocava nada do que vivemos.

— Você usurpou a identidade de outra mulher. — Ele quase gritou, uma tentativa para se convencer de que havia sido enganado e não poderia se compadecer, o que o tornaria tão criminoso quanto ela.

— Estava desesperada. Meu pai iria me casar com um velho e não suportava a ideia de ser tocada por ele. — Anthony riu. — Você não faz ideia do que é nascer mulher em uma sociedade que nos trata como objetos que são trocados ao bel-prazer de homens poderosos.

— Isso não a isenta do crime que cometeu, milady! — doeu aos ouvidos de Beatrice ser chamada pelo pronome de tratamento a que tinha direito e lágrimas escorreram no canto dos olhos. — Mas dificilmente será punida por ser filha de quem é.

— acredite, Anthony, eu o amo de verdade. Aqui me sinto feliz de verdade, livre de um jeito que nunca me foi permitido.

— Não posso acreditar nas palavras de uma impostora.

— Não é uma mentira o que vivemos, apesar de você acreditar que eu era Paige Clark. Carrego seu filho aqui — deslizou a mão na barriga.

— Nem isso é tão certo. — Anthony lhe deu as costas, queria fazê-la sentir a mesma decepção que o atormentava. — Engravidou muito próximo da primeira vez que a possuí, se já não estava grávida quando veio para minha cama.

Beatrice se levantou de supetão, sentindo-se ferida em sua honra.

— Você pode me xingar à vontade, Anthony Baldwin! — soltou ela, nervosa. — Eu menti e usurpei o lugar de Paige Clark, a noiva que você mandou vir da Inglaterra, o que me torna uma impostora, mas jamais poderá renegar o filho que carrego no ventre. Ofereci a você a minha virgindade ou esquece o sangue no lençol? Você pode estar zangado comigo e pode querer descontar a frustração que sente em mim, mas nunca numa criança que não pediu para nascer. Se você me mandar embora, pouco me resta a não ser aceitar o destino que meu pai escolheu para mim. E posso garantir que uma criança não faz parte dele.

— Você deveria ter pensado nisso antes — repreendeu-a.

— Você sabe o que acontece aos bastardos em meu país? — Beatrice queria acertá-lo com qualquer coisa pesada na cabeça, para que pudesse pensar direito. Sabia que não podia exigir que a perdoasse, pois havia ultrapassado os limites do perdão por ter mentido tanto, mas havia uma criança que os unia e aquilo ele parecia não querer ver. — Vivem como órfãos. É isso que quer para seu filho? Que seja criado por qualquer um ou abandonado nas ruas?

— Não irá me amolecer, milady!

— Pare de me chamar por milady — gritou ela.

— De que forma quer que a chame?

— Beatrice é o meu nome, você gostando ou não.

— Pois bem, Beatrice... — Anthony voltou a encará-la — Apenas exigi lealdade de sua parte e foi a única coisa que não conseguiu me dar.

As pernas de Beatrice ameaçavam não sustentá-la e voltou a se sentar na poltrona. Anthony nunca conseguiria perdoá-la. Era honrado e orgulhoso demais para relevar falta tão grave.

— O que vai fazer agora que sabe a verdade? – foi direto ao ponto, não aguentando mais aquela discussão que arruinava com seus nervos sensibilizados pela gravidez.

— Vou conversar com seu pai – avisou ele, atravessando a porta para se reunir ao conde e dar um fim naquele assunto.

Anthony sentia-se ludibriado, além de tolo por ter tido esperança de que quando ela se recuperasse do desmaio pudesse desfazer aquele mal entendido. Ao menos, tivera coragem de admitir que era uma impostora.

Lawson encontrou Beatrice com a cabeça encostada no braço da poltrona.

— O que quer, Lawson? – perguntou a inglesa. — Acusar-me de ser uma impostora como seu primo?

— O que fez é muito sério, milady! – Beatrice soltou um longo suspiro, tentando se resignar com o fato de que todos a chamariam daquela forma dali por diante. Em outros tempos, não se importaria, porque se considerava uma privilegiada. Porém, deixara de se orgulhar de ter nascido uma dama desde o dia em que pisara na Virgínia e percebera que ser uma plebeia lhe trazia a liberdade tão sonhada, assim como o amor de um homem como Anthony. — Preciso fazer uma pergunta – continuou Lawson, interrompendo-a em sua miséria.

— Pode fazer – incentivou-o.

— Mary sabia que não era Paige Clark?

— Não, Lawson! Mary não sabia que eu estava me passando por outra. Ela foi tão enganada quanto vocês. – Beatrice não iria expor ao perigo sua melhor amiga. Protegeria Gisele custasse o que custasse. — Fique tranquilo, pois fiz tudo sozinha. Planejei cada passo do plano que me trouxe até aqui sozinha.

— Sinto muito – disse o Baldwin mais novo.

— Também sinto – respondeu Beatrice, desviando a atenção para a porta, onde acabavam de entrar Anthony e o conde. — Devem ter vindo

anunciar o veredito – soltou resignada. Ah, se ela pudesse fugir mais uma vez sem colocar em perigo o filho, não pensaria duas vezes.

— Suba com Paige para trocar de roupas, Beatrice – ordenou o conde.

— O senhor enlouqueceu, papai. – Beatrice não conseguia mais pensar direito. — O senhor não percebe que as roupas que Paige está usando não me servem?! Não pode mais negar ou fazer de conta de que não estou grávida – colocou para fora a frustração que sentia por não considerarem o filho que carregava.

— Nem se enxergasse mal poderia deixar de perceber que aumentou suas medidas. Mas suas roupas foram alargadas para que Paige pudesse viajar com elas. Foi o acordo que tivemos que fazer para que ela não apresentasse queixa contra você – explicou o pai. — Paige quer tudo o que você usurpou dela de volta.

— Até o marido – soltou Beatrice enfurecida. Seus olhos a buscaram por trás da figura do conde, tão estática quanto uma escultura de pedra. — Vai aceitá-lo depois de ter sido meu? – provocou-a, querendo saber o que aquela mulher pensava a respeito daquela situação ridícula em que haviam sido colocadas, não se importando que a julgariam fútil.

— Eu aceitei a proposta de casamento do Senhor Baldwin antes de deixar a Inglaterra. Nada mudou, milady – disse a Paige verdadeira. Beatrice nunca odiara tanto um nome na vida.

— Não passo de uma noiva que pode ser trocada, Anthony?! – Beatrice olhou para o fazendeiro, os ombros caídos pela decepção que sentia, os olhos sem vida por ter acreditado que o amor que ele sentia por ela pudesse salvá-la.

Anthony não conseguiu mais encará-la. A dor que sentia era muito forte. Havia sido jogado para dentro do inferno sem nem precisar morrer para isso. Deu-lhe as costas para não sucumbir ao sentimento que tinha pela impostora.

— O compromisso que assumi foi com Paige Clark e seu pai me fez entender que o caminho mais fácil é a verdadeira Paige assumir seu lugar aqui e milady retornar com ele – disse.

Beatrice voou para cima de Anthony e com os punhos fechados tentava acertá-lo nas costas. Lawson precisou contê-la para que não se machucasse, levando-a escada acima para que pudesse trocar de roupa.

— Tire as mãos de mim – exigiu Beatrice, livrando-se das roupas sem se importar que um homem a visse nua. Lawson a soltou e tratou de se retirar quando Paige entrou no quarto para trocar de traje com a filha do conde.

— Posso ajudá-la com o espartilho – ofereceu ajuda.

— Não pretendo apertar minha filha com esse objeto de tortura – retrucou Beatrice. Ninguém mais a obrigaria a usar uma peça que a fazia se sentir sufocada a maior parte do tempo, limitando-a nos movimentos. — Fique com o espartilho se quiser, mas já aviso que todas as suas roupas foram apertadas e apenas algumas foram alargadas novamente para que eu pudesse usá-las – apontou para a barriga.

— Iremos criar seu filho como nosso, milady – avisou Paige, querendo atingi-la como parte de seu plano de vingança. Beatrice engoliu em seco. Não poderia matar aquela mulher odiosa que queria roubar seu bebê sem ser considerada coisa pior do que uma impostora. O cérebro começando a maquirar um plano. — Meu marido vai pedir para que o primo a hospede em sua casa em Coreley até que dê à luz.

E então um plano surgiu como um raio de sol no meio de uma tempestade na cabeça de Beatrice. Era um plano tão arriscado que somente Gisele poderia ajudá-la.

— Está bom assim – disse Beatrice, dispensando a ajuda de Paige com os botões da camisa debaixo que havia acabado de vestir, empurrando-a para fora do quarto. — Pode terminar de se vestir no quarto que fica do outro lado do corredor. Não se preocupe, Senhora Baldwin! Não pretendo levar nada seu daqui – fechou a porta na cara da mulher, xingando baixinho Anthony de todas as palavras de baixo calão que havia aprendido com os Ward e correu para o baú, de onde tirou o saquinho com suas joias para deixá-lo em lugar visível, assim não correria o risco de esquecê-lo quando partisse.

Iria sair dali com toda a dignidade que poderia reunir, mas antes precisava se acalmar para voltar a agir como a dama que foi educada para

ser. Terminou de se vestir e amarrou os laços que enfeitavam a parte da frente do corpete, sentando-se em seguida na frente do espelho para se pentear. Não seria um dos penteados de Lettice, mas ficaria bom e digno da filha de um conde. Sim, Beatrice queria impressionar Anthony por tê-la rechaçado.

Demorou-se mais do que pretendia, mas o resultado a agradou apesar da saia estar um pouco curta e o corpete estar muito justo devido à sua barriga crescida; e foi o tempo que precisava para tranquilizar todas as emoções que ardiam dentro do peito.

Olhou pela última vez a cama em que Anthony costumava amá-la noite após noite, que seria preenchida pelo perfume de outra mulher até que ele não conseguisse mais guardar qualquer lembrança sua. Aquele pensamento a fez soltar lágrimas, que foram secas imediatamente com a manga bufante que caía até a altura do cotovelo.

Beatrice precisava ser forte e encarar seu destino com a cabeça erguida.

Depois que fechou a porta do quarto, colocou-se no alto da modesta escadaria de madeira como uma rainha, chamando a atenção de todos que estavam ansiosos para sua chegada.

Se Anthony a achava linda até então, teria que lidar com a recordação da mulher mais estonteante em que havia colocado os olhos. Beatrice era como um raio de sol em um dia de inverno vestida de verde e com os cabelos erguidos no alto da cabeça para deixar à mostra o colo e o pescoço. Mal conseguia acreditar que era o mesmo vestido que Paige usava.

— Estou pronta, papai! — avisou ela, as mãos unidas e pousadas em cima da barriga. — Senhor Baldwin, quero que faça um favor por mim, se não for pedir muito, considerando que tanto incômodo causei ao senhor. — Como uma pluma, ela havia deslizado até ele. Os olhos masculinos mal se acostumando com tanta graça. Paige, ou melhor, Beatrice, era uma dama da cabeça aos pés e uma das mais belas, tão preciosa ali no meio dos móveis rústicos de sua casa. — Entregue isso a Maggie — abriu a mão dele e depositou o saquinho de joias.

— O que é isso, milady? – perguntou ele, atordoado com a mulher diante de si. Era como se fosse uma miragem e algo dentro dele explodiu, lembrando-o de que ele havia possuído o corpo de uma dama tão bela, que ele a havia amado de corpo e alma. Era uma ligação tão forte que nem sua determinação seria o bastante para livrá-lo dela.

Beatrice Lennox estava impregnada em sua pele. Os pensamentos poderiam ser ocupados por outras coisas, mas não o coração. Esse era dela para sempre.

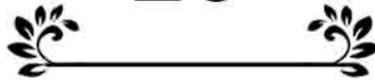
— São algumas das minhas joias – cochichou ela para que o pai não a ouvisse. — Trouxe-as para uma emergência, mas faço questão de que as entregue para Maggie como um presente meu, para que ela possa usá-las como capital para o negócio dos frangos. Por favor, Anthony, entregue à Maggie – empurrou para que ele se apressasse para guardá-las no bolso, afastando-se em seguida para se colocar atrás do pai conforme o protocolo exigia.

— Está pronta? – perguntou o conde, estendendo a mão para a filha.

— Estou sim, papai – concordou ela, aceitando a mão do pai para ser pajeada até a carruagem.

— Em Coreley precisa procurar uma costureira para consertar seu guarda-roupa – ordenou ele, alheio às lágrimas que escorriam dos olhos da filha. — A filha de um conde e noiva de um duque não pode pisar na Inglaterra tão desleixada.

Beatrice não conseguia absorver a série de recomendações que o pai lhe dava e evitou olhar para trás, para tudo que deixava ali ou sua coragem se esvairia. Naquela fazenda sem nome ficaria seu coração enterrado; e quem sabe um dia Anthony pudesse perdoá-la por tudo que fizera. Não se arrependia das decisões que tomara, pois fora isso que a levava até ele, a conhecer o que era viver livremente e ser feliz de verdade.



A viagem até Coreley fora sem contratempos, mas Beatrice não se sentia bem quando desembarcou da carruagem, pois precisava se aliviar. O nervosismo e a tristeza que sentia haviam contribuído para que tudo o que havia comido naquele dia fosse colocado para fora.

Gisele a ajudara a se acomodar no melhor quarto em sua casa e não lhe fizera perguntas de imediato. Sua amiga era muito reservada para saber quando não deveria fazer perguntas. Ambas sabiam que precisavam preservá-la para que não fosse condenada à forca. E retirara-se assim que o Conde de Richmond solicitara ficar a sós com a filha.

— Beatrice, até quando ficará sem falar com seu pai? – perguntou o homem de cabelos loiros como a filha, levemente manchados de branco nas têmporas. — Venho de tão longe para resgatá-la e é assim que me agradece.

— Não perdoarei o senhor por ter barganhado a vida de minha filha – soltou Beatrice em resposta.

— Não podemos levar o bebê para a Inglaterra! E você sabe disso. O bebê não pode ficar com você estando noiva do Duque de Kaiserburg.

— O senhor é rico e pode tudo.

— Não! Não posso, Beatrice. É a honra dos Lennox que está em jogo por não conseguir perceber a gravidade do que cometeu ao se fazer passar por outra mulher.

— É sua neta, papai! Sangue do seu sangue e vai deixá-la aqui na Virgínia desprotegida.

— Enviarei dinheiro para Anthony Baldwin e prometo que não faltará nada à criança.

— Duvido que Anthony aceite seu dinheiro, papai. É muito orgulhoso para se dobrar à sua chantagem.

— Por Deus, Beatrice, como pôde se envolver com um colono? São quase selvagens. — O conde começou a andar de um lado para o outro e Beatrice encolheu-se contra os travesseiros, sentindo-se esgotada.

— Deixe-me ficar — implorou ela.

— Aqui, neste fim de mundo? Você é uma Lennox, Beatrice. Tem sangue nobre e merece mais do que uma vida como esposa de um colono.

— Lorde Mark Ridley é filho do Visconde de Brighton e vive aqui — argumentou.

— Como governador da Virgínia e não como um fazendeiro que planta em terras da Coroa. Além disso, estamos falando do quarto filho de um visconde falido, Beatrice, cujo silêncio e colaboração irão me custar uma pequena fortuna, além de apoio ao seu pai no Parlamento.

— Não adianta mais argumentar com o senhor — revirou os olhos. — O senhor já tomou sua decisão e tratou de resolver todos os detalhes para me levar de volta a Londres. Por favor, quero ficar sozinha — pediu, evitando encarar o pai, o homem que um dia fora seu herói e que se tornara seu carrasco. — Deixe-me ao menos passar estes últimos dias em paz.

Richmond beijou a testa da filha e retirou-se para não perturbá-la mais. Estava crente de que alguns dias vivendo com conforto e cuidados o juízo lhe seria devolvido e acabaria reconhecendo que tudo que fizera até então havia sido para seu bem-estar. Ela só precisava de uma noite de repouso.

Na manhã do dia seguinte, logo depois do meio-dia, Gisele entrou no quarto trazendo um prato de mingau para a amiga. Beatrice havia dormido mais do que costumava na fazenda. Mas grávidas costumavam ter mais sono.

— Bom dia, Trice! Sua aparência está bem melhor – elogiou-a.

— Não quero comer – reclamou Beatrice, gesticulando que ainda estava embrulhada.

— Por Deus, Trice! Lawson me contou tudo que aconteceu na fazenda – disse Gisele, ansiosa para saber de todos os detalhes. — Ficaré conosco até o bebê nascer.

— Não, não ficarei aqui até o bebê nascer, Gisele – olhou para a amiga e estendeu a mão como convite para que ela se sentasse na cama. — Irei partir antes disso e preciso de sua ajuda.

— Sempre disse a você, minha amiga, que não devemos esmorecer diante das dificuldades, mas você está grávida, quase dando à luz... É perigoso tentar fugir neste estado.

— Se eu não fugir, vão me separar de minha filha – explicou, pegando a mão da amiga para trazer até seu ventre.

— Como sabe que é uma menina, Trice?

— Um dos índios me contou.

— Esteve com os selvagens?! – Gisele arregalou os olhos, mas não se surpreendia pelo que conhecia da filha do conde.

— Não são tão selvagens quanto dizem por aí e o que eu conheci era um mestiço. Sua avó era uma inglesa como nós e se casou com o rei deles. Estou decidida a viver com eles para proteger minha filha. Não há melhor lugar no mundo para uma criança do que ao lado de sua mãe.

— Mas e Anthony? – insistiu Gisele, tentando encontrar outra solução menos drástica do que ser acolhida por uma tribo nativa.

— Foi cegado pela ira, Gisele! Preferiu seguir meu pai e aceitar Paige Clark como esposa como se nada demais tivesse acontecido, esquecendo-se dos meses que vivemos como marido e mulher.

— Mas você o ama, Trice! Ou entendi errado? – Gisele estava confusa com a reviravolta e muito preocupada que a situação delicada da amiga acabasse respingando nela. Se descobrissem que também não era Mary Brown acabaria sendo enforcada e Beatrice pouco poderia fazer por ela.

— Eu o amo, mas no momento acho que o odeio mais. Sei que o que fiz não tem perdão e que usurpar a vida de outra mulher me faz uma pecadora, além de uma criminosa, mas me iludi em acreditar que Anthony pudesse me perdoar pelo amor que sentia por mim e pelo bebê – desabafou com sua melhor amiga e a angústia já não parecia tão sufocante. — Não posso retornar para Londres e me casar com o Duque de Kaiserburg.

— Ao menos não é mais um velho – lembrou-a Gisele.

— Depois de Anthony, como poderei aceitar outro homem como marido? E você sabe do que falo – olhou para as mãos unidas da amiga também pousadas na própria barriga. — Meu pai enlouqueceu ao acreditar que qualquer homem pode aceitar uma mulher arruinada por outro.

— Infelizmente sei do que fala. – Gisele sacudiu a cabeça concordando.

— Anthony não me quer porque está casado com Paige Clark, e não com Beatrice Lennox. Papai quer me separar de minha filha porque só pensa na honra da família. Não posso voltar para Londres e não posso ficar aqui. O que me resta a não ser aceitar a ajuda dos índios? – apertou a mão da amiga. — Preciso de sua ajuda, Gisele! Sabe que não sei cavalgar, mas preciso chegar até a enseada, onde os índios costumam atracar seus barcos.

— E se não for um bom plano? – perguntou temendo que a vida da amiga estivesse em risco se a ajudasse a colocar em ação plano tão arriscado. — Uma coisa é incentivá-la a vir para a América e se casar com um colono, outra bem diferente é apoiá-la a viver numa tribo de índios.

— Eles não irão me fazer mal. Poderiam já ter feito e não fizeram, porque acreditam que sou a mãe da próxima rainha – contou Beatrice. — Sei que irão proteger minha filha. Por favor, Gisele, tem que me ajudar.

— Não faço ideia de como, mas irei ajudá-la a fugir – prometeu. — Devo agradecer por não ter contado sobre mim ao seu pai. Precisamos tirá-la

daqui ainda hoje. Vou falar com o ferreiro para que a leve de carroça até seu destino. É o único que pode aceitar ter o silêncio pago. Mande tirar suas roupas do baú para começar a reformá-las a pedido do conde, mas de nada adiantou, pois vai partir logo.

— Não quero minhas roupas. Fique com elas e as reforme para usar quando se tornar esposa de Lawson. — Beatrice sorriu com a ideia.

— Não brinque com isso, Trice.

— Mas é uma possibilidade, não é?! Se puder arrumar algumas roupas de Felicity, agradeço. São mais confortáveis e se ajustam melhor ao meu corpo — olhou para os próprios pés, que estavam estendidos na cama e muito inchados. — Bem, espero que depois de dar à luz as roupas de Felicity continuem a servir.

— Não acreditei quando Lawson contou que a verdadeira Paige viajou com suas roupas.

— Pobre mulher. Não a julgo por querer usar o que era meu. Foi seu jeito de se vingar, como se isso pudesse me atingir — usou as mãos para demonstrar que não fazia caso daquilo. — Poderia ter ficado com todos os vestidos se tivesse me deixado Anthony. Precisava tê-la visto, Gisele, tão afrontosa em recuperar seu posto de esposa de fazendeiro. Será que ela será capaz de fazê-lo mais feliz do que eu? — perguntou amarga, desviando do olhar da amiga.

— Duvido que Anthony a esqueça — respondeu Gisele, aproximando-se novamente da cama para tentar convencê-la a ficar. Seria sua última tentativa. — Você poderia ficar mais alguns dias. Temo por sua vida e Anthony poderá voltar atrás quando perceber que a ama.

— Maggie disse que o bebê deve nascer na próxima mudança de lua e faltam poucos dias. — Beatrice acreditava na previsão de Maggie, porque a mulher tivera que passar por muitos partos. — Não posso arriscar.

— Vou organizar sua fuga, Trice. Por favor, tente comer para não desmaiar de novo. Lawson contou que quase matou todos de susto. — Gisele se despediu e partiu para deixar tudo pronto para a fuga da amiga. Teriam

que se separar e aquilo mexia com algo dentro dela, era como dizer adeus para a irmã que não tivera, mas que escolhera.

Beatrice tentou ocupar os pensamentos com outras coisas; e os sobrinhos de Lawson a ajudaram muito, entretendo-a com conversas divertidas e jogos. O pai não a procurou mais, para sua sorte, pois não pretendia se sentir culpada por ter que passar por cima de suas ordens uma segunda vez. Uma bacia de água quente foi trazida ao final da tarde para que pudesse se banhar, assim como um vestido que Felicity costumava usar quando estava grávida. Estava acabando de trançar os cabelos quando Gisele retornou para buscá-la.

— O ferreiro a aguarda nos fundos do terreno, logo depois do pomar, Trice. Tem que se apressar antes que Lawson retorne com o conde. Aquele homem não dá ponto sem nó e pensa que poderá fazer de seu pai um aliado. — Gisele revirou os olhos.

— Só um minuto – respondeu Beatrice. — Sinto-me tão pesada que não consigo me mover rápido – pegou a caixinha com o par de brincos que guardara para Gisele. — Tome – estendeu o braço quando a amiga a alcançou. — São meus brincos de pérolas. Guarde para uma emergência. Se precisar fugir porque a descobrirem, venda as pérolas e use o dinheiro para se manter.

— Mas e você? – Gisele abriu a caixinha e encheu os olhos de lágrimas.

— Não vou precisar de joias no meio do mato.

— Isso não está certo, Trice. – Gisele a abraçou. — Prometemos que ficaríamos juntas. Eu deveria ir com você.

— Está segura aqui por enquanto, mas se precisar fugir sem saber para onde ir, o ferreiro saberá para onde levá-la. Mas não vai precisar, terá mais sorte do que eu, Gisele. Não tem um pai como o meu, um conde obstinado em resgatar a filha, mesmo que custe sua felicidade.

— Ele a ama. É bem mais do que tive na vida de meu pai.

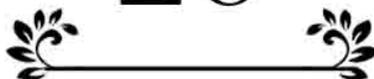
— Não pode aceitar qualquer sentimento como amor paterno porque não conheceu seu pai, Gisele. E jamais se esqueça de que uma dama não

recebe ordens, mas as dá sem titubear.

— Vou sentir saudade e morrer de preocupação.

— Não se preocupe à toa, querida. — Beatrice pegou as mãos de Gisele e as beijou. — Vou fugir para me tornar uma lenda e para que homens nunca voltem a decidir meu futuro.

20



Sempre alguma parte dos planos não saía como Beatrice esperava e o desespero quase a fizera procurar abrigo na casa de Maggie se não tivesse encontrado a tenda em que o índio a abrigara naquela tarde de tempestade. Saíra tão desesperada para fugir que se esqueceu de que poderia ser difícil encontrar Tennessee em meio à escuridão da floresta. Mas a julgar pelas peles espalhadas no chão, pelos gravetos que ainda queimavam numa fogueira improvisada, ele havia cumprido com a promessa de sempre esperá-la nas duas últimas noites antes da lua nova.

Ela havia conseguido chegar a tempo para partir com ele para sua tribo. Tennessee era um homem bom, um guerreiro poderoso, assim como seu nome sugeria.

— Finalmente chegou – Ele saiu de trás de uma moita e sorriu para Beatrice, que sentiu o corpo relaxar de alívio.

— Você estava certo. Preciso desesperadamente de ajuda – soltou, deixando-se ser conduzida até uma das peles.

— Você está bem? – perguntou o índio.

— Sinto algumas pontadas nas costas, mas acho que faz parte... – gemeu de dor. — Amanhã é lua nova e minha filha vai nascer.

— Vou colocar algumas peles no barco para que possa viajar deitada. É melhor partirmos com os primeiros raios de sol. Não podemos esperar, pois os brancos virão atrás de você. Alguns dos colonos sabem desta paragem. Troco sementes com eles aqui apesar do comércio entre nossos povos ser proibido desde o tratado. Mas não conseguirão chegar à tribo, pois a maioria deles acredita que os Powhatans foram dizimados e temem os peles vermelhas.

— Confio a minha vida e de minha menina a você e ao seu povo — olhou para ele. — Mas não vou mentir: estou com medo, pois dizem tantas coisas de vocês.

— Não somos maus, Mausí. — Beatrice relaxou ao ouvir o apelido com que ele sempre se referia a ela para lhe transmitir confiança e que significava flor sem pétalas.

— Nem me obrigarão a fazer o que não quero? — Aquele pensamento a perturbou durante todo o trajeto que percorreu em cima da carroça do ferreiro, de ter que fazer o que a tribo exigisse para que não a separassem de sua menina. Não poderia trocar uma imposição pela outra.

— Quem a obrigou a vir ao meu encontro pedir ajuda? — Tennessee a olhou com os cantos dos olhos pintados de negro, estava agachado para recolher as peles de castor e os pertences espalhados.

— Meu pai e meu marido — respondeu sem se dar conta de que Anthony não era seu marido, mas a força do hábito a fazia pensar daquele jeito.

— Isso explica que não sou eu quem quer seu mal — concluiu ele, permanecendo em silêncio dali por diante.

O coração de Beatrice estava dividido. E conforme as estrelas se moviam no céu para dar espaço para o alvorecer, a coragem cedia lugar para a incerteza de um futuro no meio do nada. Se ela havia se tornado Paige para viver entre os colonos na América, no meio dos nativos, teria que ser Mausí, a mãe de uma criança muito aguardada pelos Powhatans.

Mas o que uma mulher poderia fazer se ameaçassem separá-la da filha que já amava como parte do seu mundo? Ela daria um jeito de viver como

uma das mulheres da tribo e seria forte pela filha. Sim, ela poderia novamente adotar outra identidade desde que pudessem ficar a salvo daquele mundo injusto.

E mesmo assim, no fundo de sua alma, não queria pensar que talvez Anthony jamais pudesse reencontrá-la. Aquela esperança tola de que ele pudesse amá-la a ponto de perdoá-la para que tivessem uma segunda chance a fazia esmorecer diante de um futuro de salvação que os Powhatans ofereciam a ela.



Anthony não poderia imaginar que a vida pudesse se tornar um tormento da noite para o dia; e olhar para a mulher sentada à mesa como se fossem um casal de verdade lhe provocava náuseas.

Já era a segunda manhã depois da chegada da verdadeira Paige Clark a sua casa para tentar apagar as lembranças da impostora. Como se fosse possível tal façanha por parte de uma mulher comum e resignada com o que a vida lhe trouxera. Parecia também ser forte e trabalhadora, sabia lavar, passar e limpar a casa como ninguém. Mas não tinha os cabelos loiros e sedosos, nem os olhos verdes claros que ele tanto amava, não sorria quando acertava uma receita e nem arrumava a mesa com tanto melindre.

Era inevitável compará-la à impostora. Beatrice Lennox era como ela se chamava de verdade e precisava admitir que a imponência daquele nome combinava com ela bem mais do que Paige Clark. Quase sorriu ao lembrar que não queria ser chamada por nome tão comum enquanto estivessem fazendo amor.

Anthony não fazia ideia de como conseguiria seguir adiante sem ela, sem seu corpo quente enrolado ao seu todas as noites, sem seu sorriso cativante. Sentia-se injusto com a inglesa sentada na outra ponta da mesa, que se esforçava para agradá-lo. Talvez se seu coração não tivesse sido físgado por Beatrice, ele poderia tentar se afeiçoar a ela.

— Os ovos mexidos não ficaram ao seu gosto? – perguntou Paige, ansiosa para agradar o marido. Não havia viajado de tão longe para ser preterida daquela forma. Anthony mal falava com ela e preferia dormir no celeiro ao invés de dentro de casa. Tudo para evitá-la.

— Estão muito bons – respondeu, apressando-se para comê-los rapidamente e poder sair para o trabalho, esperando ocupar a mente que era perturbada por uma loira.

— Preciso aprender sobre o senhor. O que gosta de comer, como gosta que cuide de suas coisas... Também sei barbear – contou ela para distraí-lo com uma conversa banal.

Anthony percebeu que ela queria impressioná-lo ao enumerar todas as suas prendas e uma fígada atravessou o peito por não conseguir olhar para aquela mulher que havia sido escolhida para ser dele sem pensar em Beatrice. Paige era a mulher que a mãe consideraria perfeita, esforçada e com quem poderia sempre contar, mas ele não a amava, sequer sentia o desejo que sempre estivera presente entre ele e a filha do conde desde o dia em que a viu descendo a rampa do navio inglês que a trouxera para ele.

Beatrice não nascera para se tornar uma esposa de um fazendeiro na Virgínia. Era uma filha de conde e poderia ter o mundo aos seus pés, sem falar que poderia ter se tornado uma duquesa se não tivesse partido da Inglaterra no lugar de outra. Sua mãe lhe ensinara sobre a importância dos duques. Ainda custava a acreditar que se apaixonou pela filha de um cavalheiro que servia à Coroa Inglesa, dona até das terras em que os Baldwin plantavam tabaco esperando enriquecer.

— Posso me barbear sozinho – avisou, cortando-a de propósito.

— Tenho esperado pelo senhor à noite – tentou seduzi-lo, já que sua primeira tentativa de capturar sua atenção havia falhado. — Posso ajudá-lo a esquecer-la se me der oportunidade para isso. Não sou tão bonita quanto Lady Trice... É assim que os irmãos e amigos mais próximos a chamavam. — E foi só falar na impostora que ela conseguiu sua atenção. — Dificilmente existirá outra mulher tão bonita. Dizem que bons pretendentes não lhe faltaram e chegou a ser cortejada por muitos cavalheiros. Recusou alguns deles porque sempre foi muito mimada pela família e temo que seu gênio

afastou outros antes de um pedido formal de casamento, por isso o conde decidiu casá-la com um velho duque. Se me der uma chance, posso fazê-lo se apaixonar por mim, Anthony – tocou-o na mão. — A beleza de Lady Beatrice sempre teve os dias contados, mas a minha lealdade é para sempre. Não poderia ter sido feliz ao lado de uma mulher que é capaz de tudo para ter suas vontades atendidas. Ela me atingiu com um vaso na cabeça depois de ter falhado em suas tentativas de suborno. Não poderia ter traído a condessa...

— Cale-se! – Anthony levantou-se da mesa irritado. — Se você quer viver aqui, nunca volte a falar mal de Beatrice.

— O senhor ainda a defende? – Paige o olhou com os olhos enrugados, sentindo-se afrontada.

— Foi com você que me casei perante a lei, mas foi com ela que eu vivi quase um ano. E isso foi tempo suficiente para ter minha própria opinião sobre Beatrice Lennox – deixou claro, tomando a direção da porta para abri-la. Havia ouvido barulho de batidas. — O que faz aqui tão cedo, Lawson? – perguntou ao primo, alarmando-se com a possibilidade de o filho ter nascido. — Meu filho nasceu?

— Não, Anthony! É a impostora – tentou contar, mas não sabia como fazê-lo.

— O que tem Beatrice? – perguntou, sentindo-se mais leve por conseguir pronunciar o nome da inglesa. E ele gostou de sentir o coração se encher por apenas falar o nome dela.

— Ela sumiu. Mary a deixou descansando porque queria ficar sozinha e não a viu mais – explicou afoito. — O conde foi para Hampton pedir ajuda ao governador e eu vim para cá, acreditando que ela poderia procurá-lo.

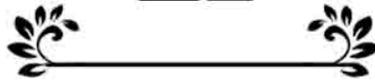
— Aqui ela não esteve, Lawson! – disse Anthony, sentando-se na soleira da porta para calçar as botas. — Mas ela pode ter ido até Maggie. Sabe o quanto ela gostava da mulher do Ward.

— Já estive lá – avisou o mais jovem dos Baldwin. — Não queria aborrecê-lo com esse assunto de novo. Anthony, ninguém a viu na vila dos colonos e homens já saíram para procurá-la a pedido de Maggie, que está

muito preocupada. Segundo ela, amanhã é lua nova e jura que o bebê vai nascer com a mudança da lua.

— Maggie sempre acerta nas previsões. Se ela diz que meu filho vai nascer, ele vai. Por Deus, onde aquela mulher foi se meter prestes a dar à luz? Se acontecer algo a ela e ao bebê...

— Não vai acontecer – garantiu Lawson. — Iremos encontrá-la.



Os próximos três dias foram de intensas buscas pelo rastro de Beatrice, apenas com descanso de poucas horas para comer e fazer pequenos cochilos. Anthony não conseguia sequer pregar o olho, sentindo que havia falhado com a mãe de seu filho. Evitava voltar para casa para não olhar para o rosto da mulher que devia ter sido sua esposa desde o início, lembrando-o de que seu aparecimento súbito o havia feito expulsar Beatrice de sua vida. Aquele sentimento de que cometera um erro o estava enlouquecendo.

— Tenho algo para o senhor, patrão. — Nelson Ward se aproximou com o chapéu puído em mãos, sentando-se ao lado de Anthony. — Dizem que tem um homem em Coreley que troca produtos por sementes com um Powhatan e é por essas bandas.

— Aqui nas minhas terras? — surpreendeu-se Anthony. — Desde o tratado de 32 todos sabem que o comércio com os índios foi proibido.

— As leis aqui não são fielmente cumpridas e o senhor sabe disso. Muitas vezes foram os índios que nos salvaram da fome — lembrou-o Ward. — Eles podem ter levado a patroa como faziam antigamente. Se ela veio por essas bandas, pode ter sido raptada pelos índios.

— Isso é uma péssima notícia. — Anthony quase praguejou. — Eles podem tê-la levado para qualquer canto rio acima e seriam muitos dias perdidos para rastreá-los.

— Esse homem de Coreley pode ajudar. Todo homem tem seu preço, patrão, e Maggie teve uma ideia. — Ward tirou de dentro do gibão puído o saquinho com as joias de Beatrice e mostrou para Anthony.

— As joias foram presentes de Beatrice para Maggie — disse ele, fazendo sinal com a mão de que não aceitaria as joias de volta.

— Ela ama aquela menina como filha — avisou o mais velho. — Sabe como é minha esposa — deu de ombros.

— Devolva as joias para Maggie. Tenho algumas economias que posso usar para comprar a informação de que precisamos — avisou, levantando-se para tratar logo de ir até Coreley e resolver aquela pendência ou acabaria louco de vez de tanta preocupação.

— Mais uma coisa, patrão! — Ward exigiu sua atenção. — Maggie acha que o senhor deveria aceitar a jovem lady como esposa.

— E o que faço com a moça que está lá na minha casa, a verdadeira Paige Clark? — perguntou. Anthony costumava ser um homem que dava conselhos para aqueles homens simples, não era o que recebia. Era visto por eles como o líder, mas ali, diante de um homem mais vivido, precisava ouvir o que ele teria a dizer a respeito da complicada situação em que o colocaram.

— Homens não faltam por aqui para se casarem com ela — deu de ombros. — O pai da lady não é um homem influente junto à companhia? É um desses cavalheiros do rei que de tempos e tempos aparecem por aqui, não?!

— Dizem que ainda mais importante e influente do que o governador. — Anthony bateu nas costas do amigo em agradecimento. Pensativo com o que acabara de ouvir, montou no cavalo para partir para Coreley sem perda de tempo. — Qual é o nome do homem que sabe como encontrar os Powhatans? — perguntou ele.

— Archie Windele, patrão! É o ferreiro de Coreley e todos o conhecem. Dizem que uma de suas antepassadas se casou com um dos

Powhatans e por isso eles mantêm contato até hoje. – Ward explicou sucintamente.

— Mantenha os homens em vigília – ordenou Anthony, usando as esporas para colocar o animal em marcha.

Num trote rápido, forçando o animal em seu limite, Anthony chegou antes do previsto em Coreley, onde encontrou Lawson e o Conde de Richmond reunidos e preocupados com o fracasso das buscas até então. Explicou rapidamente o que havia descoberto com Ward. Richmond se comprometeu a pagar pelas informações e a oferta que ele fez a Windele era impossível de ser recusada: terras para cultivo de tabaco, o sonho de qualquer colono na Virgínia.

Infelizmente as informações que conseguiram não passaram da indicação geográfica de onde ficava a enseada que os Powhatans usavam como porto desde que foram expulsos da região pelos soldados ingleses e obrigados a viverem escondidos em terras localizadas rio acima.

Mas para Anthony bastava aquilo, porque estava disposto a ir até o inferno para encontrar Beatrice e o filho, que ele esperava ter nascido forte e saudável. A raiva que sentia pelo despeito de ter sido enganado era substituída pela urgência de tê-la nos braços, de beijá-la mais uma vez e quantas vezes pudesse. Não poderia mais negar que a amava e que sua vida se tornava um vazio quando não a tinha por perto, sempre sorrindo e o agradando de tantas maneiras que quase chorou por ter se deixado cegar a ponto de acreditar que poderia substituí-la por outra; e tudo porque acreditava que uma palavra deveria ser honrada custasse o que custasse. Bastou Beatrice subir naquela maldita carruagem elegante para que a honra passasse a ser questionada ou mesmo ser considerada sob uma nova perspectiva: o amor.

— Vai para onde? – Lawson perguntou.

— Vou subir o rio e procurar por ela – disse decidido.

— Não pode ir sozinho, Anthony! Não conhecemos direito aquelas bandas e está cheia de perigos. Irei com você – avisou o mais novo dos Baldwin.

— Não! Você deve ficar aqui com Mary e com as crianças. Se não voltar, você deve assumir a fazenda Lady Trice.

— Acho que não o entendi – disse Lawson enquanto Mary se colocava ao lado dele com os olhos marejados. — Você deu um nome para a fazenda?

— Sim! – confirmou Anthony. — Se eu não voltar, deve chamar a fazenda dos Baldwin de Lady Trice.

Mary secou uma lágrima e juntou a mão a de Lawson.

— Vamos cumprir sua vontade, Anthony! – prometeu a inglesa. — A fazenda se chama a partir de agora Lady Trice. É um lindo nome para o lugar que Beatrice tanto amava.

— Eu vou com você, meu jovem – interrompeu-os o Conde de Richmond.

— Milorde não precisa se arriscar. – Anthony tentou dispensar a ajuda, temendo ser responsabilizado pela Coroa por não proteger um de seus cavalheiros.

— É minha filha e não tente me impedir, Baldwin – avisou-o, determinado a recuperar a filha das garras de selvagens.

— Desde que milorde não a obrigue a se casar com quem não deseja, aceito que me acompanhe – deixou claro.

Beatrice poderia não o perdoar por tê-la abandonado quando mais precisava dele, mas não deixaria que o pai a obrigasse a viver com quem não queria. Devia isso a ela e ao filho. Ela enfrentou tantos perigos porque havia acreditado que a América era a liberdade tão almejada e ele garantiria que fosse livre para escolher seu destino.



Assim que chegaram na fazenda, Anthony fizera questão de deixar as coisas claras com Paige, avisando-a de que não pretendia levar adiante

aquele acerto que haviam feito com o Conde de Richmond, mas que não a deixaria desamparada. Maggie se comprometera em cuidar da inglesa até que o patrão retornasse. Ward o acompanhou para servir de guia por conhecer a região melhor do que ninguém e o conde levava dois homens da guarda do governador como reforço caso fossem atacados.

Não perderam tempo para se embrenhar rio adentro e localizar o porto dos índios, preferindo o caminho por água. Não foi difícil encontrar o local indicado por Windele. E antes que o sol se pusesse no horizonte, conseguiram avançar na viagem dentro de canoas que Anthony e seus empregados costumavam usar para pescar. Até o conde ajudou a remar para que pudessem avançar, mas eles sabiam que estavam viajando sem rumo e não podiam arriscar quando escurecesse; por essa razão, preferiram montar acampamento numa clareira que Anthony conseguiu enxergar quando ficou em pé no barco. Ward conseguiu pescar e depois de limpar os peixes os assou na fogueira que Anthony acendeu, que também servia para iluminar a escuridão.

— Por que milorde a obrigou a se casar com um velho? — Anthony falou do nada, interrompendo o silêncio entre os cinco homens que comiam ao redor da fogueira.

— Você não entenderia — respondeu o conde, com a aparência cansada depois de mais um longo e exaustivo dia de buscas.

— Por que não? Por que sou um simples colono que mal sabe escrever o próprio nome? Ou por que simplesmente não tem como justificar o que fez com sua filha? — desafiou-o Anthony.

— Eu tentei protegê-la da vontade do rei, meu jovem, que fique claro! Entre os nobres, são os homens que decidem o futuro das mulheres. Mas pensei que por ter tido quatro herdeiros e todos já comprometidos com damas de famílias influentes como os Lennox, poderia conceder à minha caçula, minha única filha, o que foi negado a mim e sua mãe, que se casasse com quem lhe agradasse — contou o conde. — Mas Beatrice sempre foi obstinada em querer as coisas do jeito dela e afastou cavalheiros, vários deles, até chamar a atenção do rei.

— Milorde quer dizer que foi o rei quem decidiu casá-la com um velho? – insistiu Anthony perplexo.

— De certa forma, sim – sacudiu a cabeça. — O Duque de Kaiserburg é um homem rico, um estrangeiro que precisava de um herdeiro e nada melhor do que uma inglesa ser a mãe do próximo duque.

— Mas por que Beatrice? – perguntou confuso, tentando compreender cada melindre daquela história fantástica que o inglês lhe contava. Ward também parecia interessado na conversa.

— Os Lennox sempre foram homens de confiança da Coroa, mas não foi somente isso que fez com que Charles exigisse que Beatrice se casasse com o Duque de Kaiserburg. Os Lennox são muito férteis, o que garantiu proles saudáveis ao longo dos séculos. A esperança do rei era de que Beatrice engravidasse rapidamente. Seria uma aposta arriscada e temia que ela pudesse decepcioná-lo – confessou, abrindo-se para aquele grupo de homens rudes que o cercavam, mas que aparentemente haviam se apegado à Beatrice.

— Mesmo assim a obrigou ao casamento – disse amargo, acreditando que o título daquele homem não o fazia mais nobre em caráter do que qualquer colono da Virgínia.

— Ela não teria decepcionado, pois é uma Lennox – falou orgulhoso. — Nem um ano em sua cama e já lhe deu um filho – constatou rancoroso. — Um filho que deveria ter sido do Duque de Kaiserburg.

— Um velho que mal conseguia parar em pé? – zombou Anthony. — Sinto contrariá-lo, milorde, mas meu vigor foi decisivo para engravidá-la – gabou-se de propósito.

— Kaiserburg morreu e seu sobrinho mais velho assumiu o título e as propriedades – prosseguiu Richmond, um aviso de que um homem tão jovem e viril aguardava Beatrice do outro lado do mundo.

— Por isso insiste em levá-la de volta para a Inglaterra? Para prendê-la a um homem que ela não ama? – afirmou Anthony, começando a cansar daquela conversa. — Deve existir outra dama disposta a fazer esse sacrifício

pelo seu rei – sugeriu, enciumado ao imaginar sua mulher sendo possuída por outro.

— Não posso deixá-la aqui sozinha e desamparada. O senhor é casado. Como poderá protegê-la? Ela precisa voltar. E voltando terá que se casar com o Duque de Kaiserburg.

— Não, não sou casado. Aquele casamento foi um engano e não pode ser considerado válido se eu alegar que sua filha mentiu sobre sua identidade – jogou um pedaço de peixe na fogueira em sinal de irritação. Estava começando a perder a paciência e a fome o abandonara. — Não estudei com os melhores tutores de Londres, mas conheço meus direitos – advertiu. — Foi com sua filha que me casei e é com quem pretendo permanecer casado – disse alto para que Ward e o soldado o ouvissem. — Não importa o que o rei vai pensar ou fazer, nem se milorde vai usar sua influência para acabar com minha vida, se Beatrice me aceitar de volta, eu jamais a deixarei partir. Mas se ela não me aceitar de volta, não deixarei que a leve contra a vontade, nem que a separe de nosso filho. Precisa entender, milorde, que eu e o senhor a assustamos e a colocamos em perigo por não a ouvir – esclareceu, assumindo sua culpa na fuga de Beatrice, levantando-se para ir procurar qualquer canto onde não precisasse mais olhar para a cara daquele homem pomposo.

— Eu a amo – disse alto o conde. — É minha filha mais querida e farei qualquer coisa para que seja feliz.

— Veremos, milorde! Veremos o que está disposto a sacrificar para fazer sua filha feliz, porque eu sou capaz de morrer por Beatrice – deu as costas ao conde, encerrando definitivamente a conversa.



No alvorecer do dia seguinte a pequena e excêntrica tropa de resgate começou a remar cedo em direção ao oeste, sempre com os ouvidos atentos a qualquer ruído e com os olhos bem abertos na expectativa de avistar qualquer vestígio de presença humana. Conforme avançavam, a mata se tornava mais densa e o calor do sol a pino era mais um obstáculo a ser vencido para que não acabassem sucumbindo antes de alcançarem o objetivo de encontrar Beatrice.

— Se a encontrarmos com vida e ela o escolher, não a obrigarei a retornar para Londres – disse Richmond para Anthony quando desembarcou da canoa para um rápido descanso. — Mas se ela não o quiser, terá que me prometer que não a incentivará a ficar.

— Com milorde não pretendo fazer qualquer aliança sem antes ouvir sua filha – avisou o fazendeiro. — Cometi um equívoco ao me deixar influenciar quando recebi milorde e a verdadeira Paige Clark em minha casa, mas não pretendo voltar a falhar com Beatrice.

Os cinco homens se separaram para buscar um lugar mais reservado para se aliviarem e isso acabou servindo de armadilha para que mais de dez índios os rendessem rapidamente, amarrando-os uns aos outros, além de vendá-los e amordaçá-los. Não poderiam tentar qualquer coisa ou acabariam

todos mortos num piscar de olhos. Até o Conde de Richmond evitou tecer qualquer comentário ou dar ordens aos soldados que estavam sob seu comando naquela missão que muitos poderiam considerar suicida.

Foram levados para a aldeia deles e amarrados em pares, de modo que um ficasse sentado de costas para o outro.

— O que fazem tão distantes das terras de vocês? – perguntou um deles ao se aproximar; e ao que parece ele conhecia a língua dos ingleses muito bem. Anthony julgou se tratar do índio que mantinha contato com o ferreiro de Coreley.

— Vocês capturaram minha esposa – disse Anthony assim que lhe tiraram a mordaca.

— Não costumamos raptar mulheres brancas sem motivo e não temos um faz décadas – respondeu o índio, referindo-se à época em que sequestravam colonos para servirem de reféns e, na maioria das vezes, como retaliação por terem prendido ou matado gente de seu povo.

— Negam que trouxeram Beatrice Lennox para cá? – Anthony insistiu.

— O que quer com ela?

— Quero saber se está bem e se meu filho nasceu – respondeu com sinceridade, sabendo que os Powhatans eram justos e sempre esperavam a verdade como retribuição.

— Sim, ela está entre nós e deu à luz na noite de lua nova. Não a raptamos, como deram a entender. Foi ela quem nos procurou.

— Qual seu nome? – perguntou Anthony.

— Tennessee.

— Significa guerreiro poderoso – lembrou-se Anthony das histórias que os mais antigos contavam sobre os Powhatans na época em que uma de suas princesas se casou com o colono John Rolfe. Diziam que outros casamentos do tipo aconteceram e a julgar pela fisionomia de Tennessee, ele era um dos mestiços que haviam se perdido no tempo para se tornarem lendas repassadas de boca em boca pelos populares. — Prometemos partir

em paz depois de conversar com a mulher branca. Não queremos briga ou prejudicá-los. Viemos em paz.

Tennessee se aproximou dos outros índios e começaram a discutir na língua deles, sempre com os olhos atentos no grupo de homens sentados no chão.

— Se Mausí concordar, poderá vê-la – disse Tennessee ao olhar para Anthony, que estranhou a forma com que chamavam Beatrice.

O mestiço Tennessee retornara minutos depois, pedindo que cortassem as cordas de cipó dos punhos e tornozelos de Anthony, fazendo sinal para que o acompanhasse até uma tenda do outro lado da pequena aldeia em que viviam aqueles últimos descendentes dos Powhatans.

— Por que a chama de Mausí? – Anthony encarou o índio parado a sua frente com ciúme.

— Na minha língua significa flor sem pétalas. Beatrice é tão bela quanto uma flor que desabrocha no final do inverno para anunciar vida nova – explicou Tennessee apenas para inflamar o ciúme que já queimava a alma de Anthony. — Ela o aguarda dentro da tenda – afastou o tecido rústico que servia de porta para dar passagem ao fazendeiro.

Os olhos de Anthony demoraram um pouco para se ajustar à falta de luz dentro da tenda e acabou sendo atraído pela cascata de cabelos loiros. Era ela, ali, em pé, e a poucos metros de distância dele. Beatrice estava com os cabelos soltos e usava um dos vestidos de Felicity.

— Olá, Anthony! – cumprimentou-o. Foi um cumprimento tímido, que revelava certo acanhamento por não saber ao certo quais eram suas intenções com ela.

— Não tenha medo – apressou-se para contar que não queria lhe causar mal, nem fazer qualquer exigência. — Meu Deus, mulher! Nunca me senti tão preocupado na vida. – Anthony começou a se mover em direção da inglesa com os olhos marejados, confuso com a tormenta de sentimentos que o envolvia naquele momento. Estava aliviado, mas também sentia remorso por tê-la obrigado a se arriscar para ficar ao lado do bebê.

— Só quero viver em paz com meus filhos – disse ela. — Não quero voltar para Londres e ter que me casar com outro homem e ser obrigada a esquecer a vida que tive ao seu lado. Prefiro que me deixem aqui com os Powhatans e esqueçam que existiu uma Beatrice Lennox. Posso me acostumar com essa vida, é uma mentira que eu posso construir para o bem dos meus filhos, mas não posso viver como Duquesa de Kaiserburg. Você pode não me entender, Anthony, mas aquela vida não me fazia feliz, apesar de acreditar que eu era... Vivia sufocada por regras tolas, aprisionada em um palácio de ilusões. Não leve de mim os filhos que me deu, eu imploro! – disse ela. — Você poderá ter outros filhos com a verdadeira Paige Clark, deixe os nossos comigo.

— Por que viver aqui se pode viver comigo na fazenda? – Anthony estava tão próximo dela que bastava estender a mão para tocar em seus cabelos, para puxá-la para dentro de seus braços e perder-se no mais inebriante sabor. Beatrice era seu pecado, sua ruína e não estava mais disposto a lutar contra o amor que sentia por ela, por mais inapropriado que fosse, por mais que precisasse brigar com o mundo para poder ficar com ela.

— Eu o enganei ao me passar por outra mulher e não o culpo por não conseguir me perdoar – disse ela, dando alguns passos para trás para fugir dele, mas foi impedida pelos braços masculinos quando a enlaçou pela cintura. — Além de ser uma impostora, recebi educação para me tornar uma dama da corte, nunca serei a esposa que precisa para administrar uma fazenda.

— Não poderia existir outra mais corajosa e obstinada a ser livre do que Beatrice Lennox – sorriu para ela. — Mais linda e sedutora, perfeita para ser minha esposa. Você tem a alma das primeiras colonas que aceitaram deixar a Inglaterra para se tornarem livres na América.

— Anthony, não brinque com meus sentimentos – pediu ela. — Estou cansada de fugir...

— Não quero que fuja mais, Beatrice Lennox – afirmou ele. — Devo pedir a você perdão por obrigá-la a buscar ajuda com os selvagens – ajoelhou-se diante dela. — Meu comportamento a deixou sem opções e tenho uma dívida eterna com os Powhatans.

— Os Powhatans não são selvagens, Anthony – corrigiu-o. — São mulheres e homens bons que me acolheram e que me aceitam como sou. Olhe para mim – girou na frente dele, levantando a saia do vestido. — Não se importam se eu me visto como uma colona ou como uma dama inglesa, apenas me aceitam como se eu fosse uma deles porque não lhes importa a cor da pele ou a riqueza que tenho ou deixo de ter.

— Você trouxe as roupas de Felicity – disse ele, sorrindo ao lembrar-se do quanto ficava linda com as roupas coloridas que podia usar como filha de conde.

— São bonitas e mais confortáveis – contou ela.

— E suas roupas? As que seu pai trouxe de Londres? – quis ele saber.

— Ficaram com Mary. Eu amava aquelas roupas, Anthony. Não pense que não gostava de viver como a filha de um conde rico, cercada de luxo e vestidos caros. Era como se eu fosse uma princesa em um reino encantado. Mas foi com você que aprendi que para ser feliz não preciso nada daquilo. Só preciso de você para ser feliz.

— De preferência sem qualquer roupa entre nós – disse provocativo, arqueando o lábio em um sorriso maroto. Beatrice sentiu o calor se espalhar pelo corpo ao lembrar das noites de paixão que passara nos braços de Anthony, seu fazendeiro. — Você não é a noiva que eu esperava, admito! Mas é a que o meu coração escolheu. Eu amo você, Beatrice Lennox. Amo a Beatrice e a quero para sempre. Se conseguir me perdoar, claro.

— Ah, Anthony! – Beatrice se ajoelhou diante dele e jogou-se em seus braços. — Tive tanto medo de viver sem você, de que pudesse me esquecer. Eu também o amo, nunca escondi que me apaixonei perdidamente por você.

— Não mereço seu perdão, Trice! – Beatrice sorriu ao ouvir seu apelido preferido na boca de seu amor. — Tantas coisas passaram pela minha cabeça quando descobri que não era Paige Clark que só consegui perceber que ninguém poderia ocupar seu lugar em minha vida quando não era você que estava me esperando depois de um longo dia de trabalho. Era você que eu queria, era você que eu buscava, era você que eu deveria beijar todas as noites e todas as manhãs. É você, Beatrice Lennox, quem eu quero

como esposa – rodeou o rosto dela com as mãos e beijou-a com saudade e alívio.

— Se você conseguiu me perdoar por ter causado tantos transtornos ao me passar por outra mulher a ponto de me aceitar como Beatrice, posso perdoar você. Eu fiquei magoada, Anthony, mas entendo que descobrir a verdade daquele jeito o deixou confuso. Cometi um erro, embora não me arrependa das decisões que tomei, porque elas me trouxeram até você e fizeram você vir nos buscar. Se tivesse aceitado as ordens de papai, ele teria me levado de volta para Londres e talvez não tivéssemos uma segunda chance.

— Eu a amo ainda mais por isso, por ser rebelde e não aceitar as coisas que não a agradam, por lutar por aquilo que considera justo – confessou ele.

— Só um pouco. – Beatrice se levantou e foi para perto de uma pilha de peles, de onde voltou com um bebê no colo. — Aqui está Daisy, sua filha mais velha. Pegue-a, Anthony! Ela é pequena, mas não quebra – entregou a criança para o pai, que ficou encantado com a penugem loira que saltava de sua cabecinha, bocejando lindamente.

— Ela se parece com você – comentou Anthony. — E você deu a ela o nome de minha mãe.

— Queria que ela tivesse algo de seu pai com ela – explicou, afastando-se novamente. — Não esconderia nunca dela suas origens.

— O que tem aí? – perguntou Anthony quando ergueu a cabeça e percebeu que Beatrice voltava trazendo algo consigo.

— Seu filho mais novo, Anthony! Este é Edmund e nasceu dez minutos depois de sua irmã Daisy – contou com os olhos marejados. — Dei a ele o nome do meu pai para que também tivesse uma história para contar a ele quando fosse mais velho.

— Você deu à luz a gêmeos? – Ela concordou com a cabeça.

— Por isso eu estava tão grande – acabou rindo. — Eles nasceram pequenos, mas fortes e saudáveis, talvez tenham herdado o vigor dos Baldwin.

— E a determinação dos Lennox – completou Anthony. — O conde vai ficar orgulhoso. Seu pai está lá fora com o marido de Maggie e mais dois soldados do governador – contou. O sorriso abandonou as feições de Beatrice. — Não, não tema, meu amor! Seu pai prometeu que respeitará sua decisão e não a obrigará a partir para que se case com o duque. Não sei bem como vamos fazer para resolver tantos problemas e impedimentos que nos cercam, Trice. Talvez nunca possamos nos casar de verdade e nossos filhos não sejam considerados legítimos, mas eu não me importo em viver à margem da lei desde que seja para ficar com vocês.

— Eu amo você, Anthony Baldwin – confessou Beatrice. — Aceito ter a vida que me oferece. É tudo que sempre quis.

— Vem cá! – estendeu a mão para acolher sua mulher, a verdadeira, sem mentiras entre eles, e ficaram ali olhando para os dois rostinhos que representavam o amor que um sentia pelo outro e o começo de uma vida em um mundo novo. Daisy e Edmund poderiam não ter um sobrenome poderoso que os cercasse de privilégios, mas seriam protegidos pelo amor que seus pais sentiam por eles.

Epílogo

Quase cinco anos depois.

Beatrice estava sentada na cadeira de balanço olhando para os filhos que brincavam numa cacofonia de gritos quase ensurdecedores enquanto acariciava a barriga de quase nove meses. Ela e Anthony estavam à espera de mais um bebê. Já tinham os gêmeos e aguardavam ansiosos pela chegada de mais um. Sorriu ao pensar que havia conseguido atender o marido em seu desejo de uma prole numerosa. Mas não pretendiam parar, nem queriam, já que a paixão entre eles não ameaçava esfriar.

Se parasse para refletir sobre seus últimos anos sempre acabava emocionada. De uma impostora, tornara-se a mulher mais feliz do mundo, satisfeita com a vida simples que levava na casa que construíram quase às margens do rio, onde costumava nadar com o marido e as crianças nas tardes quentes de divertidos verões. Havia perdido o medo de montar graças a Anthony. E com o dinheiro do dote, conseguiram capital suficiente para colocar em prática o negócio das galinhas, no qual Maggie era sua sócia e agora vivia confortavelmente na antiga sede com a família. Também contrataram mais empregados e se empenharam em melhorar as moradias dos colonos, pagando-os de acordo com o que trabalhavam, diferentemente

dos demais fazendeiros que estavam cada vez mais utilizando mão de obra escravizada para prosperar. Até Paige Clark vivia feliz casada com um dos colonos.

— Teremos uma boa colheita este ano? – perguntou quando o marido se sentou ao lado dela no chão, encostando a cabeça em seu colo.

— Será uma grande colheita – respondeu ele. — A colheita de milho vai render mais do que a de tabaco e nossos filhos correm o risco de ficarem mais ricos do que nós – contou ao se referir à parte das terras que o Conde de Richmond conseguira para os netos depois de uma longa negociação com a Companhia de Londres. Sua influência junto à Coroa Inglesa também fora decisiva para que as colheitas fossem negociadas com uma alta margem de lucro.

— Meu pai sempre teve ótimos palpites para os negócios, Anthony.

— Percebi isso quando fui obrigado a aceitar suas condições, meu amor – revirou os olhos, lembrando do dia em que Beatrice exigiu que o pai desse um jeito de tornar o casamento dos dois possível. Rapidamente o conde conseguiu substituir o nome de Paige Clark por Beatrice Alexandra Lennox no livro de casamento da Igreja de Hampton. Em contrapartida, exigiu que os netos fossem registrados como Lennox-Baldwin. A própria Beatrice passou a usar o mesmo sobrenome dos filhos para que uma nova dinastia se iniciasse naquelas terras recém-povoadas. E representava muito bem a Coroa com seus impecáveis vestidos de seda e tafetá, tornando-se referência de elegância para muitas mulheres da região.

— O acordo foi justo se levarmos em consideração a segurança de nossos filhos – lembrou-o Beatrice, acariciando os cabelos do marido. — Nossos filhos terão orgulho de quem são.

— Teria me tornado um Lennox se este fosse o preço para protegê-los, Trice – esclareceu Anthony, girando a cabeça para encontrar os olhos verdes da esposa que tanto mexiam com sua libido. — Teria vivido com vocês até na Tribo dos Powhatans.

— Graças às sementes e às técnicas de cultivo dos Powhatans nossas plantações de milho rendem o dobro e podemos exportar para toda a Europa.

— E como vão seus esforços para registrar a cultura deles? — perguntou Anthony interessado. Era um incentivador de Beatrice naquela missão de contar ao mundo que os indígenas não eram selvagens e que os europeus tinham muito o que aprender com eles.

— Vão muito bem! — disse ela sorridente. — Tennessee tem sido um bom colaborador. — Anthony enrugou a testa. — Sei que implica com o pobre por ele ficar dizendo que vai esperar Daisy crescer para pedi-la em casamento.

— Ele fala com tanta certeza de que vai se casar com minha filha — reclamou Anthony. — Como se Daisy algum dia fosse aceitar se casar com um homem tão velho.

— Eles têm apenas quinze anos de diferença, pouco mais dos anos que nos separam em idade. Sem falar que Tennessee acredita nisso como parte das crenças de seu povo. E o destino pertence a Deus e não às vontades de um pai ciumento como você, Anthony. Reclama de meu pai, mas ao se tratar de Daisy se comporta como ele.

— Não sou igual ao conde — discordou com veemência.

— De fato em muitas coisas não é, mas em relação à Daisy, é sim igual ao meu pai. Você e Lawson são muito ciumentos com as mulheres Baldwin — riu Beatrice, beijando a testa do marido.

— Falando em meu primo, logo devem chegar para passar a Ação de Graças conosco.

— Estou com saudade de minha amiga.

— Quem diria que noivas por acaso pudessem nos trazer felicidade e prosperidade — constatou Anthony, levantando-se para acompanhar a esposa até dentro de casa logo após beijar sua barriga.

— A história deles é tão inspiradora quanto à nossa. — Beatrice ergueu a cabeça para beijar o marido.

Os Baldwin sabiam, cada qual à sua maneira, que acabaram tornando-se lendas daquelas terras. Sabiam também que todos um dia ainda contariam

a história da impostora e da farsante: duas mulheres que ousaram conquistar os corações de homens simples para serem livres para sempre.

Nota da autora

É sempre um privilégio escrever para o selo *Damas do Romance*, além de um grande dever receber protagonistas tão especiais para recontar parte da história do mundo sob o ponto de vista feminino.

Essa é, sem dúvidas, a essência do *Damas do Romance*, com histórias que cativam tanto a leitora.

Um dos temas mais interessantes e que tanto desperta minha curiosidade é a formação das grandes nações. Como desbravadores tiveram coragem de atravessar fronteiras desconhecidas para construir um novo mundo? A América coleciona muitas dessas histórias, cada qual a sua maneira, repleta de lendas e curiosidades. E foi a partir da leitura de um artigo sobre as primeiras inglesas que chegaram em solo americano para se casarem com os primeiros colonizadores e de um debate acalorado e apaixonante que surgiram as ideias para os enredos de *Noivas por Acaso*.

Sim, querida leitora, no início do século XVII mulheres inglesas tinham suas passagens pagas para viajar em um navio que levava cidadãos de seus países de origem até as colônias britânicas na América para que se casassem com eles. Os casamentos eram incentivados pela Coroa como uma forma de civilizar e povoar a região. Pouco se sabe sobre o papel da mulher nos primórdios da colonização na América do Norte e muito se tem

teorizado a respeito, mas o que chegou até nós em pleno século XXI se deve mais aos registros feitos por homens do que por mulheres, o que aguça muito nossa imaginação.

Durante a construção dos enredos nos perguntávamos como essas mulheres teriam vivido, o que esperavam do novo mundo e o que precisaram fazer para se adaptar ao clima e à geografia que eram tão diferentes de seu país de origem. Dentre pesquisas e muitas leituras, algumas respostas foram encontradas e serviram de subsídio para a construção das personagens; outras vezes confiamos em nossa criatividade para trazer magia às histórias e dar à Beatrice e Gisele um final feliz.

Noivas por Acaso foi beber dos acontecimentos históricos, mas sem a pretensão de ser fidedigna à história, transformando fatos em romance para arrancar suspiros de nossas leitoras. Hampton realmente existiu e ainda existe, servindo de ponto de partida para a construção da cidade fictícia de Coreley. Os Powhatans tiveram papel relevante na história norte-americana, mas infelizmente pouco se sabe deles por terem sido praticamente exterminados ao longo dos anos. Contam que muitos dos Powhatans se uniram aos ingleses por meio de diversos casamentos, sendo o mais conhecido o de John Rolfe com Pocahontas. O filho deles, Thomas Rolfe, é considerado o ancestral dos primeiros americanos nascidos na Virgínia, Estado assim chamado em homenagem à Rainha Elizabeth I, que ficou conhecida na história como a Rainha Virgem, por não ter se casado.

Já quanto ao tópico escravidão, a utilização da mão de obra africana vai se tornando mais comum à medida que a chegada de europeus diminui e as fazendas, principalmente de tabaco, vão se solidificando como um dos setores que mais contribuíram para o desenvolvimento das Colônias do Sul. A escravatura persiste por séculos até desembocar na Guerra da Secessão, na segunda metade do século XIX, cuja vitória dos nortistas sobre os sulistas implicou na sua abolição.

E foi com base em tantos fatos interessantes e em uma vontade imensa de contar as histórias de duas mulheres com espírito desbravador, que não queriam se dobrar às exigências de um mundo dominado por ideias masculinas, que apresentamos a você a duologia *Noivas por Acaso*.

Com carinho,

Diane Bergher.

A I M P O S T O R A

Agradecimentos

Agradeço a você, querida leitora, que tem sido o principal motivo para me manter no caminho de contadora de histórias. Sem você nada disso seria possível.

Agradeço à minha generosa família, que acreditou em meus sonhos e com seu apoio incondicional me deu forças e esperanças para acreditar que os sonhos valem a pena.

Agradeço ao meu esposo, companheiro de duas décadas, com quem eu divido planos e ideias de enredos que só parecem se multiplicar em minha mente.

Agradeço ao meu filho Augusto pelos dias em que não estive ao seu lado a fim de concluir mais uma história e pelo orgulho que sente de sua mãe ao me apresentar como escritora.

Agradeço às queridas Laizy Shayne, Julia Lollo e Camille Chiquetti, profissionais habilidosas e dedicadas, trazendo primor às minhas histórias.

Agradeço à talentosa Flávia Padula, minha parceira de projeto e estimada amiga, por me ouvir e me confortar em momentos de dúvidas e inseguranças, pela generosidade em compartilhar comigo suas experiências e, acima de tudo, pela amizade que me ofereceu. Nossa sintonia criativa

perpassa espaço e tempo e nos faz compreender que alguns encontros são obras do destino para uma missão maior.

E, por fim, agradeço a Deus pela graça de ter a chance de espalhar amor em forma de palavras, tocando corações mundo afora.

A I M P O S T O R A

Outras obras

Leia também o outro livro da Duologia *Noivas por Acaso*:



A Farsante

Sinopse

Gisele Austin precisa fugir de Londres o mais depressa possível ou será presa por ter cometido um assassinato e provavelmente enforcada. Ela foge para o porto disposta a pedir a um homem para lhe comprar uma passagem para qualquer lugar, o importante era partir no primeiro navio que tivesse.

Contudo, seu caminho cruza com o de Mary Brown, uma jovem que está prestes a embarcar no navio Elizabeth I, que está levando as noivas para os homens das Treze colônias. De repente, Gisele se vê tomando a identidade de outra pessoa e entrando em um navio para atravessar o oceano sem saber o que realmente à espera do outro lado, a não ser um marido.

Lawson Baldwin sempre foi um solteiro convicto, mas de todas as surpresas da vida a maior foi se apaixonar pela noiva de seu cunhado. Mary Brown não era apenas bonita, ela era encantadora e forte, e possuía um coração ímpar. Como Lawson vai sobreviver diante dessa paixão proibida que parece crescer em seu peito?



Os Irmãos Gallagher

Disponíveis na Amazon!

Caçada de Mestre – [Clique aqui!](#)

Jogada de Mestre – [Clique aqui!](#)

Escolha de Mestre – [Clique aqui!](#)

Sinopse:

Burke Gallagher é um irlandês que partiu rumo aos Estados Unidos com apenas dez dólares no bolso e se tornou o dono da maior cervejaria do país, a Cervejaria Gallagher, ficando conhecido no mundo todo pelo excelente produto e por sua perspicácia nos negócios.

Preocupado com o futuro de seus três filhos, decide dar um basta nas suas vidas boas e lhes dá uma ordem: cada um teria que partir para o Oeste com apenas dez dólares no bolso e quem conseguisse ser mais bem-sucedido, no prazo de um ano, ficaria com a fábrica de cerveja. Os irmãos então partem dispostos a vencer o desafio e viverem suas próprias aventuras.



As Irmãs Winter

Disponíveis na Amazon!

O Destino de Sarah, Flávia Padula – [Clique aqui!](#)

O Acaso de Delilah, Silvana Barbosa – [Clique aqui!](#)

A Aventura de Barbarah, Diane Bergher – [Clique aqui!](#)

Sinopse

Ao ficar viúvo John Winter decide se livrar das filhas e as vende em Londres para cavalheiros que não se importam em comprar uma esposa. Solteiras e em idade para casar, as três senhoritas veem seus caminhos mudados para sempre. Sarah é vendida a um fazendeiro americano. Delilah é comprada por um mercador indiano. E Barbarah parte ao encontro do dono de uma misteriosa propriedade na Cornualha.



Mulheres Apaixonadas

Disponíveis na Amazon!

Fascínio, Diane Bergher – [Clique aqui!](#)

Desejo, Flávia Padula – [Clique aqui!](#)

Paixão, Diane Bergher & Flávia Padula – [Clique aqui!](#)

Sinopse:

Ashworth Handeston tornou-se, aos trinta e cinco anos, um dos homens mais ricos da Inglaterra investindo na indústria têxtil. Infelizmente, Ashworth não pôde se casar com a mulher que amou em segredo, Ondine Cohen, sua governanta, e se uniu a uma rica herdeira escocesa, Jessamy Heylock. Contudo, o coração daquele homem sedutor não se conteve apenas com aquelas mulheres, ele conquistou o coração e a devoção de Amabel Kershaw, uma jovem londrina que abandonou tudo para tornar-se sua amante ao norte do país. No final de uma tarde fatídica, parte da fábrica sofre um incêndio e Ashworth e mais alguns empregados morrem queimados.

Três mulheres presas a um homem sem coração, livres para guiar seus próprios destinos.



Mulheres de Honra

Disponíveis na Amazon!

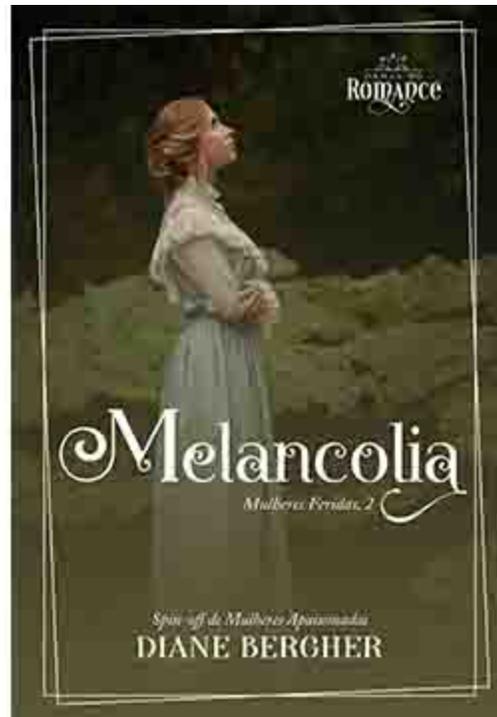
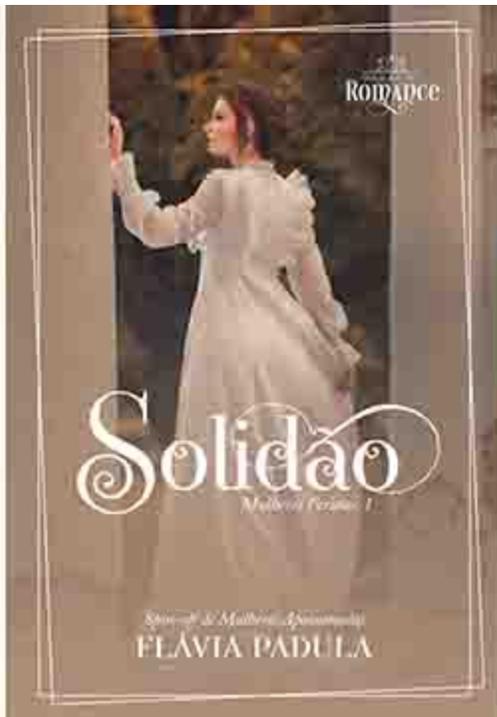
Bravura, Diane Bergher – [Clique aqui!](#)

Coragem, Flávia Padula – [Clique aqui!](#)

Sinopse:

Raleigh é uma pequena cidade próspera da Cornualha, onde as minas de Carvão movimentam a economia; até que uma explosão acontece e vinte homens morrem soterrados. O administrador John Monroe e o chefe das minas Marvin Hughes são acusados de sumirem com todo o dinheiro da empresa, além de explodirem a mina para se beneficiarem do dinheiro do seguro. Caberá às viúvas Gladys Monroe e Alexia Hughes provarem a inocência de seus maridos e ainda ajudarem as outras dezoito viúvas a terem um pouco de dignidade, quando a única coisa que o novo

administrador da mina e o advogado por ele contratado querem é se livrar delas.



Mulheres Feridas

Disponíveis na Amazon!

Solidão, Flávia Padula – [Clique aqui!](#)

Melancolia, Diane Bergher – [Clique aqui!](#)

Sinopse:

Elas tiveram suas almas feridas e talvez nem o amor consiga resgatá-las da melancolia e solidão a que foram confinadas pela ambição de homens de pouco valor.

Mulheres Feridas é um spin-off de Mulheres Apaixonadas e conta a história de duas mulheres cujos destinos se entrelaçaram para que a dor e o abandono não as consumissem e para que elas tivessem motivos para lutar pelos seus sonhos.

A I M P O S T O R A

Sobre a autora



DIANE BERGHER é gaúcha de nascimento. Adotou Florianópolis como o lugar para viver com o marido e filho. É advogada com duas especializações na área e formação em coaching e mentoring. Uma leitora compulsiva e escritora por vocação, acredita que sonhar acordada, fantasiar mundos e transformar realidades é a vocação da sua alma. *Quando Ela Chegou*, sua primeira obra, foi lançada na internet. Com um texto

delicado e sensível, o romance conquistou o público feminino do site em que está hospedado.

A I M P O S T O R A

Contato

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Facebook](#) | [Instagram](#) | [Twitter](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!

Notas

[←1]

O jogo de tênis é muito antigo, as primeiras partidas datam da Idade Média e era jogado apenas com o uso das mãos. A partir do século XVI foi introduzido o uso de raquetes; fazendo com que o termo tênis fosse adotado para nomeá-lo. Um fato ainda mais curioso é de que o Rei Henrique VIII, da Inglaterra, era um dos seus praticantes mais entusiasmados.